

REVISTA DA SEMANA

N.º 42
20-10-1945
CR\$ 1,50

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL





KOLYNOS

AUMENTA
A SIMPATIA
DO SORRISO

A mulher que deseja ser mais simpática e mais agradável aos outros deve usar o KOLYNOS. Este produto é muito eficaz para aumentar a simpatia e o sorriso. Ele atua sobre a musculatura da face, tornando o sorriso mais agradável e mais atraente. O KOLYNOS é um produto muito seguro e muito eficaz. Ele é indicado para todas as mulheres que desejam ser mais simpáticas e mais agradáveis aos outros.

É COMO SE DIZESSE

KOLYNOS

ELEGANCIA E BOM TOM

COMO é doce deixar-se embalar pela valsa e ser levado pela música aos reinos dos céus, amparado pelo suave enlêvo da dança, sentindo o perfume inebriante do par! Cessou, porém, a orquestra (um cavaquinho, uma bateria, um pistão e um banjo) e o meu sonho teve fim. Estava de fato elegante a "soirée" de dona Filó. A saleta mal comportava os seus convidados. Pela janela entrava o aroma das flôres de sabugueiro plantado no jardim cimentado, em latas de querosene. Lá fora a chuvinha fina. Cá dentro a música, a alegria, a mocidade em festa.

Mme. Juju num delicioso costume bege. Quem sabe a história do costume de dona Juju é Lili, aquela morena "charmante" que está dançando com o rapaz da casa. Lili sabe, aliás, a história de todos os costumes de dona Juju e dos costumes dos demais convidados. Lili é um verdadeiro gabinete de informações. Informa mui confidencialmente, olhando para os lados, a ver se há mais alguém ouvindo. E quando há ela se cala, para poder contar mais tarde o caso a terceiros.

Agora os meus olhos se desviam de Lili para Maria Lucia, que está parada junto à porta, conversando com Nize. Nize traz uma deliciosa "toilette" azul, presente da prima rica de Copacabana, que a achou fora da moda. Isto também, aqui para nós, foi Lili quem me contou. Lili conta tudo, fala de todos. E quando alguém lhe pede para falar de si mesma, ela diz com um sorriso: "Não seja amigo da onça!".

Lili, agora, chegou à janela. Aproximo-me. Olho a rua, onde a chuva cai como uma carícia. Da outra banda do passeio os indesejáveis componentes da "comissão do sereno" estão "peruando" a elegante "soirée" de Mme. Filó. Lili dá adeus para um deles.

Na sala a música continua a acariciar os meus sentidos. Lá fora os rapazes conversam em voz alta, à espera de uma oportunidade para "penetrar" no baile. O resto é silêncio.

Volta da cozinha Mme. Filó, trazendo uma bandeja de deliciosos "chopps" e "sandwiches". Avanço elegantemente em dois de patê e um de salsichas. Não sei por que, muitos cronistas sociais julgam pouco distinto o aparecimento de "cachorro-quente" nos bailes "rafinés". Eu, pelo contrário, o acho delicioso. Peço a Mme. Filó para "reformular" o meu "chopp". E ela, num acento de distinção e elegância: "Ora, "seu" G. de Aô, o senhor é de casa. Vá lá dentro e beba à vontade". Fui. Quando ia saindo, Lili deu um berro com uma discreção "três jolies": "Traz um "chopp" p'ra mim". Respondi de improviso: "Trago um para ti". Lili achou admirável o trocadilho. Aderi à "comissão de cozinha" e me esqueci de Lili, que sabe tão bem contar casos dos outros. E quando volvi à sala ela já havia saído, dizendo que "tinha de pegar o batente logo cedo".

Na sala continuava o desfile magnífico de elegância e bom-tom. A "turma do sereno" havia se dispersado. Mme. Juju continuava impassível e inacessível, dentro de seu costume bege. A música executava agora uma valsa de Strauss. Embevecido por êsse ambiente de sonho, só dei por mim já madrugada alta. Despedi-me às pressas. Apanhei discretamente, a um canto, o guarda-chuva do dono da casa e ganhei a rua. Trazia nos bolsos alguns salgadinhos, para ir bicando pelo caminho. Cá fora a chuva acariciava a epiderme dos madrugadores que se dirigiam à estação suburbana. Lá dentro a música continuava. Caminhei orgulhoso, pensando na inveja que teriam os meus colegas das crônicas sociais, quando lêssem o relato da elegante "soirée" de Mme. Filó. A busina do trem se fez ouvir e comecei a correr. Trazia na memória a grata lembrança do elegante "sarau". Estava um sonho a "soirée" de Mme. Filó. "Rafinée", pois não...

20-10-1945

ANO XLVI - N. 42

NESTE NUMERO

REPORTAGENS

Buenos Aires às pressas (Waldemar Torres)	4/5
"...E assim é a América"	9/14
Figuras e Fatos	24
Jockey Club Mundano	42

LITERATURA

O imenso talento de Pacheco (Eça de Queiroz)	16/17
O Cache-Col (Tristan Bernard)	23
O Grande Susto de Pacífico (Alberto Morais Cardoso) ..	26
Miragem (Jesy Barbosa)	33
Desafio (Edgar Wallace)	34
Quadros e Contrastes (Escagnolle Doria)	35
Livros Novos (J. L.)	36/37

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Cinema (C.) — Música (Roberto Lyra Filho)	20/21
Artes Plásticas	28
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	29

FEMININAS

Para os dias quentes	30/31
Penteados ..	32
Noivas e Mocinhas	38/39
Outros Modelos	48 e 50

CURIOSIDADES

A obra do Aleijadinho na pintura de Ismailovitch	19
Poesia e carvão em South Wales	22
Os cegos também produzem	40/41

NOVELA

"Ressurreição"	51/52
----------------------	-------

CARICATURA

De Bom Humor	25
"Charge" de Raul	50

AVULSA

Os Concursos da REVISTA DA SEMANA	8
---	---

No cinema chama-se Rita Hayworth, nome com que se popularizou e conseguiu ascender ao estrelato. Na vida real é mrs. Orson Wells, esposa do ator, criador de "Cidadão Kane" e mãe de uma futura "estrela" de Hollywood.



NA
CAPA

Buenos Aires às pressas

WALDEMAR TORRES

Especial para a "Revista da Semana"



Waldemar Torres, autor deste artigo sobre Buenos Aires, em um flagrante batido na capital portenha, vendo-se, ao fundo, o Edifício Cavanagh, na Praça San Martín.

(N. da R. — O autor desta crônica regressou de Buenos Aires uma semana antes das ocorrências políticas ali verificadas, culminando com a deposição de Peron.)

O avião chegara a Buenos Aires às 5 da tarde, e até 7 da noite foi tudo muito bem — mas depois, eu que conhecia Buenos Aires de duas outras visitas anteriores às consequências de Munich, tive um choque: à noite, Buenos Aires, que conhecera tão cintilante, mostrando com vaidade o engenho, a arte e o arrôjo dos seus fazedores de letreiros e anúncios luminosos, e o apetite respeitável de seus comerciantes de gastar bom dinheiro em publicidade para o "Buenos Aires la nuit" — estava quase às escuras!

Um crime, uma coisa assim naquela terra, cidade que morre de amores por uma vidinha de rua justamente quando nós aqui procuramos nossa casa. Mas o portenho e os turistas não têm remédio senão sofrer o pesado racionamento imposto pela guerra — e de qualquer modo há vida noturna e da melhor qualidade. Meio macambúzia, é verdade, mas ainda assim cheia de vigor.

Isso talvez queira dizer que Buenos Aires, agora, à noite, não é tão bela quanto o

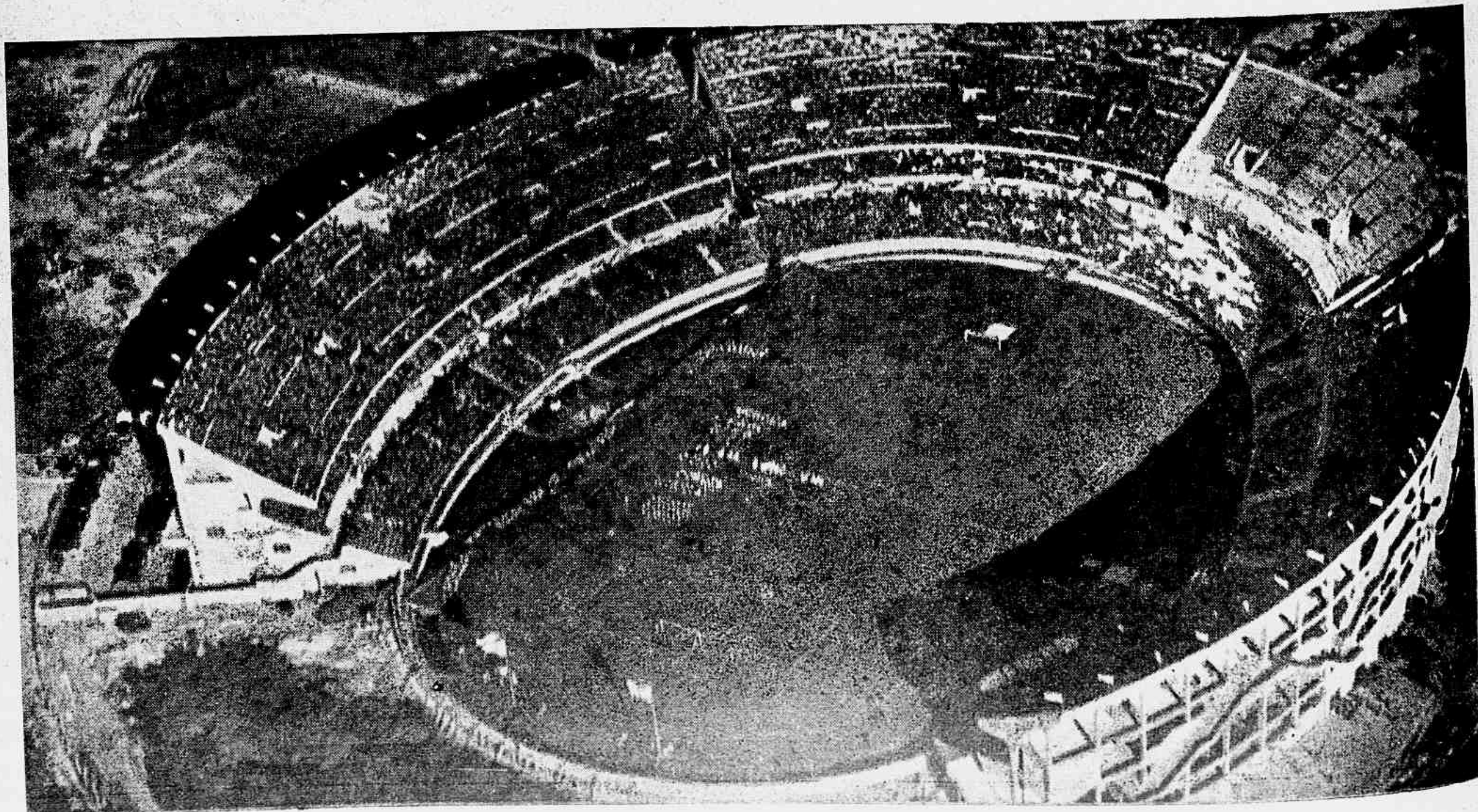
foi, mas vingava-se disso durante o dia, mostrando seu comércio mais opulento que nunca, suas ruas limpas, sempre varridas, asseadas, coisa que lá a guerra não conseguiu atraparlar...

E' depois das 5 da tarde que começa a grande hora de Buenos Aires, com suas ruas, confeitarias e confeitarias-espetáculos, cinemas, teatros, boîtes — tudo repleto, tudo no "brou-haha" bem seu, que parece misturar ecos de New-York e de Paris. Buenos Aires continua no seu hábito de jantar às 9 da noite, de sorte que das 5 às 8 as confeitarias e os bars regorgitam. Nunca se deixará de associar Buenos Aires a Paris. "Paris de la America Latina" foi durante muito tempo o "slogan" da capital do Prata para seus fins de turismo. E ainda é assim, no que se refere a uma cidade bem traçada e caprichosa, faceira, elegante, verdadeiramente cosmopolita, boêmia, inimiga de ir cedo para a cama... Porque com todo o racionamento ranzinza, talvez exagerado, que anda por lá, de energia elétrica, seus 28 teatros funcionam diariamente para muito público, suas centenas de cinemas — alguns espetacularmente grandiosos e luxuosos, como o "Normandie", o "Premier", o "Gran Cine Odéon", o "Monumental" — suas originais e cativantes confeitarias, seus night-clubs, com o "Tabaris" à frente com a orquestra Santa Paula Serenaders, que parece disposta a fazer ali 10 anos de casa — confeitarias, cinemas, night-clubs, dizíamos, e até boliches,

tudo repleto, estuante de vida e de pesos, parece que tudo muito distante dos Perons...

As confeitarias-espetáculos merecem destaque. "Príncipe", "El Tronio", "Luba" e "Goyescas" são as principais. Consumo obrigatório em qualquer uma: 3 pesos — uns 17 cruzeiros, com os quais, se não se quiser um bom drink, nos servem chocolate, chá e saborosas gulodices e à farta. Enquanto não começa o show há orquestra — e quando o show começa vem divertimento do melhor, sem que lhe falte a nota espanhola: há sempre ou uma cantora de peteneras, ou bailarina, ou um cantaor ou bailarín flamenco. E haja ouvido para castanholas! O espetáculo da "Príncipe" — ambiente andaluz levado a sério, tem 2.000 poltronas, umas 500 mesas — e oferecia há dias, como número de resistência, Libertad Lamarque, ganhando aliás a ninharia de 2.000 pesos diários, num contrato de 20 dias... Mas os outros números também eram resistentes, como Gloria Fortuny, a espanhola mais incendiária que já vi num palco, depois de Carmen Amaya, a labareda que dá clarões ao palco do "Avenida", numa temporada que está sendo um acontecimento de verdadeira arte e beleza, uma das coisas mais completas e impressionantes que já vi em teatro com música. "Goyescas" oferecia Alfonso Ortiz Tirado, o que não é pouca coisa, além de Palitos, de volta a Buenos Aires e levando o público ao delírio. "El Tronio" mostra um declamador impressionante. Estão em moda os declamadores espanhóis, chega-

Não é novidade dizer que em Buenos Aires a febre do "foot-ball" dá tão forte ou mais forte que aqui. Há várias enormes praças de esportes na Capital. Esta é a do River Plate. Há dias dizia-se lá: "A coisa mais impossível deste mundo é esta: o Racing tirar o campeonato". E logo acrescentavam, bem baixinho: "Mas há outra mais impossível ainda: o Peron deixar o poder". Quer dizer que agora os "fans" do Racing criaram alma nova...



dos al dia de Madrid, mas que talvez não tenham, coitados, afinidade alguma com Franco, que por sinal é desancado sem piedade nos espetáculos de revistas de Buenos Aires. Como esses cavalheiros não declamam as virtudes do Caudilho, vai tudo bem. Há alguns excelentes, embora não sejamos partidários da declamação em calças e talvez preferíssemos uma versão portenha, ou madrilenha, mesmo de uma dona Maria Sabina.

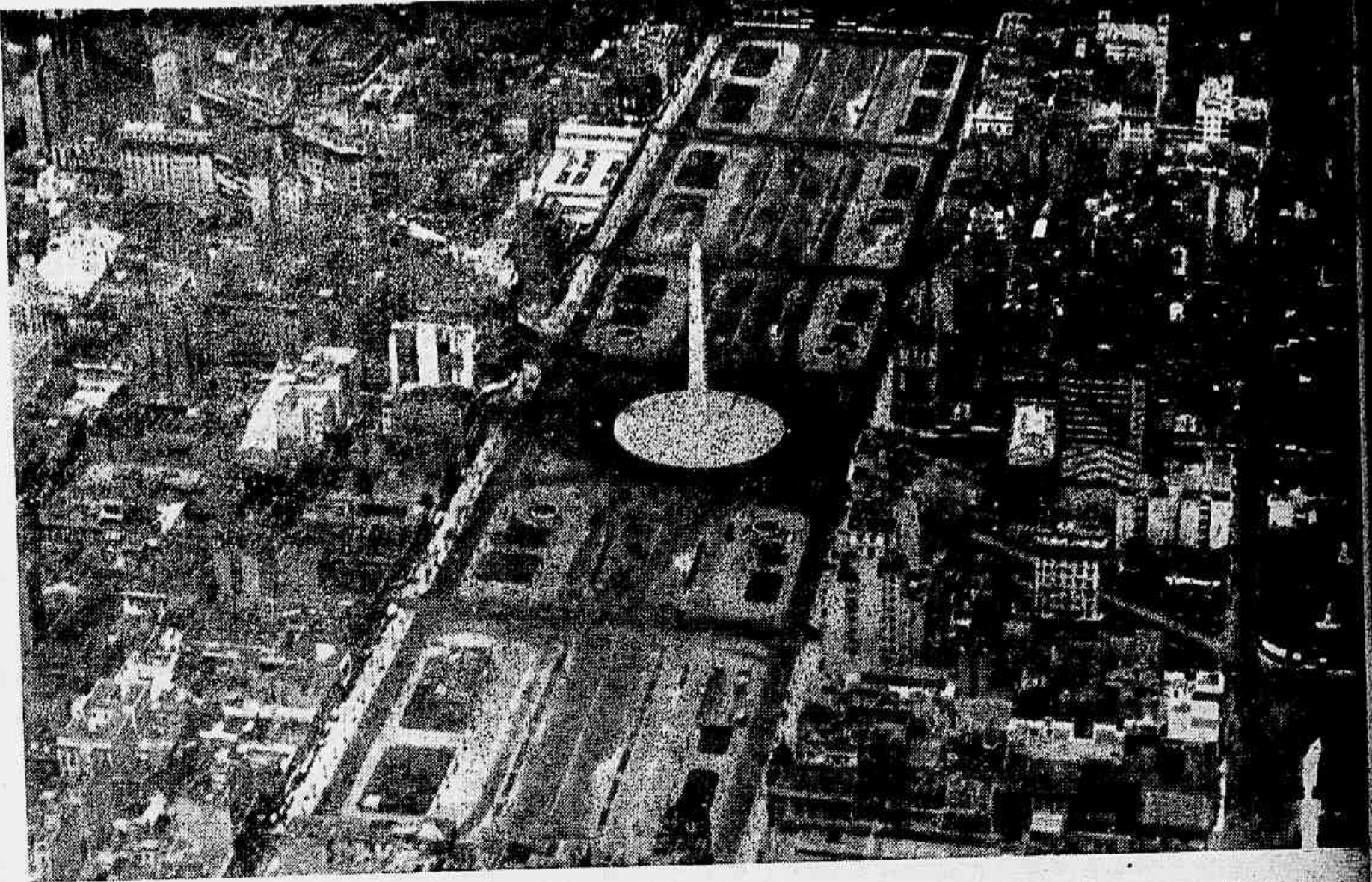


Com 28 teatros funcionando, Buenos Aires é um banquete para o "fan" de teatro que vai daqui. E fala-se lá em crise teatral! Agora só há 28 funcionando, com o "Colon", que abre no mínimo duas vezes por semana, e onde vi a aparatossíssima encenação do "Oberon" de Weber, proeza que no Rio não se faz, dizem, há 30 anos. Vimos tanta coisa! Por exemplo: Berta Singerman — agora com os cabelos de fogo, mas sempre com aquela mesma música na voz, dando "La Dama del Mar", de Ibsen, numa companhia que parece fazer tudo com fervor religioso — e vimos sua irmã — não de Ibsen, de Berta, Paulina Singerman, essa sempre frívola, embora sempre amável também, às voltas com mais uma peça inconsequente de Insausti e Malfatti: "Una Candida Paloma". Tita Merello, **vampiresa** dos pés à cabeça, mais bonita em pessoa do que no espetacular material de reclame (como o teatro lá cuida do material de reclame!), mas apesar disso boa artista, é uma das comediantes de classe. Luis Sandrini continua popularíssimo, como o é Alberto Castillo, como Sofia Bozan, um motivo para que se assista sem aborrecimento maior às revistas do Maipo, fracas como tôdas as revistas de lá, onde o gênero (o espetáculo dura pouco mais de uma hora) parece pretêxto apenas para fazer tempo enquanto não se vai a outro espetáculo... Alicia Vignoli está à frente de um espetáculo musicado caríssimo — "El Tango en Paris" — que infelizmente termina num dramalhão tremendo, ao lado do qual o "Amor de Perdição" pode parecer peça tão leve quanto as açucaradas comédias feitas por Iglesias para Eva Todor... Há lá elementos brilhantes: Mario Fortuna na revista; Isis Blasco, inteligente, esfuziante; Eloisa Canizares, que enfrenta muito bem em cena a personalidade absorvente de Berta Singerman... Não há espaço nem tempo para um comentário sobre outros espetáculos, outros "astros" e outras salas. Mas frisemos ainda que no "Teatro Comico", com sucesso, está a Companhia Lola Membrives com peças de Benavente. Não atinamos com o fato da publicidade frisar com insistência que a temporada está sendo feita com a presença de Don Jacinto Benavente. Que interessará ao público, já que ele não é o ensaiador, a sua presença, se ele, àquelas mesmíssimas horas dos espetáculos, deve estar num quarto de hotel cozinando seu reumatismo e sua bronquite?...

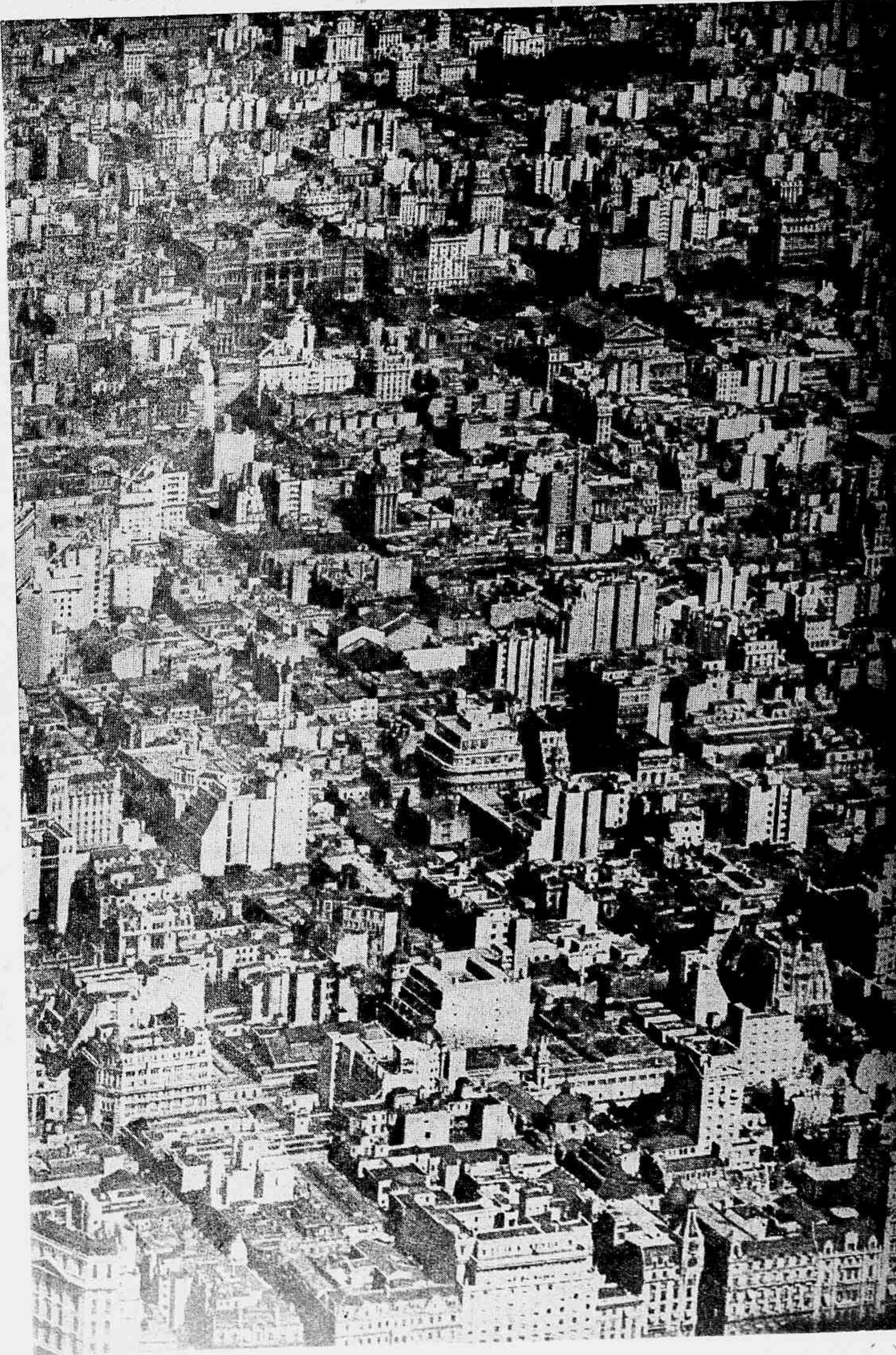


E' um fato o cinema argentino, que já ganhou grau 10, há algum tempo, no som e na fotografia — e foi além: tem "tratamento", tem material humano do melhor, tem uma

(Continua na pág. 43)



O obelisco é agora o símbolo de Buenos Aires. A histórica Plaza de Mayo e a Avenida de Mayo já passaram. Buenos Aires vibra mais agora dali onde está o obelisco até o fim da broadwayesca Calle Corrientes e adjacências. E a nova Avenida 9 de Julio, ao centro da qual está o obelisco, está se dourando de dia para dia. Seus terrenos, pouquíssimos, atualmente, custam milhões e milhões. Como a Avenida foi aberta e inaugurada há uns 6 anos, parece, escapou de se chamar Avenida Coronel Juan Peron...



A SEMANA EM REVISTA

A VOLTA DE NIJINSKY



Em 1911 deixava a Rússia, para embasbacar o mundo com a sua arte insuperável, o bailarino Nijinsky. Durante anos Paris, Londres, Roma, Bruxelas e as capitais do Novo Mundo calejaram as mãos aplaudindo o grande mestre russo. Depois, Nijinsky enlouqueceu. Não mais se ouviu falar dele, até que Romola, sua esposa, publicou a biografia do maior dançarino de todos os tempos. E ela, dedicada, fiel, acompanhou o artista em sua peregrinação dolorosa pelos hospitais de psiquiatria de toda a Europa. Um dia, bateram em Paris. Serge Lifar foi visitar o mestre no hospício. Dançou para ele, esperando que assim Nijinsky recuperasse a memória há muito perdida. Nijinsky olhou para aquilo com um ar alheio, de leigo.

Quando porém o outro deu um passo sensacional, o grande bailarino levantou-se e executou um salto triplice, como só ele o sabia fazer. Recaiu porém em sua amnésia. E, até hoje, foram baldados todos os esforços para que ele recuperasse a memória. Muitos anos passaram-se de novo, assinalados pelo silêncio que se fazia em torno da legendária figura de Nijinsky. Até que, durante a ofensiva aliada contra a Áustria e a Hungria, correu por todo o mundo a notícia de sua morte. Lamentado por muitos, chorado por alguns, comentado por quase todos, o acontecimento se apagou entre os telegramas de novos bombardeios e de novas vitórias. Eis senão quando, entrando os russos em Viena, vão encontrar o grande bailarino num apartamento do Hotel Parker, assistido em sua infelicidade de louco pelos cuidados maternos e sublimes de Romola. Nijinsky apareceu num "shot" cinematográfico, à porta do hotel, cansado, abatido, apático.

Um dia, porém, é levado a visitar um acampamento cossaco nos arredores de Viena. Entre as barracas de lona, os soldados bailavam ao som das harmônicas e das balalaikas. Dois deles se exibiam em saltos acrobáticos na dança típica das aldeias do Don. Um dos circundantes, alegre e sorridente, apresentou uma garrafa a Nijinsky, perguntando:

— Wodka, tovaritch?

— Da, da — respondeu o dançarino. E emborcou uma boa talaçada. Ao terceiro gole, pulou para o centro da roda e pôs-se a dançar, como nunca o tinha feito nenhum cossaco. Foi aclamado calorosamente por todos. Voltou ao hotel e perdeu a memória. Foi assim que um pouco de aguardente fez renascer um gênio.

FOI-SE A PRIMEIRA POMBA



Não! Não havia traidores na Europa. A acreditar nas palavras dos quinta-colunas transformados à última hora em sentimentalistas chorosos, Quisling era um anjo, Laval um santo. Como ninguém sabia o destino de Hitler e seria difícil capturá-lo vivo, a ele cabia toda a culpa, e todos os seus asseclas eram apenas vítimas da lábia desse espertalhão, que os ludira em sua boa fé. Goering, uma vez preso, exigia tratamento de príncipe. E mostravam-se todos arrogantes e soberbos diante de seus captores. Laval estava convencido de que jamais o povo da França teria coragem de mandá-lo ao cadafalso ou ao muro. Mas veio o julgamento e ele foi condenado à morte. Presos a um bisanilismo idiota, os seus advogados procuraram De Gaulle, pedindo clemência e alegando que o processo não seguia os trâmites legais. O velho guerreiro ouviu aquela afronta feita à França de pé e em silêncio. Tinha porém na memória os dias trágicos de Dunkerque e as lutas da África. Esperou que os advogados terminassem a explanação e despediu-se dos mesmos com estas palavras:

— Fuzilamento na segunda-feira.

A aurora de segunda-feira entrou na cela de Laval. O traidor procurava tardamente o ramo da figueira — o Judas procurava envenenar-se. Mas fracassou o seu intento. E foi levado ao pátio da execução. Quis aí fazer o herói, trabalhar de mártir. Pediu que o deixassem comandar o pelotão de fuzilamento. Mas um traidor como ele não poderia ter tal direito. O oficial deu voz de fogo. Com quatro tiros na cabeça e sete no tórax, o bandido tombou ao solo. Ainda vivia. Foi necessário que o comandante da escolta se aproximasse e acabasse de matá-lo com o tiro de misericórdia desfechado à queima-roupa. O projétil alojou-se à altura do ouvido e Laval morreu.

Muitos estão agora chorando o irmão falecido. Já morreu tarde, dizemos nós. Que Goering e todos os outros sigam o seu exemplo, é o que esperamos. Quanto a ti, Pierre Laval, chefe do governo de Vichi, traidor da França, amigo de Mussolini, irmão de Hitler. Quanto a ti, Pierre Laval, não podemos te desejar mais nada: que a terra te seja leve, Pierre Laval. Que a terra te seja leve... com o Corcovado por cima.

OS ENVENENADORES DO RIO



Há muito tempo que, forçado pela carestia, o carioca se acostumou a almoçar um "sandwich" e jantar uma média. Pela cidade se espalham as casas de "lunch" em pé, confeitarias que fornecem a uma multidão de pequenos burgueses e operários, em troca dos seus fracos cruzeiros, salsichas e salgadinhos com que eles tapeiam o estômago à espera de melhores dias.

Tudo estaria entretanto muito bem, se a mercadoria que essas casas vendem fossem fabricadas com gêneros de primeira qualidade e se as suas vitrines pudessem ser vasculhadas a qualquer hora pelos agentes da Saúde Pública. Acontece entretanto que, visando maiores lucros, muitos comerciantes não se incomodam de que os seus fregueses comam carne sadia ou carne deteriorada. Ainda agora, vem de ser descoberta pela polícia do Rio uma organização especializada em "reformas" de carnes podres. Toda mercadoria deteriorada era adquirida pelos donos de tal empresa a preços irrisórios. Com um pouco de tempêro, uma lavagem rápida e algum trabalho, salsichas, linguiças e outras conservas eram postas novamente em circulação, por preço inferior ao que pediam os fornecedores de artigo de primeira mão. Isto assim, mesmo contado fora de um romance de Upton Sinclair ou de uma história popular, não podia ser verdade. Mas era. Tanto era que os jornais todos noticiaram o fato. A grande organização de reforma de carnes deterioradas agia abertamente, às escancaras, sem que qualquer pessoa se lembrasse de interpor-se em seu caminho. Até que um dia, descobertas pela polícia as salsichas "rebuild", foram feitas diligências no sentido de se apurar a procedência da mercadoria. Ficou constatado então que até carne em decomposição era posta no mercado pelos agentes da terrível empresa.

Nada até hoje conhecemos que se compare a tal fato. Nenhum caso de envenenadores sinistros tem tamanhos requintes de perversidade como esse. Os donos de tal empresa, em vez de serem processados por tribunais populares e cumprirem pena de prisão celular, deveriam, antes, ser alimentados pelos seus próprios produtos, até que arrebatassem. Assim estariam vingados os fregueses de todos os "chins" que consumiam a sua mercadoria.

NAQUELES TEMPOS SAUDOSOS



Naqueles tempos dizia Jesus aos seus discípulos "Deixai vir a mim as criancinhas. Delas será o reino dos céus". Mas não deram às crianças o reino dos céus. Deram-lhes agora, à guisa de compensação, uma semana no calendário de miséria e amargura. Haviam-lhes dado também, algum tempo antes, o dia de Natal. Nesse dia as filas intermináveis de crianças indigentes se estendiam às portas dos estádios e dos palácios, esperando da caridade anual dos potentados e dos nababos uma boneca de pano e uma roupinha racionada, que mal lhes poderia cobrir a carne congelada de terceira. Depois deram às crianças de todo o mundo os bombardeios das cidades abertas. E sobre as cinzas de Sha-Pei, entre as ruínas de Stalingrado as crianças pagaram, com lágrimas de sangue sobre os cadáveres dos pais, um crime que nunca cometeram. Assim tem sido até hoje. Perdido por trás da cortina de fumaça do tempo, a voz do Nazareno se perdeu no deserto. Lembraram-se no Brasil de instituir a "Semana da Criança". Durante sete dias, sete sobre trezentos e sessenta e cinco, algumas senhoras da alta sociedade lembraram-se, em frases bonitas, da infância desvalida do Rio de Janeiro. E renderam homenagem a esses heróis anônimos das ruas, que disputam com os cães pobres o seu pão magro de cada dia.

Falaram todos; disseram o que sabiam sobre a infância, fizeram literatura, contaram casos de meninos desvalidos. Nenhum dos conferencistas da "Semana da Criança", com toda certeza, conhece entretanto "Carapuça", o garoto que vende amendoins na Galeria Cruzeiro, para sustentar a mãe e a irmã. Talvez os organizadores do certame não cheguem sequer a supor que existe no Rio, no fundo de um hospital de tuberculosos, um menino de seis anos, corcunda, um pobre Quasimodo infante, fadado a morrer antes dos dez, por obra e graça da miséria. Não saberão mesmo os filantropos do Rio a história triste dos jornaleiros que dormem sobre os montes de papéis velhos, expostos ao frio e batidos pela fome, à boca das rotativas, à espera da edição da madrugada.

Nenhum desses senhores e senhoras, embora erguessem com a sua boa intenção o edifício da "Semana da Criança", poderá calcular o que seja o drama das crianças da Favela, do morro do Pinto, do Querosene. Talvez nenhum deles tenha jamais chegado até à rua da América. E se chegarem, perderão por certo o seu amor às crianças. Sim, pois ali os meninos recebem todos com nomes felizes e pedradas.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00.
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-3550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9479; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-6602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 321. Tel. 4-7896.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1748, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Pressa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Se publicarem colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Aconteceu...

A reminiscência passou em branca nuvem, onde mais devia ser comemorada: aconteceu exatamente no dia de ontem, 19 de outubro, há quarenta e quatro anos. Foi naquele dia e neste mês que em 1901, em Paris, certo cidadão brasileiro, à época ainda relativamente desconhecido, pôs em prática, uma vez mais, e dessa de modo mais amplo e sensacional, o seu invento aéreo. Chamava-se Alberto Santos Dumont e sacrificava o melhor de sua mocidade, e também de sua fortuna, a serviço de uma causa destinada a prestar relevantes serviços à Humanidade. Para ele mesmo, nada mais desejava além da glória de ter sido o precursor do invento. O problema do "mais pesado que o ar", enquanto o agitavam cidadãos de outros países, era no entanto solucionado pelo quase ilustre desconhecido brasileiro, homem de energia férrea, de horizontes maiores, que não se via compreendido pelos seus contemporâneos. E a 19 de outubro de 1901 essa experiência devia ocasionar-lhe um aparente insucesso. Resultava ferido, mais ou menos gravemente, o brasileiro Santos Dumont, homem que se submetia, ele próprio, o inventor, às experiências de seus aparelhos, não desejando que no risco de vida incorresse seus semelhantes. E por isso ele sofria esses ferimentos, enquanto os célicos, os eternos incrédulos de qualquer movimento precursor, sorriam e cogitavam de outros assuntos de resultado prático mais imediato.

Mas o sonhador de há meio século devia tornar-se o gênio da aviação. Depois, quiseram arrebatá-lhe a glória de precursor, desejando atribuir-se a outros essa iniciativa. Mas são os franceses, testemunhas oculares da tarefa de Santos Dumont, muitos ainda vivos, que se apressam a pôr os pontos nos ii, dando ao brasileiro o que ao brasileiro pertence.

Pena que o êxito desse invento fôsse, pouco mais tarde, desvirtuado para a destruição do homem contra o homem, quando não haviam sido essas as intenções do nosso patriota. Pena que o avião viesse a ser aproveitado, logo naquele primeiro quartel do século, para a mais ingrata e neandá tarefa, a de arrazar em vez de construir. Santos Dumont devia, pouco mais tarde, senão arrepender-se, pelo menos sofrer fortes apreensões. Ele sentia a responsabilidade da sua invenção e o mau aproveitamento que lhe davam os homens. E um dia seu coração não pôde resistir. Estalou, revoltado contra esse desvirtuamento.

Mas a obra ficou. E todos esses milhares e milhares de gaiolas que singram os céus hão de ter, um dia, o seu exato e eficaz aproveitamento: o de aproximar os homens em vez de separá-los. Tal como sonhou o "gravemente ferido" nas experiências de 19 de outubro de 1901.

★

Não, não é de hoje que acontece fazerem-se apelos ao povo no sentido de se realizar uma coleta em benefício de qualquer obra filantrópica, reunirem-se alguns milhões de cruzeiros e, mais tarde, ser descoberto que o dinheiro... o vento levou! Encontramos em um número da REVISTA DA SEMANA de 1907, a rigor publicado em 3 de fevereiro daquele ano, o seguinte tópico: "Um telegrama de Nova York, datado de 15 do passado, dá conta de um novo escândalo. O dinheiro enviado para as vítimas do terremoto de São Francisco da Califórnia foi extraviado. A quantia escamoteada eleva-se a 1.800.000\$000. A pedido do Presidente Roosevelt, com agentes de polícia fazem pesquisas para descobrir os autores do roubo. Espera-se que de um momento para outro se façam numerosas prisões".

A REVISTA não falou mais no assunto, e por isso ficamos ignorando o desfecho do rumoroso caso. Afinal, teriam sido mesmo presos os autores dessa terrível façanha? Porventura seriam encontrados os mil contos de réis, que hoje representam a "ninharia" de um milhão de cruzeiros? Ninguém sabe. Mas que o Presidente Roosevelt, tio de Franklin Delano Roosevelt, mandou com agentes de polícia fazer pesquisas, isso lá está impresso e o tempo não apagou a impressão.

No fim de contas, é muito consoladora essa notícia. Em 1907 já existiam cavalheiros de indústria, sem escrúpulos, que se locupletavam com o dinheiro dado generosamente pelo povo, para mitigar a desgraça das vítimas de uma catástrofe. Em 1907, mil contos iam desviar-se dos canais competentes para os bolsos polpudos de um ou vários indivíduos, desde que para enriquecer não olham os meios, conquanto que atinjam os fins.

E o mais interessante: isso não aconteceu agora, nem ocorreu no Brasil. Aconteceu há trinta e oito anos. Nos Estados Unidos da América do Norte.

★

Os jornais contaram um destes dias, com riqueza de detalhes, o episódio ocorrido em Londres com os soberanos britânicos, por ocasião de uma visita feita à residência de um humilde cidadão do povo, que a essa hora repousava talvez de uma noite esfal-

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!



A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

fante de serviço. O homenzinho, despertado pela mulher, virou-se para o outro lado, bocejou valentemente e limitou-se a mandar que os reis saíssem de mamainho por onde haviam entrado, pois não era hora de recebê-los.

Pois esse episódio tem precedentes na Europa. Curioso incidente semelhante ocorreu na visita de rei e da rainha de Inglaterra, em 1907, à igreja de Santa Chiara, na Itália. Estava o templo fechado, dispendo-se os monges guardiões e irem almoçar. Os reais visitantes bateram à porta, e o sacristão, crendo tratar-se de mendigos, respondeu:

— Vá com Deus. Não há nada que dar.

Eduardo VII desatou a rir da melhor vontade. Um dos membros da comitiva explicou que queriam visitar a igreja. Isso ainda mais irritou o sacristão, que exclamou indignado:

— Não nos incomodem. Isto não são horas de visitar a igreja.

Felizmente para o rei, um general passava no momento e, reconhecendo os monarcas, intimou o sacristão a abrir a porta.

★

Mas, desde que estamos recordando coisas antigas e pitorescas, cabe aqui outro recorte da REVISTA, também publicado há trinta e oito anos passados: "A Academia Internacional de Dança abriu recentemente um inquérito aos principais professores de dança do mundo inteiro. Tratava-se de saber, por meio de discretas perguntas feitas aos próprios discípulos, onde e como estes encontraram a mulher que é já ou deverá ser sua esposa. Segundo uma estatística, mais de três mil professores responderam à Academia. Foram interrogados cerca de 1.100.000 homens casados ou prestes a casar. O resultado é todo em honra da deusa Terpsicore, pois que 75% dos interrogados declararam dever o seu casamento à dança. Nesta estatística a Alemanha é que tem o "record", pois os indivíduos que deveram à dança o seu matrimônio dão uma média de 87%; a França apareceu com 79%. A lista é terminada com a Noruega, com 38%. E a Academia Internacional de Dança conclui com utopia: "A dança é no mundo a mais poderosa alavanca matrimonial".

Isso aconteceu em 1907, quando se dançava muito menos, porém muito mais certimoniosamente. Hoje, os rapazes dançam muito e casam pouco. Talvez sabendo que o casamento poderá deixá-los em uma eterna e agitada "dança de corda bamba... — X

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

Os grandes concursos literários da "Revista da Semana"

CONTINUA REGISTRANDO FRANCO SUCESSO O "PRÊMIO AURELIANO MACHADO" — GRANDE QUANTIDADE DE ORIGINAIS DESTINADOS À SEGUNDA APURAÇÃO — O CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO — CHEGA O PRIMEIRO ROMANCE

Continuam a alcançar pleno sucesso em todos os meios literário do País os três grandes concursos estabelecidos pela REVISTA DA SEMANA, com o principal objetivo de incentivar os valores novos e premiar as verdadeiras vocações. Tanto o concurso de contos como o de romances e de peças teatrais têm atraído a atenção de quantos, desejosos de se iniciarem na literatura, nunca antes encontraram uma oportunidade análoga, que lhes abrisse de par em par as portas da popularidade.

O nosso concurso permanente de contos, que tem como patrono o saudoso jornalista Aureliano Machado, que durante muitos anos dirigiu a REVISTA DA SEMANA e a quem a pioneira das publicações ilustradas brasileiras deve em grande parte o prestígio de que hoje goza no conceito público, tem sido uma oportunidade da qual se valeram muitos jovens para se fazerem lidos. A primeira apuração desse certame, que tem caráter permanente, foi mais uma vitória para o já grande cartel de nosso semanário. Agora, começam a nos chegar às mãos os

originais de contos destinados à segunda seleção, a ter lugar no dia 2 de janeiro de 1946, na redação da REVISTA DA SEMANA.

O "Prêmio Apolônia Pinto" tem sido também outro motivo de grande interesse por parte dos intelectuais novos, que vêem nesse magnífico certame, que lhes faculta a quantia de Cr\$ 10.000,00 em sua estréia, um justo prêmio ao seu labor e à sua inteligência.

Assim como os outros, o concurso de romances. Dando aos novos uma magnífica oportunidade de lançar o seu livro de estréia, o "Prêmio REVISTA DA SEMANA" é um grande estímulo a quantos queiram se iniciar na difícil e espinhosa carreira de romancista.

Esses concursos são mais um motivo de orgulho para nós, porquanto vemos hoje que eles alcançaram plenamente os seus objetivos e foram compreendidos por todos os nossos leitores os nossos intentos e o nosso trabalho.

BASES DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

(2.ª apuração)

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

De três em três meses, seleção de dois contos literários, que serão publicados nas páginas da REVISTA — Temas de preferência brasileiros mas também generalizados — Uma oportunidade para os novos — Cr\$ 100,00 para o autor de cada conto publicado

- 1) O prazo para o segundo concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de dezembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, enredo, estilo e unidade de ação no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminada o prazo do segundo trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que se serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores podem usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos tem como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 2 de janeiro de 1946, será iniciado o 3.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
- 11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

AVISO IMPORTANTE

Pedimos às pessoas que queiram concorrer à segunda apuração de nosso concurso de contos, o obséquio de, quando trouxerem pessoalmente os seus originais, entregá-los diretamente ao sr. Celestino Silveira, ou a um redator desta Revista, na sede da mesma, à rua Visconde de Maranguape, 15 — 1.º andar, a fim de evitar possíveis extravios.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

Cr\$ 10.000,00 para o primeiro classificado, oferta do Clube Ginástico Português — Representação das peças colocadas em 2.º e 3.º lugares pela Escola Dramática da mesma instituição — As peças continuarão pertencendo exclusivamente aos autores

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "Prêmio Apolônia Pinto", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro da corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.

- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto ao tema e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Banaeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais; e Flávia Faria, pela Casa dos Artistas.

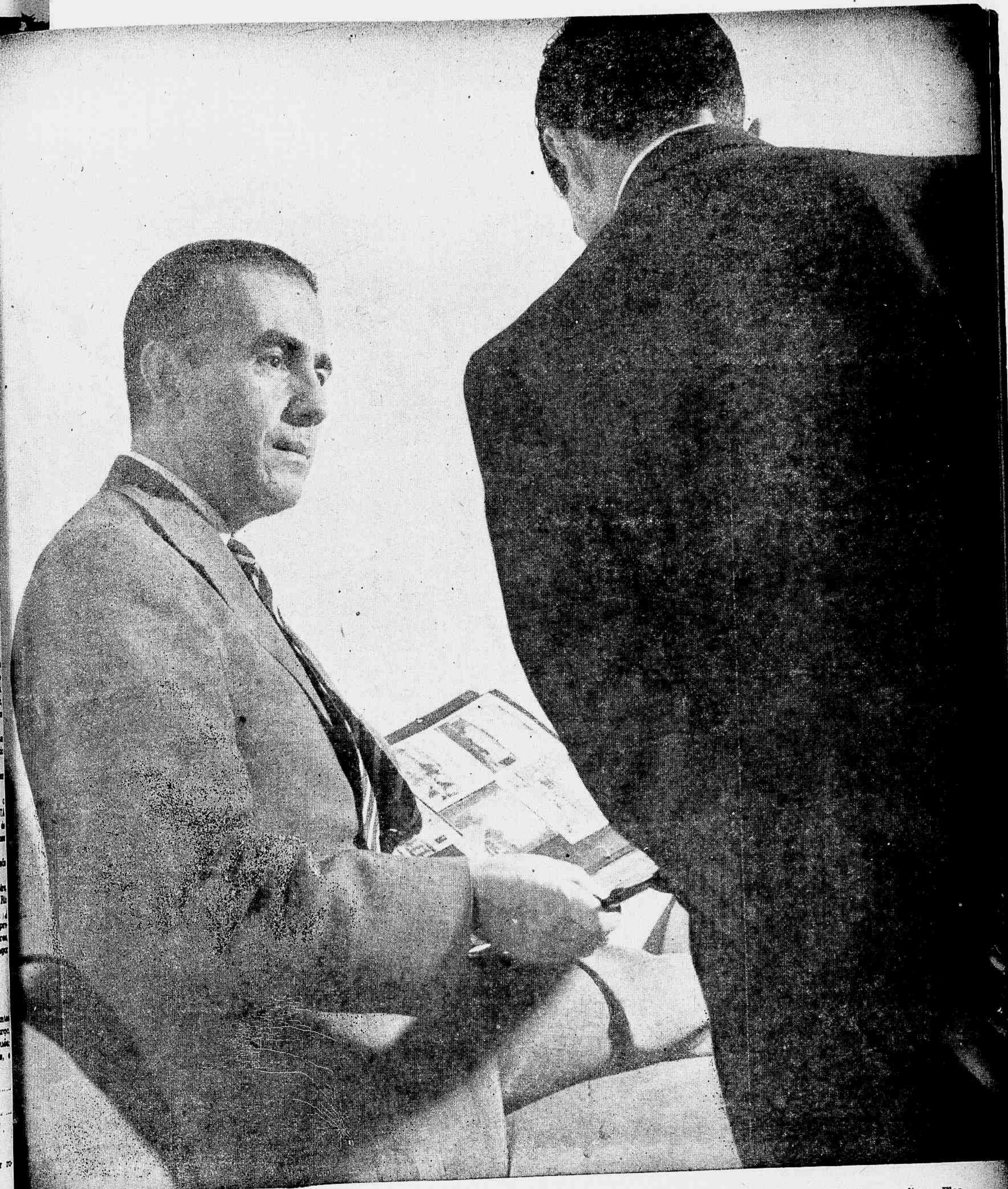
CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

- 1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
- 2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) consistirem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo, obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entretanto entendido que os temas podem obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir, acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, o que facultará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.
- 7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 30 de novembro de 1945.

CHEGA O PRIMEIRO ROMANCE

Recebemos a semana passada o primeiro original destinado ao Concurso de Romances — "Prêmio REVISTA DA SEMANA". Trata-se do livro inédito do sr. Fernandes Bastos, intitulado "Viagem de Volta".



ALBUM DE RECORDAÇÕES — Erico Verissimo mostra ao reporter o album de fotografias da América. Há muitas recordações da Califórnia e de outros Estados nesse livro. Elas marcam a passagem do escritor brasileiro pelos Estados Unidos, e são para ele como que um diário ilustrado dos dois anos mais felizes de sua vida.

“...E ASSIM É A AMÉRICA”

FALA ERICO VERISSIMO

UMA REPÚBLICA CEM POR CENTO DEMOCRÁTICA — ONDE O TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM. FORA DOS LIVROS DE MORAL — A CONCEPÇÃO AMERICANA DAS QUATRO LIBERDADES — O GATO PRETO VOLTA AO BORRALHO

QUANDO Erico Verissimo começou a falar, um mundo desconhecido abriu-se diante de nós. Ele nos levou, através de uma entrevista, entre um cafezinho e uma despedida, às cidades vastas dos Estados Unidos, aos laranjais extensos da Califórnia, às plantações da Virginia. Com ele estivemos no Arizona e em New York, com ele visitamos museus e exposições, estaleiros e teatros.

Penetrámos com ele a alma de um povo heterogêneo e multiforme; com ele vasculhámos os corações de cento e trinta milhões de homens. E Erico Verissimo continuava a fa-



AULA AO AR LIVRE — Além das inúmeras conferências que pronunciou em várias cidades dos Estados Unidos, Erico Veríssimo lecionou, em caráter permanente, literatura brasileira numa universidade e em um colégio. Ele-lo aqui ministrando uma lição de português a uma turma de alunos, entre os quais figuram muitas moças. Erico lê para os seus alunos algumas passagens de seu livro de impressões sobre os Estados Unidos, colhidas durante sua primeira viagem.

lar, contando as histórias da América, as paisagens da América, os homens da América:

— Foram os dois anos mais felizes de minha vida — disse ele — aqueles que passei nos Estados Unidos, em contacto com o povo americano, participando de suas alegrias e de suas dores, dormindo sob teto com que a sua hospitalidade me abrigou, comendo à mesa que a sua generosidade me ofereceu. Hoje estou de volta ao Brasil, pois acho que nenhum escritor digno desse nome pode permanecer muito longe de sua terra. Mas voltarei à América do Norte tão logo seja possível.

— E o que pretende fazer nessa nova viagem?

— Apenas continuar o que iniciei. Propus-me divulgar, na medida do possível, entre os americanos, conhecimentos da literatura brasileira e de tudo mais que possa trazer uma noção mais nítida do que seja a nossa terra.

— E há realmente um grande interesse dos americanos em conhecer melhor o Brasil?

— Há. É verdade que nem todos se interessam pela nossa literatura. Nem isto seria possível. Entre as classes cultas, isto é entre os que se interessam pelas coisas da arte e das letras, há um grande interesse não só em conhecer o Brasil como em conhecer tudo o mais. Este interesse revela-se, em toda a sua plenitude, no grande sucesso que obtém sempre as conferências realizadas nos Estados

Unidos, versem elas sobre qualquer tema. Principalmente entre as mulheres americanas há o que se pode chamar, perdoado o lugar comum, uma grande sede de saber. E, considerando, aliás muito justamente, que as conferências são o melhor meio de propagar cultura, os estadunidenses não perdem uma destas palestras literárias, científicas ou políticas. Basta que se anuncie uma conferência, para que acoira ao lugar marcado uma multidão curiosa e ávida de novos conhecimentos. As minhas palestras tinham sempre uma grande frequência. Terminada a explanação, era facultado ao auditorio dirigir-me qualquer espécie de perguntas. E nada me satisfazia tanto quanto a quantidade de interrogações com que os americanos me crivavam. Isto vinha provar que eles não se metem num salão de conferências apenas para fazer figuração ou "fairol".

— Quer dizer que não há na América essa classe de intelectuais "snobs" que aqui se mostra tão numerosa?

— Isto há. Mas os "snobs" desaparecem entre os milhares de pessoas que gostam de fato de literatura. É verdade que o interesse pela literatura séria não é geral. Ao contrário do que se pensa aqui, um americano da classe operária ou da classe média não se interessa por Cervantes, nem sabe quem foi Tolstói.

— O que o povo compra então é apenas o romance policial...

— Não. O romance policial é lido, em geral, nas bibliotecas de aluguel, onde por poucos centavos lhes é facultado o empréstimo de muitos volumes. Quanto aos livros sérios, literatura propriamente dita, a coisa se passa mais ou menos como aqui, respeitadas as proporções. Uma tiragem de vinte mil exemplares não pode ser considerada como pequena. Essa história de edições de milhão e mais acontece uma vez ou outra no século. O que verdadeiramente se vende são os "screen plays", cujas versões cinematográficas fazem sucesso. Nada há que ajude tanto um autor quanto um filme extraído de sua obra.

— E os seus livros? Não é provável que venham a ser filmados?

— Não tenho esperanças a esse respeito. Os meus livros não foram escritos para o cinema, e penso mesmo que deles não se conseguiria tirar qualquer efeito cênico.

— Mas "Caminhos cruzados" não daria um ótimo argumento para um filme dramático?

— Creio que não. Há nesse livro uma quantidade muito grande de personagens que jamais poderiam ser retratados com fidelidade pela "camera". Aliás quando escrevo nunca penso em cinema. Se meus livros obtiverem algum êxito de livraria, eu me contenterei.

com isto apenas, e já acho que a venda das edições seja um prêmio à altura de meu trabalho.

O GATO PRETO VOLTA AO BORRALHO

A nossa entrevista com Erico Verissimo teve lugar nos escritórios da sucursal da Livraria do "Globo" no Rio. O escritor conversava conosco ora de pé, ora assentado nas poltronas largas, ora ainda debruçado sobre as mesas cheias de livros. Fomos encontrá-lo cercado de um grupo de amigos, uma rodinha literária como muitas outras que se reúnem no Rio. Assim, de início, pudemos constatar que o literário gaúcho, apesar de seu longo estágio na terra de Tio Sam, conserva intactos os seus sentimentos e os seus gostos de brasileiro genuíno. Gosta do cafezinho e da rodinha da turma de amigos.

Na América, entretanto, para melhor assimilar os hábitos "yankees", o escritor teve que abrir mão dessas predileções e agir como um americano autêntico, trabalhando e se divertindo como qualquer pessoa nascida e criada na Califórnia.

E, embora já tivesse enraizados os velhos hábitos gaúchos e cariocas, não lhe desgostaram os costumes americanos, aos quais se adaptou facilmente. É relembrando a sua vida de lá e a daqui que ele nos diz:

— Os Estados Unidos são excelentes para quem não se importe de transformar por completo os seus hábitos rotineiros. Para aqueles que se viciaram em conversar tôdas as tardes no café da esquina, São Francisco não será uma boa terra. Se o forasteiro conseguir entretanto assimilar os costumes da gente de lá, nenhum lugar na terra poderá lhe oferecer uma vida mais bela e melhor. Os Estados Unidos são o melhor país para quem queira trabalhar em sossêgo e se divertir em liberdade. Mas, de tôdas as suas cidades, aquela que pode mais facilmente abrigar um brasileiro é, sem dúvida, São Francisco. Isto porque a grande "urbs" do Pacífico tem muitos característicos de cidade litorânea do Brasil.

— E os costumes de seu povo são mais semelhantes aos brasileiros do que os dos outros Estados?

— Os costumes são, em linha geral, os mesmos de tôdas as grandes cidades dos Estados Unidos. E muito diferentes dos nossos. Quem queira entretanto trabalhar em sossêgo, respeitado por todos e a todos respeitando, encontrará ali o clima ideal para a sua carreira.

— E o senhor conseguiu se adaptar facilmente aos costumes californianos?

— A princípio senti-me um pouco deslocado, o que é muito natural. Mas depois, frequentando os centros de reuniões de tôdas as classes sociais, senti que me cercava uma fraternidade muito própria dos americanos. E, dentro desse ambiente de solidariedade e respeito, passei os dois anos mais felizes de minha vida. Mas saudades eram muitas. E resolvi passar algum tempo no Brasil. Sinto-me feliz em poder assentar-me hoje na mesa de um café e conversar com os velhos. Mas todos eles me falam da América, ansiosos por saber o que se passa ali e qual a minha opinião a respeito de tudo o que se relacione com os Estados Unidos. Assim, dentro do Rio de

GATO PRETO FORA DA NEVE — Longe das neves do norte, em contacto novamente com o sol do Rio de Janeiro, Erico Verissimo continua a trabalhar pelo desenvolvimento da literatura brasileira. Aqui estão duas fotos suas, tomadas no escritório da Livraria do Globo, onde ele faz ponto. A esquerda, aparece o escritor atendendo um dos muitos telefonemas de boas-vindas que lhe estão sendo feitos por amigos ou "fans". A direita, um flagrante do literato no trabalho, com a sua máquina portátil no colo.



Janeiro, por força das conversas e das perguntas, continuo a viver na América do Norte. Mas, olhando a paisagem que me cerca, lendo as "manchettes" dos jornais, ouvindo os comentários políticos, sinto que voltei ao Brasil.

A COCA-COLA E O BLUSÃO NÃO REPRESENTAM OS U. S. A.

Erico Verissimo deixa-nos por um momento e vai atender ao telefone na sala vizinha. Outro amigo que lhe dá boas vindas. A conversa se estende em perguntas sobre os Estados Unidos. O autor de "Gato preto em campo de neve" vai dando assim gratuitamente, através dos fios, as impressões que traz dos Estados Unidos.

Voltando à sala, o escritor senta-se novamente. Lançamos mais uma pergunta:

— Mas os costumes norte-americanos ser-nos-ão de fato um bom exemplo?

— Os Estados Unidos são, em tudo, um grande exemplo. A noção de justiça e de honestidade do povo americano são, sobretudo, um exemplo magnífico e dignificante.

— Atalhámos novamente o autor de "Olhai os lírios dos campos":

— Temos visto entretanto, principalmente nos bairros aristocráticos, uma espécie de abuso de americanismo. Acha que esta imitação seja salutar?

— Esta imitação só nos pode prejudicar. Além disto, ela é um atestado eloquente do nosso atraso cultural. Ainda mais: essa macaqueação tiraria os nossos característicos, baniria do Brasil todo o pitoresco que tem

sido ultimamente tão apreciado pelos "Yankees". Nenhum turista se arredaria, decerto, de Los Angeles, para ver uma baiana assentada na amurada da praia de Itapagipe, de "short", bebendo Coca-Cola pelo gargalo.

Erico Verissimo faz uma pausa. Sorve com gosto a xícara de café que o rapaz trouxe na bandeja. E continua a sua explanação:

— Não é tomando Coca-Cola e usando blusão que um mundo se civiliza. O espírito americano tem sido muito mal compreendido no Brasil. Julga-se aqui que o "yankee" é um homem que se caracteriza por essas exterioridades. Tais futilidades, porém, não podem simbolizar a vida dos americanos. Esta se caracteriza, ao contrário, por uma noção muito rigorosa de responsabilidade e de respeito ao próximo.

A VALORIZAÇÃO DO TRABALHO HUMANO

O escritor permanece com a palavra:

— O que há de mais belo e mais dignificante nos Estados Unidos é o valor que o americano dá ao trabalho. Eles têm a profissão e os seus deveres quase como uma religião. E lá, ao contrário do que acontece em todas as outras partes do mundo capitalista, o trabalho manual é respeitado como qualquer outro mister humano. Enquanto nós, isto é os brasileiros retrógrados, que infelizmente perfazem quase a totalidade da pequena burguesia, nos deixamos levar sempre por um injustificável preconceito social, que nos faz acreditar inferiores os trabalhadores braçais, na

América do Norte eles são respeitados como qualquer outro cidadão, e a sua faina, longe de lhes servir de motivo de degradação, eleva-os ao conceito público e à categoria de bons cidadãos. Enquanto aqui julgamos desonroso o exercício da profissão de garçon, por exemplo, nos Estados Unidos há milhares de jovens que se entregam a esse serviço, para custear o seu curso universitário. E nenhum de seus colegas, pertençam a qualquer classe, deixa de lhes apertar a mão, entrando no restaurante ou café em que ele serve. Durante todo o tempo em que estive na América do Norte — continua Erico Verissimo — nunca observei palavra ou ato que pudesse abrir uma exceção a esse modo de agir dos "yankees". E até mesmo entre os militares pude notar esse espírito de respeito mútuo e de franca camaradagem universal. Quantas vezes, viajando num ônibus, me era dado ver um capitão de mar e guerra viajando em pé, enquanto marinheiros permaneciam assentados nas poltronas cómodas.

Ali é assim: fora da caserna ou do navio, todos confraternizam na ampla e alegre camaradagem americana. A hierarquia é respeitada tão somente como uma necessidade à disciplina militar e ao bom andamento dos serviços.

PERTO DAS TRINCHEIRAS, LONGE DA GUERRA

Soltámos uma pergunta que nos mexia há muito na garganta:

— E a guerra?

"NA AMÉRICA É ASSIM" — Na Livraria do Globo Erico Verissimo encontra-se diariamente com os seus amigos e com eles passa longas horas, "batendo papo" em torno das coisas da América e do Brasil. O que ele viu e observou nos Estados Unidos são conhecimentos que todos os intelectuais procuram obter. E, numa roda de literatos, o escritor vai relatando episódios, descrevendo cenas e emitindo opiniões. Isto, embora não pareça, é uma aula sobre a América.



— A guerra, meu caro, era coisa de que tinha notícia como vocês, através da leitura dos jornais. O americano procurava esquecer-lá o tanto quanto possível, divertindo-se nos momentos de folga, como só eles mesmo sabem divertir-se. É verdade que estive na costa do Pacífico durante os piores períodos da guerra contra o Japão. No entanto, pouco ouvia falar da guerra. Aqui no "Amarelinho" se falava mais em Guadalcanal que na "Barbarie Coast". Estivemos ali em San Francisco, pertinho das trincheiras, mas no entanto ninguém mais do que nós viveu tão longe da guerra.

— Mas então o espírito de combatividade do americano não é uma realidade? O heroísmo de Bataan não passou de propaganda?

— O americano é de fato um grande combatente. Entrou na guerra forçado pela traição dos fascistas. E, uma vez no conflito, portou-se como verdadeiro americano, lutando com elegância e espírito esportivo. Aliás, tudo o que faz o americano do norte fá-lo com espírito desportivo. Eles tinham, é verdade, a consciência nítida de seus deveres de soldados. Nunca falharam onde foi preciso o seu sacrifício e o seu heroísmo. Mas não os levava à luta o idealismo russo ou o fanatismo nazista. Iam para a guerra sabendo o que queriam, mas tinham os campos de batalha como outras tantas praças de esporte. Matakavam contra vontade, mas se saíam para um ataque a baioneta faziam-no como se estivessem investindo contra o "goal" adversário. E quando voltavam de licença procuravam esquecer os horrores da guerra, como se ela fôsse apenas, como de fato o era, um dever custoso, e não, como outros a compreendem, um pretêxto para alardear heroísmo. Assim é a América — desportiva, pacifista. Mesmo dentro da guerra, mesmo nos campos de batalha, o americano nunca perde o seu humor magnífico, nem a sua educação esportiva. Durante todo o tempo em que estive em San Francisco não encontrei um só herói. No entanto conversei sempre com soldados que voltavam do Corregidor e das Filipinas. Mas se alguma vez falei com eles sobre a guerra, o assunto foi puxado por mim. Eles preferiam conversar sobre política, esporte e literatura. San Francisco trabalhava para a guerra, mas se preparava para a paz.

NÃO SE ACREDITA EM PRESOS POLÍTICOS NA AMÉRICA

Aproveitamos uma pausa do escritor para acender um "mata-rato". E quando lhe oferecemos um cigarro, Erico recusou com uma negativa justificada:

— Não fumo. Nunca fumei. Não tenho fígado que aguente cigarro ou bebidas. Aliás, sempre repetia aos americanos, quando eles, esvaziando em minha frente litros de whisky, me ofereciam uma dose: "Não bebo, porque tenho um fígado brasileiro". Os americanos achavam muito justa a minha recusa. Mas, vendo-os beber, custava-me acreditar que eles de fato acreditassem em fígado.

Lançamos outra pergunta:

— Mas espírito alegre e despreocupado é característico de todos os americanos?

— Não. Os americanos se diferem muito, sob qualquer ponto de vista, de acordo com a posição geográfica de sua cidade. Enquanto no Meio Oeste prevalece um puritanismo rigoroso, no sul existe a predominância do tradicionalismo, e no leste um espírito progressista quase radical.

— Quer dizer que não há uma unidade perfeita nos Estados Unidos?

— Há uma unidade perfeitíssima. Ela não é, entretanto, ditada pela língua, nem pela religião, nem pela ideologia política. Já tive ocasião de dizer e posso repeti-lo agora: os Estados Unidos são uma espécie de colcha de retalhos, ligada pela linha de "espírito americano". O que se chama "espírito americano" é algo muito difícil de se definir. Ele

DOUTOR EM LITERATURA — Pela sua conferência pronunciada no "Dia Panamericano", Erico Verissimo obteve o título de doutor em literatura, pela Universidade de Califórnia. Foi agraciado com esse diploma na festa em que receberam títulos honorários da mesma Universidade o dr. Germán Arciniegas, da Colômbia, e Miss Mabel Ray Gillis. Este é um flagrante da cerimônia, quando o novo doutor recebia os cumprimentos do presidente White.

caracteriza-se, entretanto, por uma tolerância irrestrita, a respeito de religião e política.

— Mais ampla do que se pensa. Em virtude, que podemos qualificar como um sentimento religioso.

— Mas há de fato na América essa liberdade política tão ampla?

— Mas ampla do que se pensa. Em virtude dos regimes caudilhistas que atravessamos, não podemos compreender nem sequer acreditar no que seja a liberdade política na

América. É ampla, irrestrita, absoluta. O mesmo acontece com as outras três liberdades. Quantas vezes, no "Columbus Circus" de New York, pude apreciar e ouvir oradores que pregavam, cada um para um grupo isolado, os mais divergentes credos religiosos!

— E quanto à política?

— Para se ter uma idéia do que seja a liberdade política na América, basta dizer que quando falei a alguns amigos de lá, antes da decretação da anistia, que havia no Brasil



centenas de presos políticos, eles não me acreditaram. Alguns de meus alunos, quando aventei o mesmo assunto, pediram-me mesmo que explicasse o significado da expressão "preso político".

— No entanto, ainda têm muito prestígio na América os reacionários como Ford e outros? — perguntámos.

Erico Verissimo faz uma ligeira pausa. Levanta-se, torna a assentar-se. Desce o sobrecenho esquerdo, arqueando o direito, num gesto muito seu. E responde pausadamente:

— Ainda têm prestígio, é claro. Mas estão perdendo terreno. O Presidente Roosevelt foi um passo gigantesco, de muitos séculos, para a perfeição da Democracia Americana. Os Estados Unidos têm defeitos, isso é lógico; mas eles desaparecem diante do que se tem feito lá em matéria de evolução política e social.

O PRECONCEITO DE RAÇA, ÚLTIMA MANCHA

O escritor parece perdido em recordações. E, lembrando os tempos passados no seio da civilização americana, ele retoma a palavra:

— Assim é a América: liberal, democrática, cheia de espírito progressista e desportivo. Há entretanto um profundo erro social, no qual incorrem quase todos os americanos

— o seu preconceito de raça. Contra os negros se voltam os ódios de todos os habitantes brancos dos Estados Unidos...

Cortámos no meio a frase de nosso entrevistado:

— Mas Roosevelt não conseguiu exterminar esse preconceito?

— Roosevelt fez muito. Mas esse preconceito é uma tradição de muitos séculos, que não pode ser banida assim. Aliás, o que Roosevelt não fez foi tão somente porque não podia fazer, porque contra ele se elevavam todas as forças da reação, que ainda são, é preciso que se diga, muito poderosas.

— Mas esse preconceito contra a raça é assim tão evidente?

É. Em verdade, nos Estados do norte ele tende a desaparecer com relativa rapidez. No sul, entretanto, penso que perdurará durante muitos anos ainda esse espírito de incompreensão, que leva os velhos democratas ao ódio contra os pretos.

O escritor conta agora episódios de sua passagem pela América, que scandalizaram os seus amigos de lá:

— Muitas vezes os meus ficaram scandalizados comigo, porque eu sempre pulava por cima de seu preconceito de raça. Quantas vezes um americano tradicionalista, convidado para jantar comigo, ia encontrar, como vizinho de mesa, um negro de carapinha cerada? Muitos, por certo, haviam de me ter

como louco varrido; mas, pensando que com este procedimento podia contribuir um pouco para o combate a essa injustiça secular, continuava a agir de acordo com o que me ditava a consciência.

— E esse preconceito de raça se volta somente contra os negros?

— Exclusivamente. Os judeus têm nos Estados Unidos o seu verdadeiro paraíso. Ali um rabino pode pregar abertamente no "Columbus Circus", em pé de igualdade com o pastor protestante e padre católico.

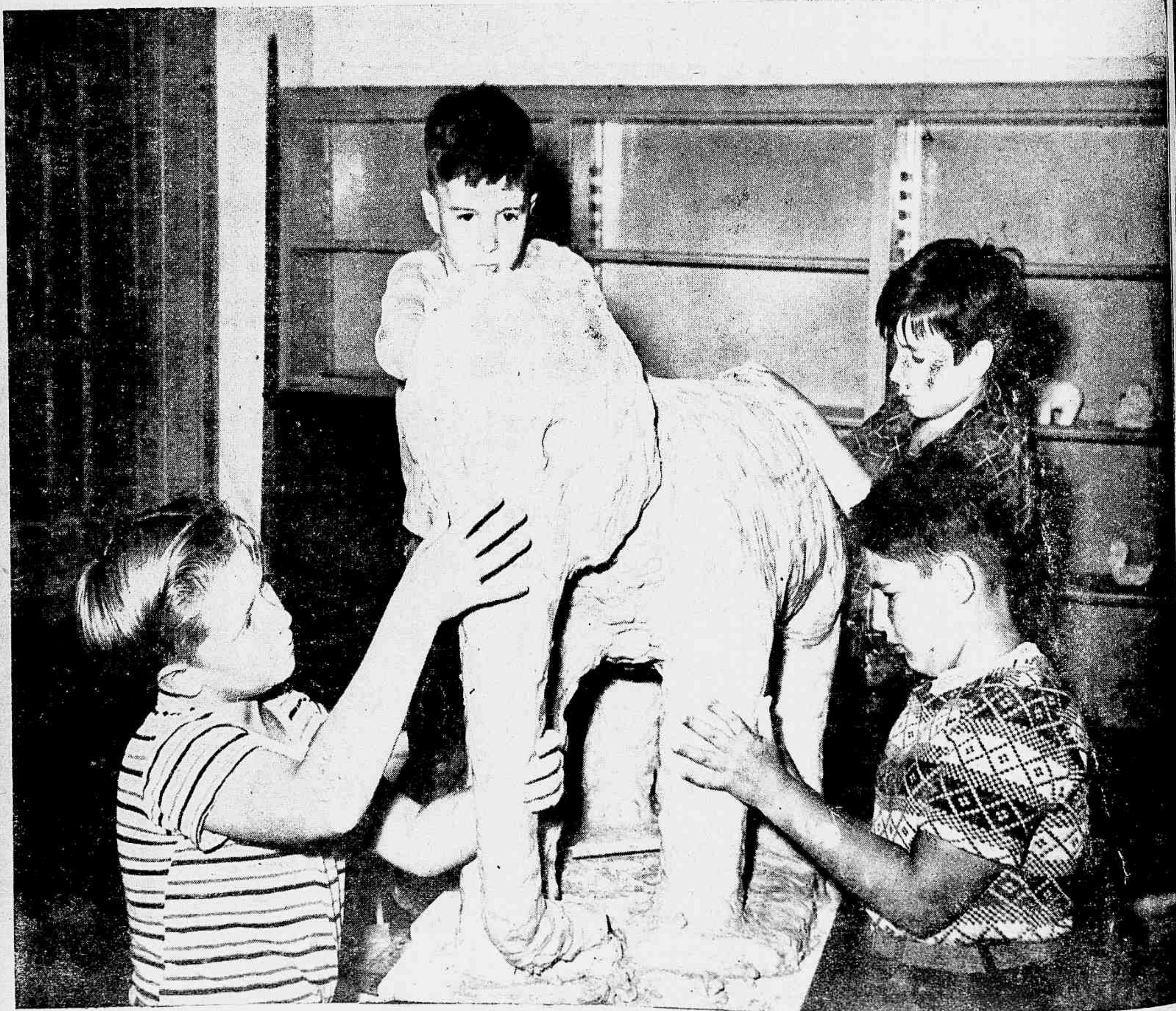
ENTRE OS PESCADORES DE SAN FRANCISCO

Erico Verissimo esteve durante dois anos em São Francisco. Não esteve ali, porém, como um turista comum. Era um viajante curioso, um reporter ávido de sensações e de conhecimentos. Ele nos conta como se imiscuava entre as camadas populares, para conhecer melhor o homem da rua dos Estados Unidos:

— Quem vai à América e fica pelos "music-halls" e pelos cinemas não pode dizer que conheceu os Estados Unidos. É um erro pensar que Hollywood seja a América do Norte. Quem vê a América por dentro dum estúdio cinematográfico não traz de lá mais do que falsas impressões. Eu tenho hoje a consciência

(Continua na pág. 43)

"A BRAZILIAN BOY" — Erico Verissimo procurou adaptar-se ao máximo à vida americana. Os seus filhos cursaram colégios tipicamente "yankees", e ele mesmo procedeu como um verdadeiro estadunidense. A sua família vivia como qualquer família californiana. Aqui está o seu filho Luiz Fernando, à direita, ao fundo, muito compenetrado em seu trabalho de capitão do "team do elefante" do curso "creative art", de Nills College.



Erico Verissimo preocupa-se com os problemas sociais e morais do Brasil. E chega à conclusão, como Machado de Assis, de que a "confusão era geral". E, enquanto não resolve qual é o certo dentre tantos caminhos cruzados, num gesto muito seu, cerra o olho esquerdo, arqueando a sobrancelha direita. Meditação? Desgosto?...



O IMENSO TALENTO DE PACHECO

O centenário do nascimento de Eça de Queiroz será comemorado dentro de um mês. Exatamente a 25 de novembro de 1845, na pitoresca Póvoa do Varzim, em Portugal, nasceu o grande romancista, "filho natural de José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz e de mãe incógnita", tal como reza a certidão de batismo. É, portanto, em vésperas desse expressivo acontecimento da literatura portuguesa que vamos reproduzir um capítulo de "A Correspondência de Fradique Mendes", obra das que mais contribuíram para a sua consagração e na qual Eça apresentava o seu famoso Pacheco, contemporâneo do Conselheiro Acácio e de outros mercuriais personagens criados pelo autor de "Os Males".

Meu caro sr. Mollinet. — Encontrei ontem à noite, ao voltar de Fontainebleau, a carta em que o meu douto amigo, em nome e no interesse da *Revista de Biografia e de História*, me pergunta quem é este meu compatriota Pacheco (José Joaquim Alves Pacheco), cuja morte está sendo tão vasta e amargamente carpida nos jornais de Portugal. E deseja ainda o meu amigo saber que obra, ou que fundações, ou que livros, ou que idéias, ou que acréscimo na civilização portuguesa deixou esse Pacheco, seguido ao tumulto por tão sonoras, reverentes lágrimas.

Eu casualmente conheci Pacheco. Tenho presente, como num resumo, a sua figura e a sua vida. Pacheco não deu ao seu país nem uma obra,

nem uma fundação, nem um livro, nem uma idéia. Pacheco era entre nós superior e ilustre unicamente porque tinha um imenso talento. Todavia, meu caro sr. Mollinet, este talento, que duas gerações tão soberbamente acla-

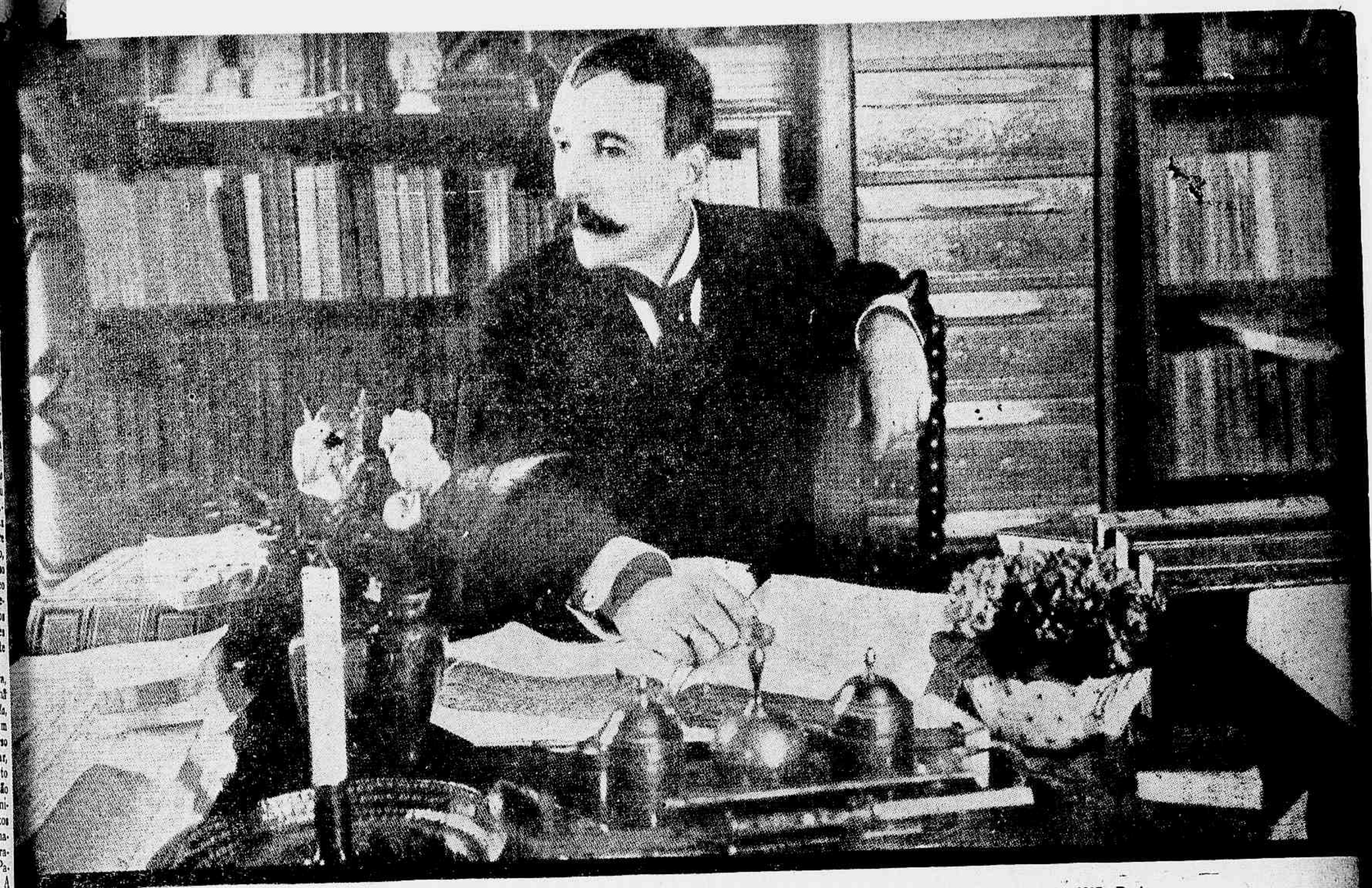
maram, nunca deu, da sua força, uma manifestação positiva, expressa, visível! O talento imenso de Pacheco ficou sempre calado, recolhido, nas profundidades de Pacheco! Constantemente ele atravessou a vida por

sobre eminências sociais: Deputado, Diretor geral, Ministro, Governador de bancos, Conselheiro d'Estado, Par, Presidente do Conselho — Pacheco tudo foi, tudo teve, neste país que, de longe e a seus pés, o contemplava, assombrado do seu imenso talento. Mas nunca, nestas situações, por proveito seu ou urgência do Estado, Pacheco teve necessidade de deixar sair, para se afirmar e operar fora, aquele imenso talento que lá dentro o sufocava. Quando os amigos, os partidos, os jornais, as repartições, os corpos coletivos, a massa compacta da nação, murmurando em redor de Pacheco "que imenso talento!" o convidavam a alargar o seu domínio e a sua fortuna — Pacheco sorria, baixando os olhos sérios por trás dos óculos dourados, e seguia, sempre para cima, sempre para mais alto, através das instituições, com o seu imenso talento afechado dentro do crânio como no cofre d'um avaro. E esta reserva, este sorriso, este lampear dos olhos, bastavam ao país, que neles sentia e saboreava a resplandecente evidência do talento de Pacheco.

Este talento nasceu em Coimbra, na aula de direito natural, na manhã em que Pacheco, desdenhando a *Sebenta*, assegurou que "o século XIX era um século de progresso e de luz". O curso começou logo a presentir e a afirmar, nos cafés da Feira, que havia muito talento em Pacheco; e esta admiração cada dia crescente do curso, comunicando-se como todos os movimentos religiosos, das multidões impressionáveis às classes raciocinadoras, dos rapazes aos lentes, levou facilmente Pacheco a um *premio* no fim do ano. A fama desse talento alastrou então por toda a academia — que, vendo Pacheco sempre pensabundo, já d'olhos, austero nos seus passos, com praxistas



Um sugestivo trabalho do grande ilustrador brasileiro Behnonte, no qual se reproduzem alguns personagens famosos de Eça de Queiroz. Original publicado em "D. Casmurro", Natal de 1943.



Epitácio Pessoa em seu gabinete de trabalho em Neully. Foto publicada em "A Revista Moderna" 29 de novembro de 1907, Paris.

gordos debaixo do braço, percebia ali um grande espírito que se concentra e se retesava todo em força íntima. Esta geração académica, ao dispersar, levou pelo país, até aos mais sertanejos burgueses, a notícia do imenso talento de Pacheco. E já em escuras boticas de Traz-os-Montes, em lojas palmeiras de barbeiros do Algarve, se dizia, com despeito, com esperança: — "Parece que ha agora ali um rapaz de imenso talento que se formou, o Pacheco!"

Pacheco estava maduro para a representação nacional. Veio ao seu seio — trazido por um governo (não recordo qual) que conseguira, com dispêndios e manhas, apoderar-se do precioso talento de Pacheco. Logo na estrelada noite de dezembro em que ele, em Lisboa, foi ao Martinho tomar chá e torradas, se sussurrou pelas mesas, com curiosidade: — "E' o Pacheco, rapaz de imenso talento!" E desde que as Câmaras se constituíram, todos os olhares, os do governo e os da opposição, se começavam a voltar com insistência, quasi com ansiedade, para Pacheco, que, na ponta duma bancada, conservava a sua atitude de pensador recluso, os braços cruzados sobre o colete de veludo, a fronte vergada para o lado como sob o peso das riquezas interiores, e os olhos a faltar... Finalmente uma tarde, na discussão da Corôa, Pacheco teve um movimento como para atalhar um padre zabolho que arengava sobre a "liberdade". O sacerdote imediatamente estacou com deferencia; os tachigrafos apuraram vorazmente a orelha; e toda a câmara cessou o seu desaforado sussurro, para que num silêncio condignamente magestoso se pudesse pela vez primeira produzir o imenso talento de Pacheco. No entanto Pacheco não prodigalisou desde logo os seus tesouros. De pé, com o dedo espetado (geito que foi sempre muito seu), Pacheco afirmou num tom que traía a segurança do pensar e do saber íntimo: — "que ao lado da liberdade devia sempre coexistir a autoridade". Era pouco, decerto: — mas a câmara compreendeu bem que, sob aquele curto resumo, havia um mundo, todo um formidável mundo, de idéias sólidas. Não voltou a falar durante meses — mas o seu talento inspirava tanto mais respeito quanto mais invisível e inacessível se conservava lá dentro, no fundo do seu ser. O único recurso que restou então aos devotos desse imenso talento (que já os tinha, incontáveis) foi contemplar a testa de Pacheco — como se olha para o céu

pela certeza que Deus está por traz, dispondo. A testa de Pacheco oferecia uma superfície escanteada, larga e lustrosa. E muitas vezes, junto d'ele Conselheiros e Diretores gerais balbuciavam maravilhados: — "Nem é necessário mais! Basta vêr aquela testa!"

Pacheco pertenceu logo ás principais comissões parlamentares. Nunca porém acedeu a relatar um projecto, desdenhando das especialidades. Apenas ás vezes, em silêncio, tomava uma nota lenta. E quando emergia da sua concentração, espetando o dedo, era para lançar alguma idéia geral sobre a Ordem, o Progresso, o Fomento, a Economia. Havia aqui a evidente attitude d'um imenso talento que (como segredavam os seus amigos, piscando o olho com finura) "está á espera, lá em cima, a pairar". Pacheco mesmo, de resto, ensinava (esboçando, com a mão gorda, o voar superior d'uma aza por sobre o arvoredo copado) que o "talento verdadeiro só devia conhecer as coisas pela ramã".

Este imenso talento não podia deixar de socorrer os conselhos da Corôa. Pacheco, numa recomposição ministerial (provocada por uma roubalheira) foi Ministro: — e imediatamente se percebeu que massiça consolidação viera dar ao Poder o imenso talento de Pacheco. Na sua pasta (que era a da Marinha) Pacheco não fez durante os longos meses de gerencia "absolutamente nada", como insinuaram três ou quatro espiritos amargos e estreitamente positivos. Mas pela primeira vez, dentro deste regimen, a nação deixou de curtir inquietações e dúvidas sobre o nosso Império Colonial. Porquê? Porquê sentia que finalmente os interesses supremos desse Império estavam confiados a um imenso talento, ao talento imenso de Pacheco.

Nas cadeiras do governo, Pacheco raramente se ouvia dos seu silencio repleto e fecundo. Ás vezes, porém, quando a opposição se tornava clamorosa, Pacheco descerrava o braço, tomava com lentidão uma nota a lapis: — e esta nota, traçada com saber e madurissimo pensar, bastava para perturbar, acuar a opposição. E' que o imenso talento de Pacheco terminara por inspirar, nas câmaras, nas comissões, nos centros, um terror disciplinar! Ai desse sobre quem viesse a desabar com colera aquele talento imenso! Certa lha seria a humilhação irresgatável! Assim dolorosamente e experimentou o pedagogo que um dia se arrojou a

acusar o sr. Ministro do Reino (Pacheco dirigia então o Reino) de descurar a Instrução do País! Nenhuma incriminação podia ser mais sensível áquele imenso espírito que, na sua frase lapidária e succulenta, ensinara que "um povo sem o curso dos liceus é um povo incompleto". Espetando o dedo (geito sempre seu) Pacheco esborrachou o homem temerario com essa coisa tremenda: — "Ao illustre deputado que me censura só tenho a dizer que enquanto, s. ex.ª, ali nessas bancadas, faz berreiro, eu, aqui nesta cadeira, faço luz!" — Eu estava lá, nesse esplendido momento, na galeria. E não me recorde de ter jámais ouvido, numa assembléa humana, uma tão apaixonada e fervente rajada de aclamações! Creio que foi dai a dias que Pacheco recebeu a grã-cruz da Ordem de S. Thiago.

O imenso talento de Pacheco pouco a pouco se tornava um credo nacional. Vendo que inabalável apoio esse imenso talento dava ás instituições que servia, todas o apetecebam. Pacheco começou a ser um Diretor universal de Companhias e de Bancos. Cubicado pela Corôa, penetrou no Conselho de Estado. O seu partido reclamava avidamente que Pacheco fôsse seu Chefe. Mas os outros partidos cada dia se socorriam com submissa reverencia do seu imenso talento. Em Pacheco pouco a pouco se concentrava a nação.

A' maneira que ele assim envelhecia e crescia em influencia e dignidades, a admiração pelo seu imenso talento chegou a tomar no país certas formas de expressão só próprias da religião e do amor. Quando ele foi Presidente do Conselho, havia devotos que espalmavam a mão no peito com unção, reviravam o branco do olho ao céu, para murmurar piamente: — "Que talento!" E havia amorosos que, cerrando os olhos e repenicando um beijo nas pontas apinhadas dos dedos, balbuciavam com langor: — "Ail que talento!" E, para que o esconder? Outros havia, a quem aquele imenso talento amargamente irritava, como um excessivo e desproporcional privilégio. A esses ouvi eu bradar com furor, atirando patadas ao chão: — "Irta, que é ter talento de mais!" Pacheco no entanto já não falava. Sorria apenas. A testa cada vez se lhe tornava mais vasta.

Não relembrei a sua incomparável carreira. Basta que o meu caro sr. Mollinet percorra os nossos annos. Em todas as instituições, reformas,

fundações, obras, encontrará o cunho de Pacheco. Foi tudo, teve tudo. De certo, o seu talento era imenso! Mas imenso se mostrou o reconhecimento da sua pátria Pacheco e Portugal, de resto, necessitavam insubstituivelmente um do outro. Sem Portugal — Pacheco não teria sido o que foi entre os homens: mas sem Pacheco — Portugal não seria o que é entre as nações!

A sua velhice ofereceu um caráter augusto. Perdera o cabelo radicalmente. Todo ele era testa. E mais que nunca revelava o seu imenso talento — mesmo nas mínimas coisas. Muito bem me lembro da noite (sendo ele Presidente do Conselho) em que, na sala da Condessa do Arrôdes, alguém, com fervor, apeteceu conhecer o que s. ex.ª pensava de Canovas del Castillo. Silenciosamente, magistralmente, sorrindo apenas, s. ex.ª deu com a mão grave, de leve, um corte horizontal no ar. E foi em tórno um murmúrio de admiração, lento e maravilhado. Naquele gesto quantas coisas subitas, fundamente pensadas! Eu por mim, depois de muito esgravatar, interpretei-o deste modo: — "mediocre, meia-altura, o sr. Canovas!" Porque, note o meu caso sr. Mollinet como aquele talento, sendo tão vasto — era ao mesmo tempo tão fino!

Rebentou: — quero dizer, s. ex.ª morreu, quasi repentinamente, sem sofrimento, no começo deste duro inverno lá ser justamente creado marquez de Pacheco. Toda a nação o chorou com infinita dôr. Jaz no alto de S. João, sob um mausoléu, onde por sugestão do sr. conselheiro Acacio (em carta ao *Diário de Notícias*) foi esculpida uma figura de Portugal chorando o Genio.

Meses depois da morte de Pacheco; encontrei a sua viuva, em Cintra, na casa do dr. Videira. E' uma mulher (asseguram amigos meus) de excelente intelligencia e bondade. Cumprindo um dever de português, lamentei, diante da illustre e afável senhora, a perda irreparável que era sua e da pátria. Mas quando, comovido, aludi ao imenso talento de Pacheco, a viuva ergueu, num brusco espanto, os olhos que conservára baixos — e um fugidio, triste quasi apiedado sorriso arregaçou-lhe os cantos da boca pálida... Eterno desacordo dos destinos humanos! Aquela mediana senhora nunca compreendera aquele imenso talento! Creia-me, meu caro sr. Mollinet, seu dedicado —

FRADIQUE.

O CASAMENTO DE SHIRLEY

Foi o acontecimento de maior importância em Hollywood, nestes últimos tempos, maior mesmo que a grande greve na qual se encontram empenhados os operários da Warner Brothers e de outros estúdios, agora com a ameaça de adesão do Sindicato dos Atores Cinematográficos. Das cidades mais distantes chegaram "fans" de Shirley Temple, desejando cumprimentá-la por motivo de seu enlace nupcial com Jack Agar, esse simpático militar que aí está na foto ao lado, num flagrante batido logo após a cerimônia, que se realizou a 19 de setembro último. A gravura inferior é também interessante, apresentando, da esquerda para a direita: Mary Lou Isleb ("standing" de Shirley), Catherine Ferguson (filha da secretária particular da "estrela"), os noivos, a sra. Jack Temple e Joyce Agar. Foi uma festa à moda antiga, que serviu para revelar uma vez mais a popularidade de Shirley Temple. Sua lua-de-mel, curtíssima, viu-se interrompida na semana seguinte, quando Jack Agar precisou voltar aos seus deveres militares. (Fotos de Luiz Serrano para a REVISTA DA SEMANA.)





Dmitri Ismailovitch, o grande pintor russo que é hoje um dos legítimos orgulhos da arte nacional, pois aqui está radicado há muitos anos e adquiriu cidadania brasileira, vem de realizar proveitosa excursão a Ouro Preto e outras cidades da velha Minas colonial. Nelas recolheu os temas para a sua coleção de telas mais recentes e, sem dúvida, de maior importância em meio à sua arte consagrada, coleção esta que constituirá a exposição a ser apresentada a partir do dia 22 do corrente, num salão particular.

A obra de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, mereceu de Ismailovitch uma série especial de telas intituladas "Homenagem ao Aleijadinho", de que damos nesta página alguns aspectos.

Aproveitando o seu gênio, que se caracteriza pela perfeição com que retrata as figuras e as expressões humanas, Ismailovitch passou para a tela as figuras dos doze apóstolos que o Aleijadinho esculpiu no adro da Matriz de Congonhas do Campo. Essas são verdadeiras obras-primas de colorido e expressão, embora o pintor tenha retratado fielmente as figuras do infeliz artista mineiro. Feitas em separado, as figuras dos apóstolos serão, entretanto, reunidas posteriormente pelo pintor, numa grande "Ceia do Senhor", que será mais uma homenagem prestada por ele ao gênio creador do Aleijadinho.

Além desta grande obra trouxe o pintor, das velhas cidades mineiras, abundantes estudos e óleos, todos baseados nos aspectos das ruas, edifícios e monumentos coloniais. Explorando esse campo, ao qual já se lançaram quase todos os nossos pintores, Ismailovitch teve entretanto idéias originais, tais como a pintura de nova "Ceia de Jesus", baseada nas figuras geniais do Aleijadinho. Estamos certos de que os outros trabalhos do artista elaborados em Minas não desmerecerão dos que aqui apresentamos, e que representam os estudos básicos para a elaboração da "Ceia".



A OBRA DO ALEIJADINHO NA PINTURA DE ISMAILOVITCH



Petrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

C I N E M A

HOTEL BERLIM

A novela de Vicki Baum, de onde foi extraído este filme, marcou recentemente um acontecimento de livreria. Venderam-se muitos milhares de exemplares em nosso país e isso fez que surgisse um ambiente de maior expectativa em torno à versão cinematográfica da Warner, pôsto que o livro, à mais simples leitura, indicava desde logo ter sido escrito com a segunda intenção de ser aproveitado para a tela. Isso acontece, de resto, com a maioria das obras literárias onde se retratam episódios da guerra, que por sinal está cansando visivelmente o nosso público. Tudo fazia crêr, assim, que "Hotel Berlim", feito sob medida para o cinema, não acarretasse grandes trabalhos aos estúdios, pois seria suficiente ir transportando para a tela, mais ou menos a rigor, o que o livro havia contado. Isso não foi feito, porém. Talvez a Warner não estivesse disposta a inverter maiores despesas na confecção desse filme, ou talvez surgisse qualquer impedimento em meio aos trabalhos do estúdio, pois a realização de Peter Godfrey dá-nos a impressão de ter ficado pela metade, e nem chega a mostrar-nos os efeitos arrasadores do grande bombardeio final do livro, depois do qual ficam apenas os escombros do hotel onde se reuniam os magnatas do nazismo.

E' portanto um ótimo material literário, no gênero, mal aproveitado pelos produtores, ainda assim dando margem para Faye Emerson, na "Tilli Weller", se revelar uma esplêndida comedianta dramática. A sequência do abrigo subterrâneo, onde ela enfrenta a sanha de um fêtere nazista e lhe joga, em cara, tôdas as torpezas, vale pelo melhor momento do espetáculo. Mas quando se poderia esperar que Alan Hale estivesse magnífico no porteiro do hotel — que por sinal nem aparece na película — dão-lhe um papel de nazista, em desacôrdo completo com o seu fêlito. Certamente Raymond Massey está correto e convincente em Von Dahnwitz, mas a cena do suicídio não consegue atingir o grau de "suspense" do livro de Vicki Baum. Peter Lorre passa quase todo o tempo embriagado e enfadonho. E Helmut Dantine, no anti-nazista Martin Richter, apenas interessante.

"Hotel Berlim" poderia ser um empreendimento cinematográfico de grande efeito, mas os produtores não quiseram ou não souberam aproveitá-lo nessa condição, reduzindo a história movimentada e cheia de interêsse, de Vicki Baum, a um simples "anti-nazista" a acrescentar à galeria das dezenas que vieram antes. Com a agravante de chegar consideravelmente atrasado, culpa que também cabe aos programadores aqui do Rio. Continuamos assistindo a uma série de filmes depois, muito depois de terem sido mostrados em São Paulo.

A história de "Hotel Berlim" foi tão suavizada que o filme resulta simplesmente impróprio para crianças até dez anos, quando o livro, se submetido às disposições da Censura, teria essa impropriedade estendida pelo menos até 14, senão aos 18 anos. — C

Chamamos a atenção dos leitores desta coluna para os comentários, divulgados em outro local deste número, sobre as novidades do cinema argentino, emitidas em artigo de Waldemar Torres. Nessa crônica se diz que até um romance brasileiro — "Éramos seis" — acaba de ser adaptado à tela por uma produtora portenha.



M U S I C A

B A I L A D O

A medida que vamos assistindo aos espetáculos da Temporada de Bailado é que vamos verificando como foi eficiente a ação de Schwesoff na direção do corpo de baile do Teatro Municipal. A respeito das suas qualidades como bailarino propriamente não podemos formar uma opinião definitiva porque, tôdas as vezes que ele reserva para si um papel num dos bailados, a nota marcante de sua atuação é uma sobriedade deliberada, que parece indicar que sua intenção é menos interpretar um personagem do que estar perto dos discípulos, amparando-os, auxiliando-os na qualidade de mestre consciencioso.

Já a respeito das novas coreografias e do que ele tem feito de velhos bailados, podemos falar noutro tom. Estamos, mesmo, convictos de que Schwesoff é uma figura realmente importante sob esse aspecto. Não sendo um expressionista puro, ele soube perceber a necessidade daquela renovação, que quebrou os moldes clássicos para basear a coreografia no elemento expressivo. Não caiu, entretanto, no exagero oposto, isto é, não transformou dança em pura pantomima. "A Luta Eterna", por exemplo, mostra o equilíbrio da sua concepção da coreografia, porque ele lança mão dos recursos mais variados para dar sentido à dança. "Drama Burguês" é uma adaptação engenhosa com música de Liszt.

A nova edição das "Sílides", a que assistimos na terceira récita de assinatura, não conseguiu superar a primeira, apesar da graça de Maryla Gremo. As outras substituições no elenco não contribuíram para dar mais relêvo ao bailado.

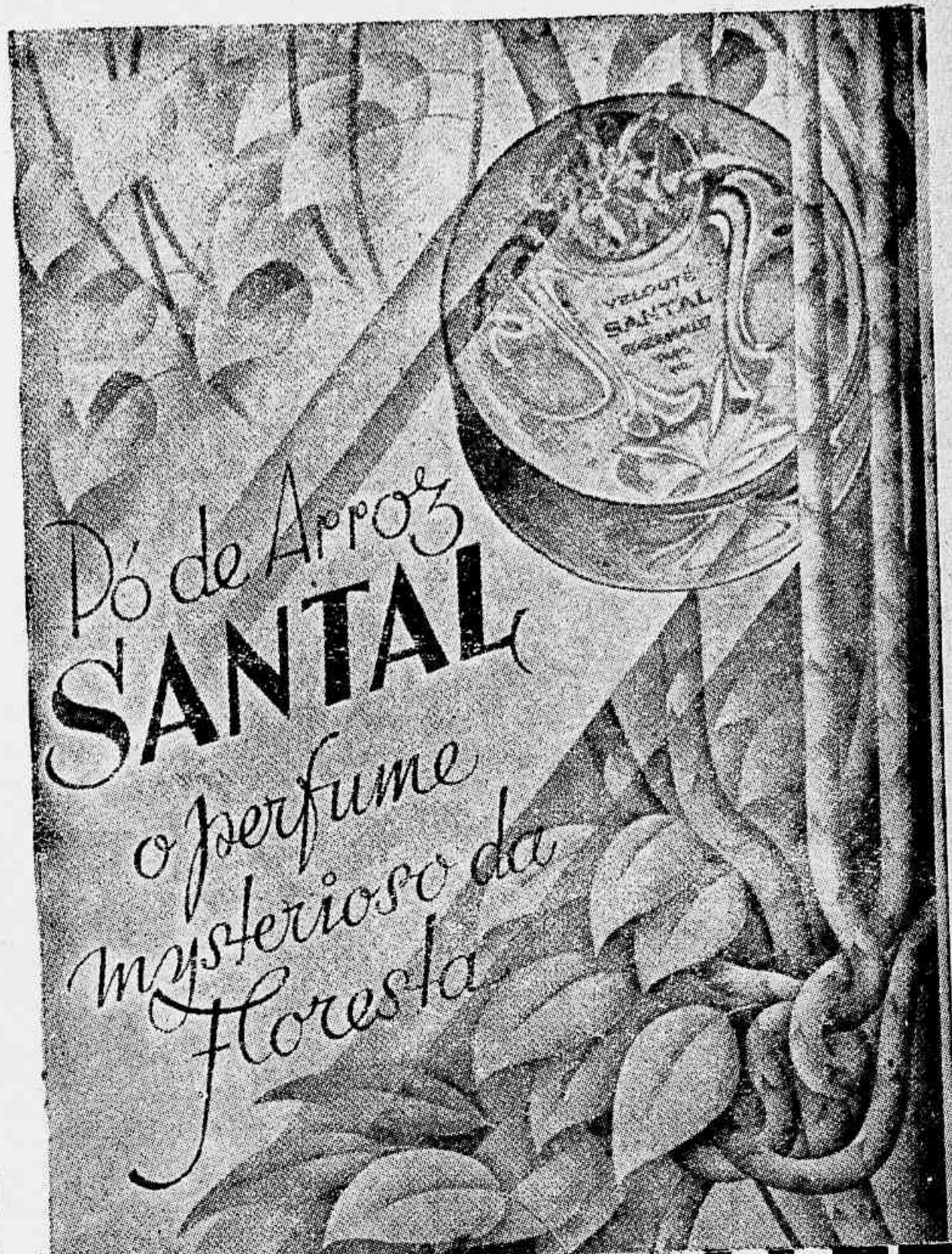
Durante "A Luta Eterna" nada menos de três acidentes ocorreram: duas vezes caiu uma bailarina, e Nathaniel Stoudenmire perdeu o capuz durante o bailado. Apesar disso, foi ele a figura de maior destaque, ao lado de Yucco Lindberg e Edith Pudelko.

"Drama Burguês", felizmente, correu sem acidentes. Julia Horwath e Nathaniel Stoudenmire interpretaram os noivos. Além desses dois nomes devemos salientar também Wilson Morelli, que esteve muito mais à vontade como "o operário" do que como solista nas "Sílides".

Apesar de todos os contratemplos, não há dúvida que o espetáculo foi bom. Se poderia ter sido melhor, não foi por culpa dos bailarinos: a orquestra, longe de fornecer um apoio seguro, mostrou-se francamente desleixada.

Roberto Lyra Filho

Nathaniel Stoudenmire, um dos bailarinos americanos que o Municipal importou para darem brilho à Temporada.



ROGER & GALLET

OCUPADÍSSIMO!

mas... SABE ALIMENTAR-SE

• Naturalmente, sente-se tão bem disposto, cheio de vivacidade e energia — e razão da alegria de viver! Seus alimentos, verdadeiramente nutritivos, são preparados com a insuperável

MAIZENA DURYEA

A MAIZENA DURYEA
Caixa Postal, 6-B-São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro 52
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____

END. _____

CIDADE _____

ESTADO _____



Moças e senhoras "chics"



embolso Postal. A venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.

A "Depilina Sarah" destrói os cabelos supérfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES — Caixa Postal 2398 — Rio de Janeiro. Cr\$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Remessas, Drogarias e Farmácias do Brasil.





Um aspecto da costa de South Wales visto do alto de Aberporth

POESIA E CARVÃO EM SOUTH WALES

O moderno centro carbonífero de Ystalyfera



De AUGUSTUS MUIR, copyright do B.N.S., especial para a "REVISTA DA SEMANA"

A impressão que geralmente se tem de South Wales é a de uma região misteriosa e remota, isolada do resto da Grã Bretanha, e habitada por um povo muito diferente de seus irmãos britânicos — um povo celta sem qualquer mistura de sangue anglo-saxônico tão forte em muitas partes da Inglaterra. Essas impressões são reais; mas nos últimos anos South Wales tem se tornado muito menos remota e misteriosa, em virtude do grande número de visitantes que aprenderam a admirar a magia da sua paisagem e as qualidades fortes e atraentes de seu povo.

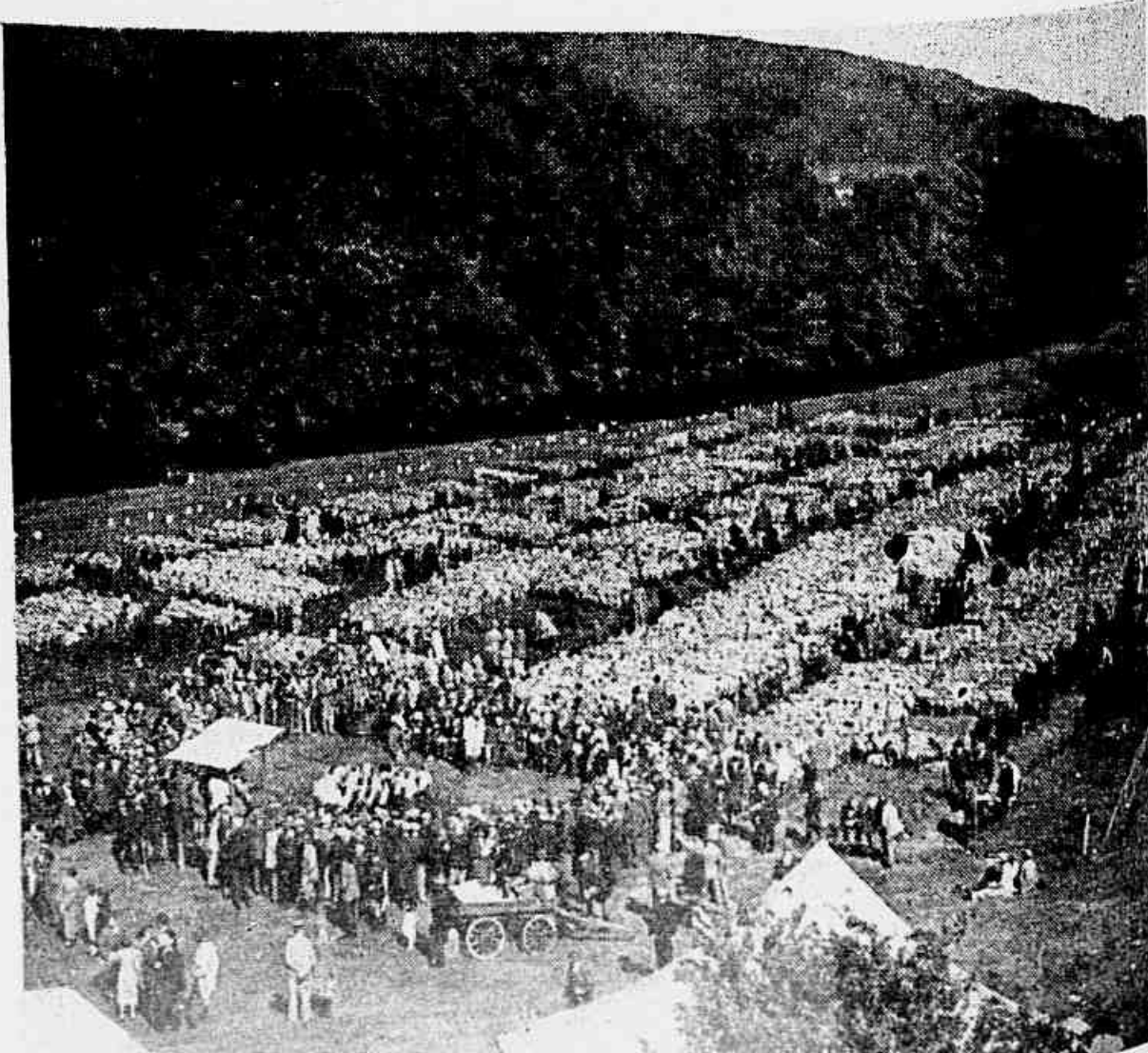
Em tempo de paz, é a maior região exportadora de carvão do mundo. A sua cidade principal, Cardiff, é também o mais

movimentado porto carvoeiro do mundo; a costa de Gales a oeste de Cardiff está pontilhada de portos marítimos, cujo comércio principal é o carvão, embora importem também minério de ferro e exportem artigos de metal. A sorte é que nessa costa, situada entre centros comerciais, há amplos trechos de variada beleza — uma beleza muito pouco prejudicada pela presença das minas de carvão, pois estas ficam situadas geralmente para o interior. A leste, entre os vales e o canal de Bristol, há o vale de Glamorgan, uma fértil planície, ao passo que a oeste fica situada a península de Gower — um pequeno trecho de terra montanhosa de incomparável beleza.

Perto do rio Dovey, que separa a Gales do norte da Gales do Sul, o alto pico do

(Continua na página 43)

A grande feira de carneiros em Radnorshire



O CACHECOL

Adaptação de um conto de
TRISTAN BERNARD

O cavalheiro barbado sentou-se a um canto e depositou três embrulhinhos no banco, a seu lado. O trem, vindo de Lyon e que chega em Marselha à tarde, levava no máximo uns vinte passageiros, dos quais dois usavam barba. Eis um detalhe estatístico que talvez possa interessar ao leitor. Dos dois cavalheiros barbados, o primeiro, já instalado, viu aproximar-se o outro, que parecia procurar alguma coisa, possivelmente um lugar mais confortável. Era o que não faltava, pois os três vagões de primeira classe estavam quase vazios. Entretanto, pareceu agradar-lhe especialmente o assento em frente ao outro.

— Boa tarde.

O cavalheiro que se instalara primeiro levantou os olhos e respondeu:

— Boa tarde.

— Permita-me que me apresente: Aristides Dubarrat, negociante.

— Muito prazer. José Montel, industrial.

— Pois meu caro senhor, eu tenho o prazer de mostrar-lhe uma grande novidade.

— ?

— Vê este cache-col?

— Sim.

— Pois apalpe-o.

— Macio — disse José, tomando-o em suas mãos.

— Não é verdade? E' o cache-col mais macio que existe. Um tecido novo, que a nossa fábrica está produzindo, porque nós vendemos cache-cols, meu caro senhor.

— Muito bem.

— Queria, mesmo, oferecer-lhe este primeiro cache-col. E' um privilégio que o senhor terá, compreende?

— O primeiro cache-col?

— Sim. Assim, poderá dizer aos seus amigos quando eles perguntarem: "Meu caro José, onde arranhou tão lindo cache-col?". Ora, dirá o senhor, comprei-o na nova fábrica recentemente aberta em Lyon. Não conhece? E dirá o nome.

— Como se chama a fábrica?

— Barrault. Fábrica Barrault.

— Não esquecerei.

— Por isso ficará com este cache-col, não é verdade?

— Bem...

— Olhe, farei para o senhor um desconto especial. Este cache-col deveria custar vinte francos. Vou deixá-lo por doze, para o senhor.

— Muito bem. Farei o possível para ser útil à sua fábrica.

— Obrigado, sr. Montel, muito obrigado.

O cache-col era, na realidade, lindo. Macio, bem elegante, dava um certo ar de distinção, enrolado ao pescoço. Quando Montel acabou de observar a nova aquisição e virou-se para pagar, verificou que Aristides desaparecera. Sua pasta, entretanto, estava sobre o assento, e provavelmente ele fôra até o lavatório. Montel tomou uma nota de

dez francos e mais duas de um franco e esperou o negociante.

— Marselha!

O trem chegara a seu destino.

— E' estranho... Que farei com a pasta que ele deixou?

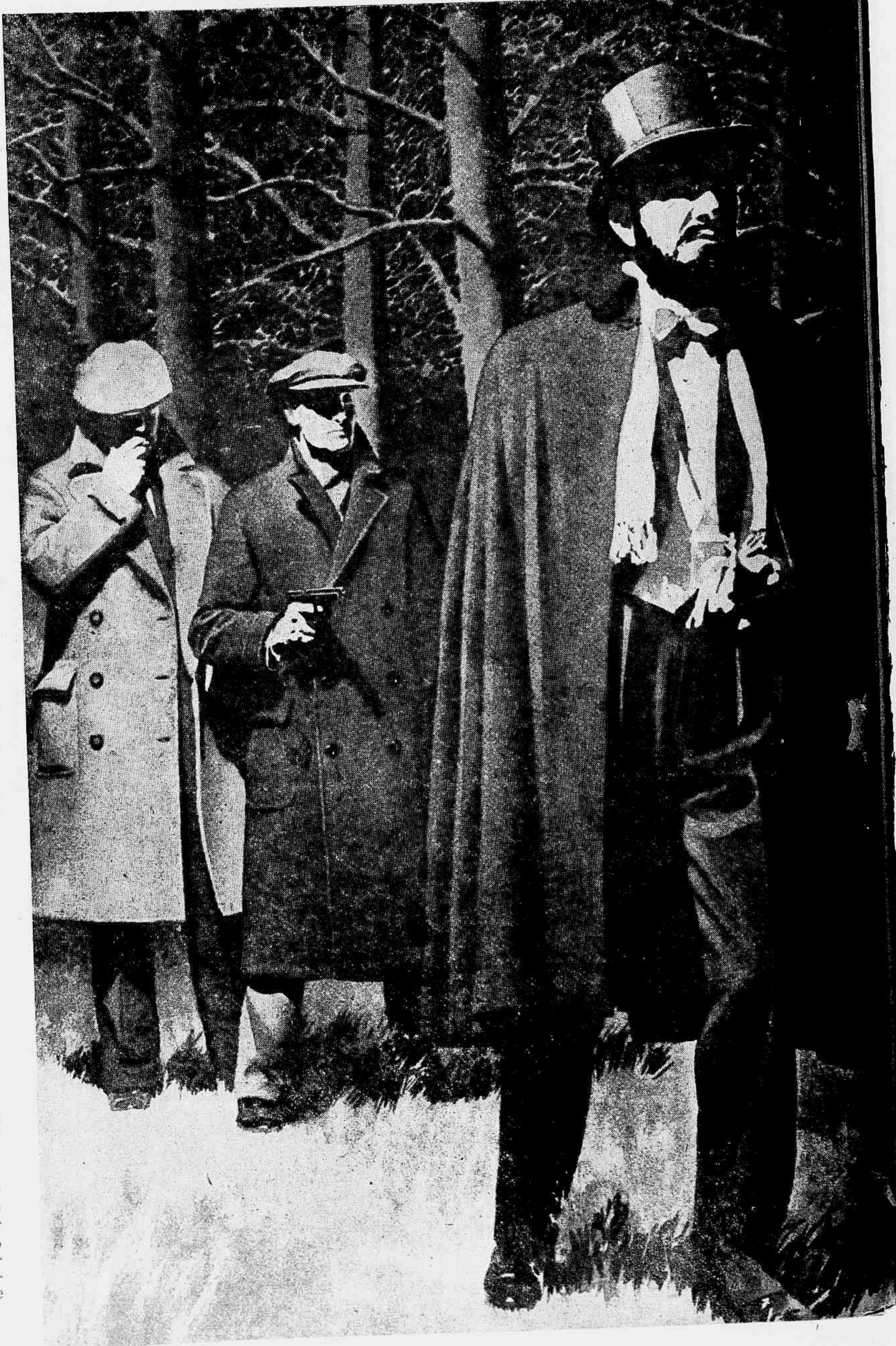
Resolveu entregá-la ao fiscal.

Tomou-a, portanto, e preparou-se para descer. Quando ia saindo esbarrou num homem que ia apressado. Por um momento pensou que se tratava de Aristides, mas a barba desaparecera. Não era possível. Desceu.

— E' êle!

Ouviu uma voz atrás de si. Não teve tempo para dizer nada. Um algemas tinham preso seus pulsos, a pasta fôra-lhe arrebata das mãos.

(Continua na pág. 47)





Realizou-se no dia 6 de setembro o enlace matrimonial da sta. Iris de Castro Braga, com o sr. Orlando dos Santos. O ato teve lugar na igreja dos Capuchinhos. No "clichê", os noivos quando se preparavam para cortar o tradicional bôlo nupcial.

FIGURAS E FATOS



O flagrante que acima estampamos foi colhido no aeroporto Santos Dumont, por ocasião do desembarque do sr. Manuel de Brito. Na foto vê-se o conhecido industrial patricio rodeado por pessoas de suas relações.

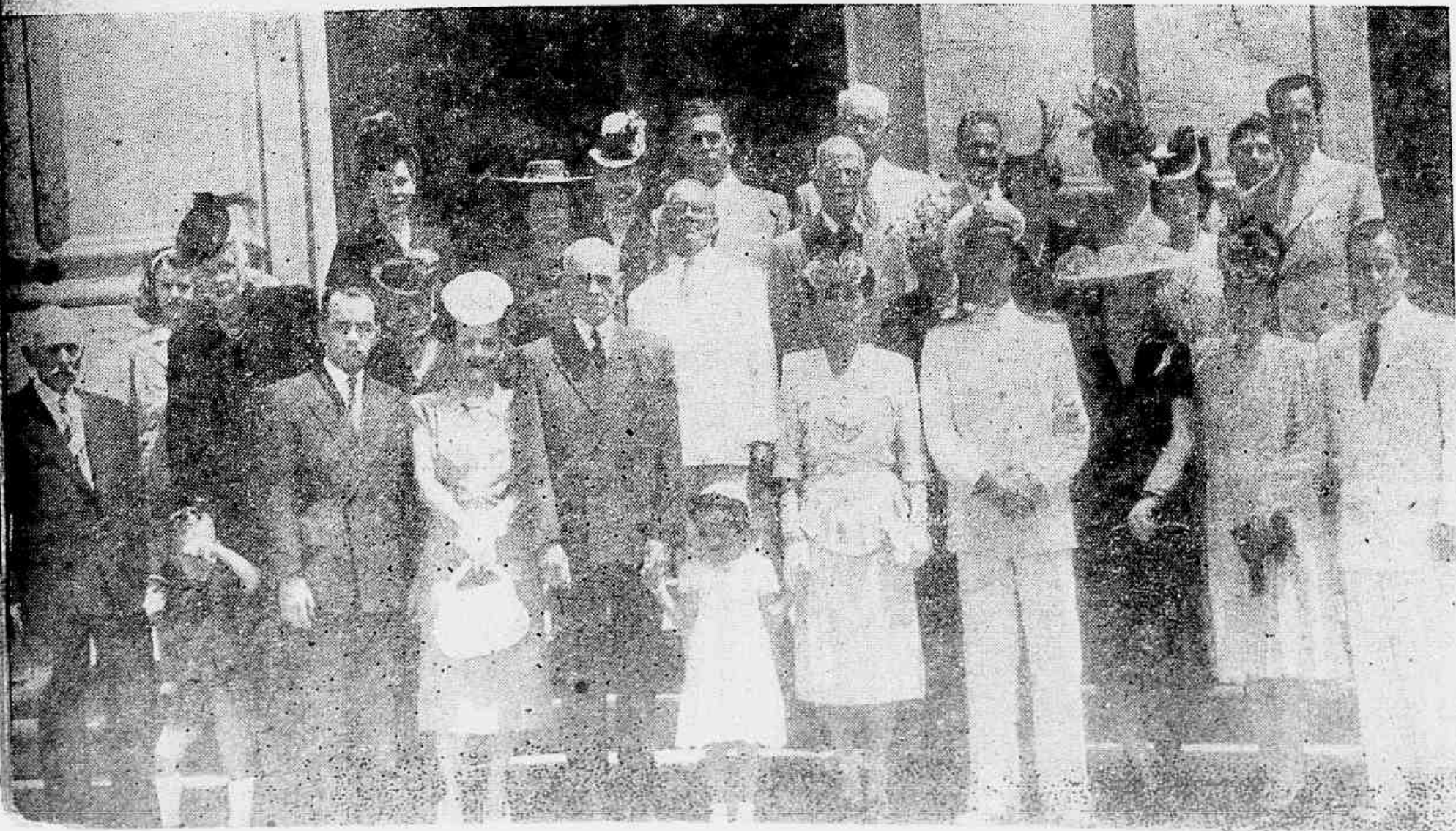
BODAS DE PRATA — Flagrante batido à porta da igreja da Candelária, após a missa comemorativa da passagem do 25.º aniversário de casamento do sr. Mario Aché Cordeiro, da "Sul América Capitalização S. A.", e de sua exma. esposa, d. Edith Pilar Aché Cordeiro, mandada celebrar por seus filhos, noras, genro e netos. Na foto vê-se o casal de mãos dadas com sua primeira netinha: a menina Magaly.



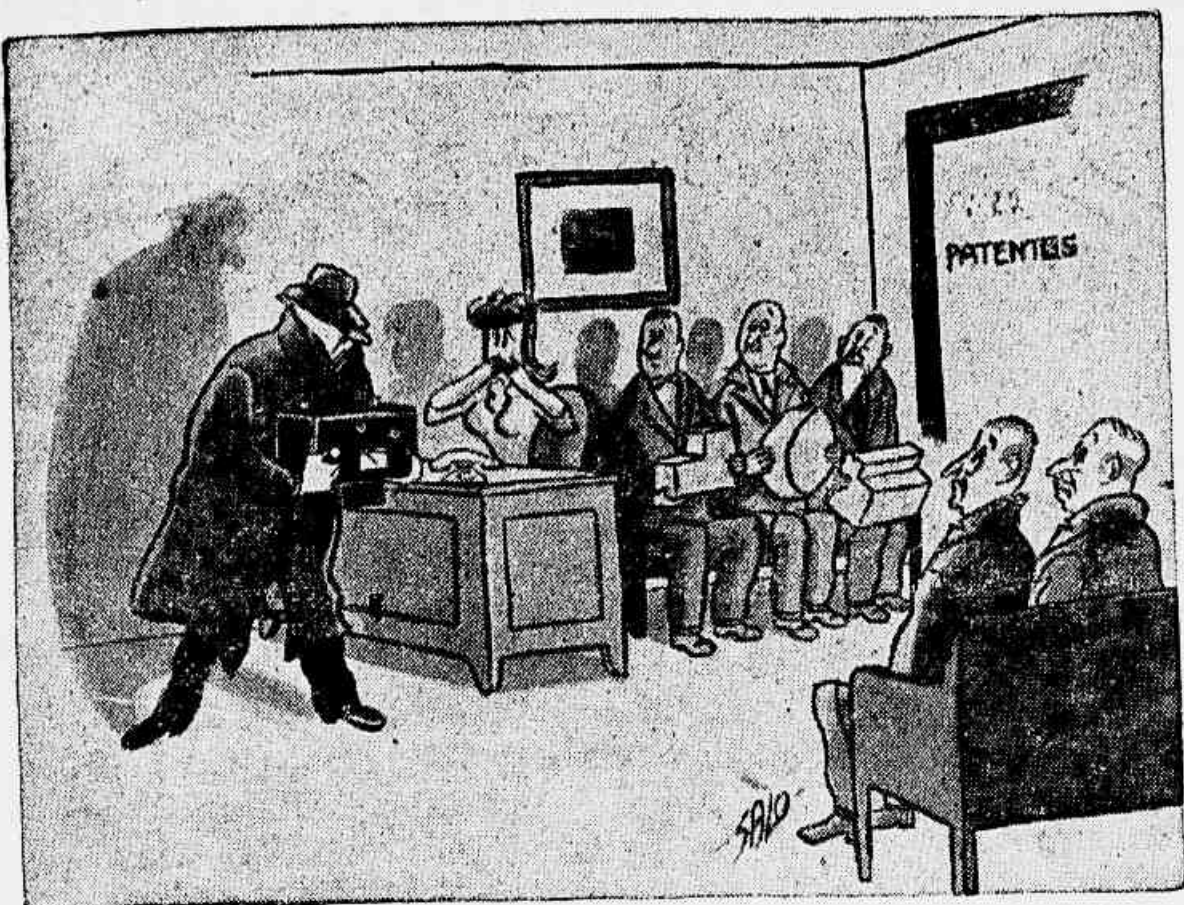
Ivete Ribeiro, conhecida cantora da nossa música popular, depois de ter atuado com grande sucesso em quase todos os casinos do Rio, fez uma "tourné" ao norte do Brasil, cantando para soldados brasileiros e americanos.



O sr. Almir de Castro Rego, alto funcionário da Alfândega desta Capital, cujo aniversário transcorreu no dia 5 deste. Seus colegas e amigos prestaram-lhe significativas homenagens.



Dr. Maurice Demolein, presidente da Caixa Geral de Prêts Fonciers et Industriels, de Paris, e diretor no Brasil da Caixa Geral de Empréstimos e outras indústrias de São Paulo, cujo aniversário natalício transcorrerá no próximo dia 24.



— Ou eu falo primeiro, ou vocês todos serão desintegrados com a bomba de minha invenção!

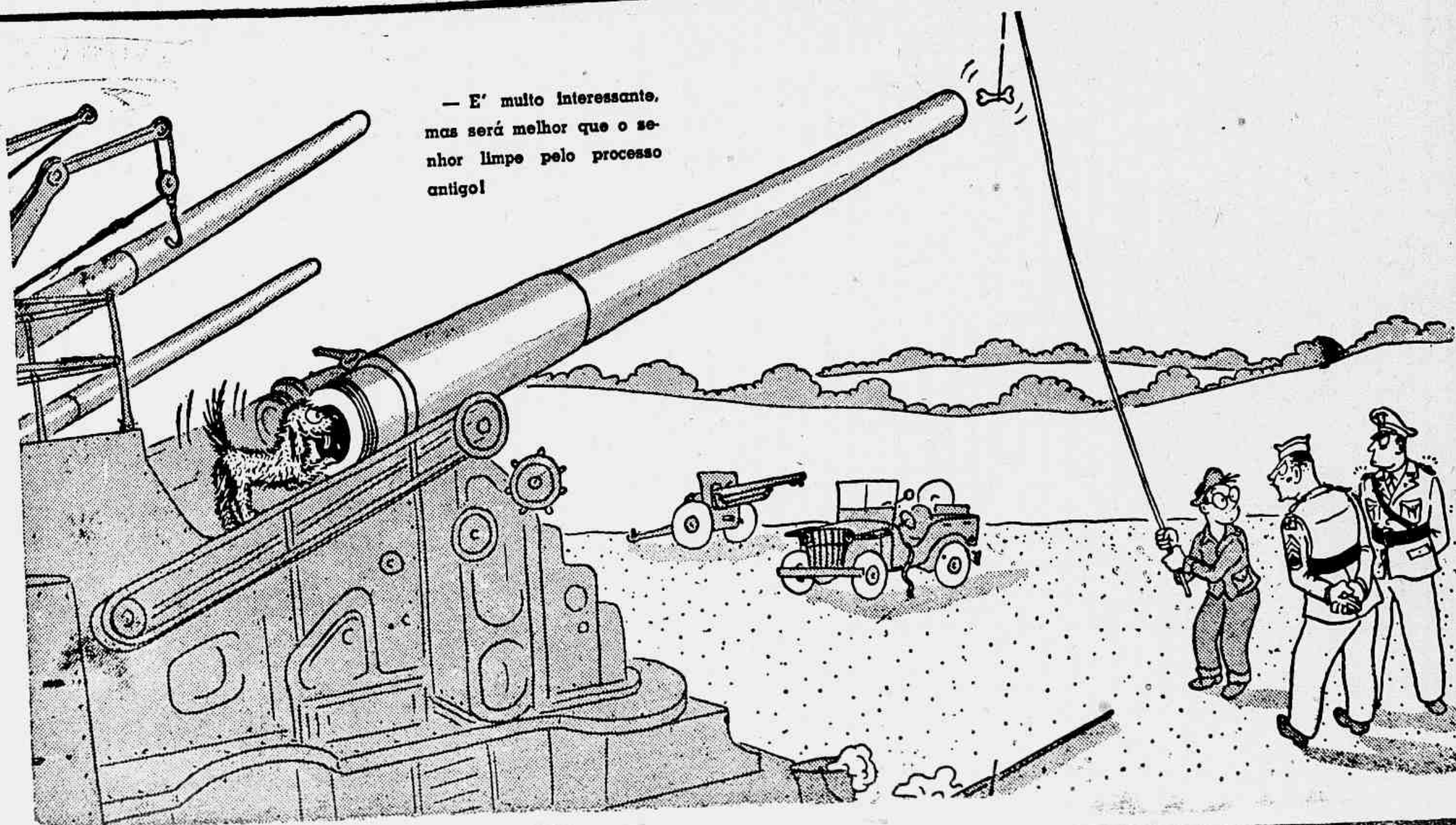


— E' um restinho do meu "lança-chamas"...



— Mas quem é que vai pagar para ouvir clássicos no violino?

DE BOM HUMOR



— E' muito interessante, mas será melhor que o senhor limpe pelo processo antigo!

O GRANDE SUSTO DE PACÍFICO

Conto de ALBERTO MORAES CARDOSO -- Ilustração de MIGUEL H.

DEOCLÉCIO MUNHOZ estava radiante. Era dia do batizado de seu filho, um rosado garoto de bom pêso. Sua esposa, ainda mais radiante e feliz, extremava-se nos preparativos da festinha familiar que, à noite, alegraria meia dúzia de amigos. O venturoso lar, uma modesta e pequenina casa de avenida no Meier, era todo reboliço.

Deoclécio Munhoz era um médico suburbano que se ia mantendo só ele sabia como. Formara-se moço e desde cedo contraíra núpcias, indo morar e fazer clínica naquele subúrbio. Casara-se cedo por uma razão bem simples: era um homem sem grandes ambições, e o casamento representava o seu sonho mais absorvente. Humilde, filho de família numerosa, desejava um lar mais que qualquer outra coisa e, depois, médico formado, precisava fazer clientela e portanto começar do princípio. Assim, casando-se, o fazia certo de que agia de acordo com o seu temperamento — ele nunca fora dado às mulheres — e de que dava o passo mais acertado de sua vida. Felizmente não tivera decepções.

A vida decorreu em princípio dura e cheia de sobressaltos. Com o passar dos tempos, porém, conseguira um relativo equilíbrio entre o "deve" e o "haver". No seu modesto lar não havia fartura, mas também não havia miséria.

O seu casamento fora simples e pobre. A moça, com alguns predicados de beleza e muitos de moral, modesta, tímida — era bem o seu retrato — gostara dele e, vice-versa, ele a estimara respeitosamente.

Ambos, Deoclécio Munhoz e mulher, tinham um grande desejo: um filho. Esperaram-no logo no primeiro ano, mas nada de anormal foi anunciado; havia sido apenas um ano de atenta expectativa. O segundo ano correu também sem novidades, no terceiro foram a um médico amigo, mas nada. No quarto ano houve um princípio de tumulto na alma dos dois: os indícios eram de que a semente do amor frutificara, mas — tristeza maior — tudo não passara de ligeira indisposição dela e de um tiro de festim dado por ele. No quinto ano de casados, afinal — e já não era sem tempo — quando desesperançados iam em busca de um filho adotivo,

vem ao mundo o sucessor de Deoclécio Munhoz.

Como é fácil imaginar, foi uma felicidade geral, a que não escaparam seus vizinhos, próximos e distantes, tal a simpatia que o casal reunira em torno desse grave problema de sua existência doméstica. Sobre o que então ocorreu até o dia de hoje, quando se fazem preparativos para o batizado, fica ao critério do bondoso leitor. Nossa pequena história começa aqui, na solenidade religiosa.

Capítulo I

O padre murmurou alguma coisa que ninguém entendeu e assim, depois de espargir água na pia batismal, a criança, tocada na testa pelo dedo santo, foi benzida e indicada a Deus para que dela não se esquecesse em tempo algum. Chamaram-na Pacífico.

Sobre esse curioso nome que foi escolhido para a criança, há uma outra história na qual não nos deteremos. Nós que rabiscamos estas linhas sabemos das fortes razões que levaram dona Clotilde a batizar seu filho com nome Pacífico. O próprio pai, afortunado pai, não o sabe. Pacífico, não em homenagem ao grande oceano, mas simplesmente como cumprimento de promessa. Dona Clotilde, esposa de Munhoz e mãe da criança, havia jurado aos santos que chamaria Pacífico ao seu primeiro filho como louvor a Deus e como pedido, todo contrição e cheio de fé, para que se acabasse a guerra.

Nisto tudo sucede ainda uma coisa curiosa: a mãe, essa dulcíssima criatura, chamava-se Clotilde Paz; o pai, esse sereníssimo esculápio, assinava-se Armando Deoclécio Munhoz; logo, o filho poderia ser chamado Pacífico Armando Paz, por mais estranho que pareça.

Pois bem. Pacífico Armando Paz, ou simplesmente Pacífico Munhoz, poucos anos mais tarde já se fazia uma criança grandemente insinuante, ingênua e, o que não seria de estranhar num menino de quatro anos, delicada, extremamente afetuosa. Era a alegria do lar, e os pais, felizes, iam fazendo o possível por educá-la dentro de ensinamentos puros e sadios. No colégio, beirando os seus oito anos, deslumbrava as mestras, pela educação e inteligência que exibía sempre. Era de uma calma es-

pantosa, mostrando um aproveitamento que raros alcançariam.

— Pacífico! Em quantas partes se divide o corpo humano?

— Depende.

— Depende de que, menino?

— Ora. De como se queira.

— Não. Responda como eu lhe ensinei. Em quantas partes se divide o corpo humano? Responda direitinho, Pacífico!

— Ah! Em três partes, dona Celeste.

— Muito bem. Muito bem. E depois?

— Cabeça, tronco e membros.

— Muito bem.

— Mas por que, hein, dona Celeste? Onde fica a alma, hein?

— Não faça perguntas tôlas. Não perturbe a classe...

Alguns anos se passaram e Pacífico, como todas as coisas, se fez mais velho. Era agora um moço. Já estudava em escola secundária, já fumava escondido e já olhava com outros olhos as pernas da professora. Ainda aqui seus novos mestres o acompanhavam refletindo exatamente como sua primeira professora.

— Não queira saber tudo de uma vez, Pacífico. Com o tempo você chegará a distinguir a alma da matéria. Suas perguntas são sempre fora de propósito.

Na universidade, passados novos longos anos, seus mestres explicaram o que era a alma. Era o que não era matéria. Era o conjunto das faculdades intelectuais e morais do homem. Era, enfim, tudo aquilo que não era, isto é, abstração, pura abstração. Pacífico ouvia mas não aceitava. Disseram-lhe o que era a alma, mas ele leu Voltaire. Assim, ficou com Voltaire, compartilhando, pelo menos, da idéia de um grande homem...

Capítulo 2

Os anos voltaram a passar. O nosso simpático herói continua preso à mesma idéia: "E a alma? Que estranha energia, que poder supremo será esse que nos comanda, nos dirige, nos impõe a certeza do mistério de sua existência?"

Já agora Pacífico Munhoz era vítima de uma verdadeira obsessão. No seu escritório de advogado — pois Pacífico se formara e montara tenda de trabalho — havia sempre a sombra de uma angustiosa dúvida: "E a alma? Afinal, que será a alma?"

Pacífico corria os livros, ansioso por uma resposta, mas em

vão. Voltava as páginas do tempo para um encontro com Tales, Anaximandro, Heráclito, Pitágoras, Xenofanes, etc., etc., etc. Dava uma volta e tornava aos clássicos, correndo os olhos por Demócrito, por Anaxágoras, Leucipe, Protágoras, etc., etc., etc. Desvairado insistia com Platão, seu velho conselheiro da Helade, mas nem o grande filósofo podia responder à sua amarga pergunta: "A alma, que será a alma?"

Debalde, a luta continuava e o nosso herói perdia.

Uma tarde, das muitas que caracterizavam a sua vida de advogado sem sucesso, só, no seu modesto aposento de trabalho, Pacífico, ainda perdido num mundo de curiosas fantasias, teimava em cismar sobre a alma. E dizia para si: "A alma, isto que sinto em mim mas que se não me revela, a alma, o que será a alma?"

Havia um silêncio de morte na pequena sala. Meio iluminada pela lâmpada que cobria a mesa de trabalho, a sala estava obscurecida por uma nuvem de vem de fumaça de seu cigarro. Outras pontas de cigarro já enchiam o cinzeiro, e Pacífico parecia esquecido de tudo, de tudo que não fôsse a grave pergunta: "Que será a alma?"

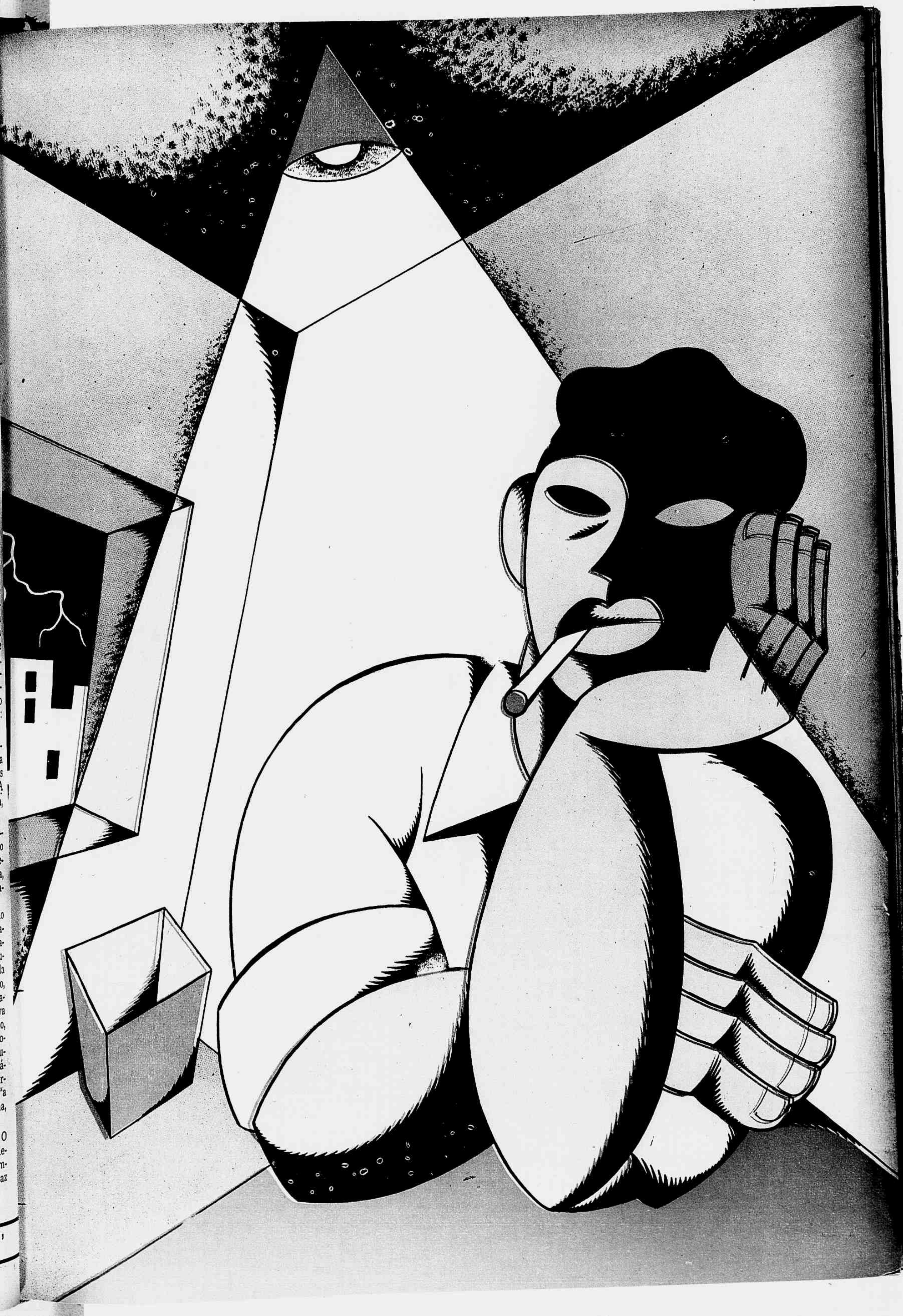
No meio dessa densa penumbra, Pacífico assemelhava-se a um afogado, mergulhado nas ondas do grande mistério. "A alma, a alma, o que será a alma, Deus dos céus?"

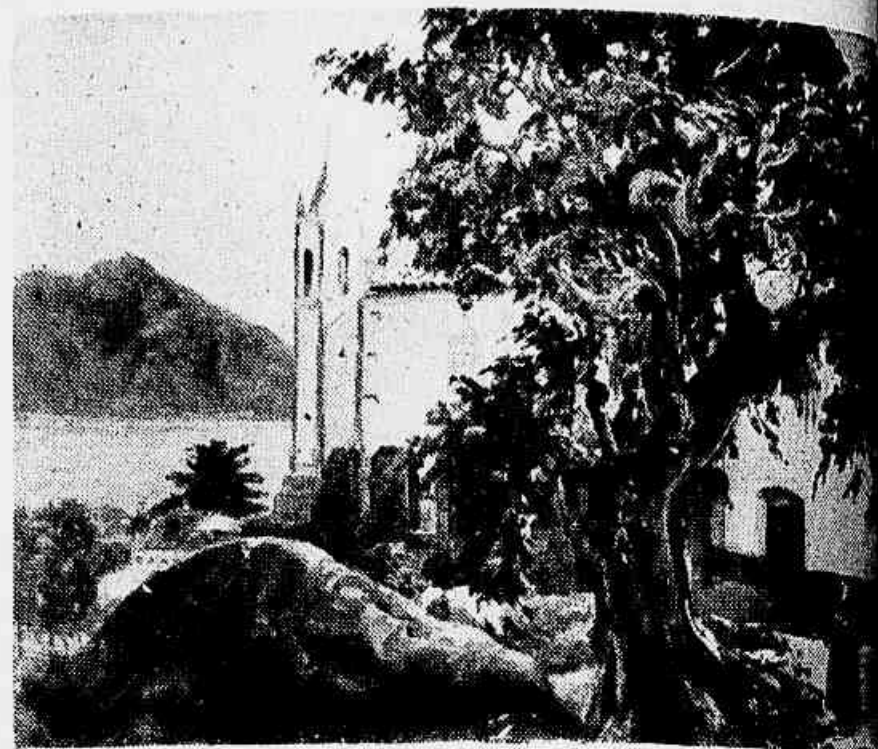
— Que substância é essa? — voltava a se inquerir o nosso atormentado personagem. — Será fogo, será água, será terra, que será afinal? Será eletricidade?

A sombra do céu carregado que anunciava chuvas, penetrava-lhe o acanhado gabinete. Havia um cheiro de chuva misturado no ar que entrava na sala de Pacífico, mas este, alheado, longe, olhava distante na parede apergaminhada que ficava à frente de sua mesa. Sentado, tendo as mãos segurando nervosamente a cabeça, Pacífico Munhoz compunha um quadro trágico e melodramático. E perguntava aflito, em voz alta: "a alma, a alma, que será a alma, meu Deus?"

Nisto, começa a chover. O trovejar, o desmoronar dos elementos que se anunciava, a tempestade em todo o fragor, faz

(Continua na pág. 44)





ARTES PLÁSTICA

A pintora patricia Guiomar S. Fagundes, com uma nova consagração, uma artista que vem se firmar, sem propaganda e sem interferência de críticos, no conceito do público brasileiro, graças somente ao verdadeiro valor de seus trabalhos. O seu traço, muito pessoal e expressivo, revela-se em qualquer de seus trabalhos, seja uma natureza-morta, uma paisagem ou uma figura. Aí estão dois quadros da artista: à esquerda, um retrato da srta. Homero de Souza e Silva; ao alto, uma magnífica paisagem, em que a pintora mostra todos os seus grandes recursos de tintas e de formas.

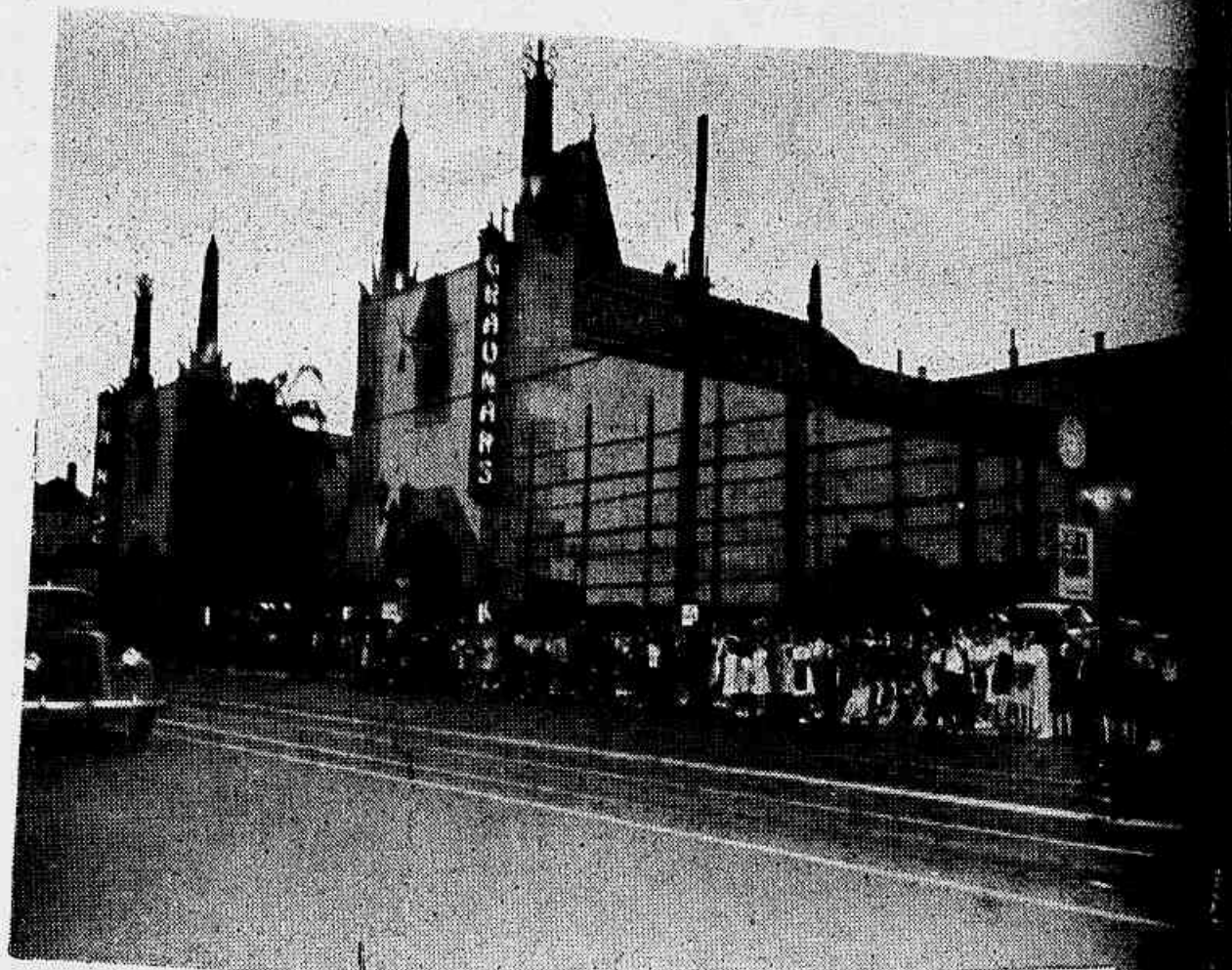
No pé da página aparece a reprodução do óleo "Barco em reparo", tomado de um motivo praiense de Itacurussá, Estado do Rio; esse trabalho é mais uma bela pintura do conhecido artista Gastão Formenti e concorre ao Salão oficial de 1945.

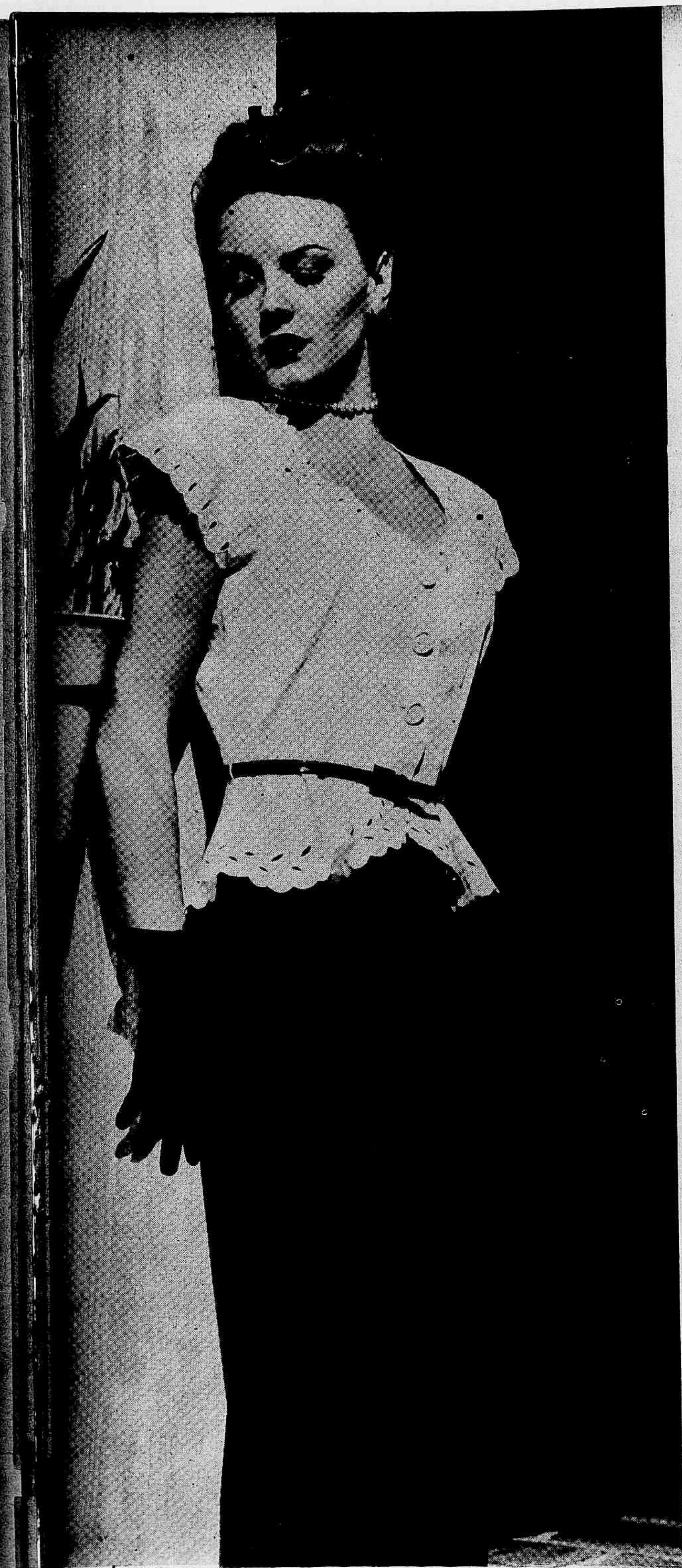




A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

Hollywood, outubro. (Via aérea, por Luiz Serrano, correspondente da REVISTA DA SEMANA) — As ilustrações que acompanham esta correspondência traduzem dois legítimos acontecimentos cinematográficos destes últimos tempos. Ao alto, Deanna Durbin, agora com os cabelos castanho-claros, tal como vamos vê-la em "Lady On A Train", uma história romântico-policia em estilo completamente novo. As outras fotos dizem respeito a uma "avant-première" no "Chinese's Theatre" que é onde periodicamente se repetem essas noites festivas e memoráveis. Além da fachada do teatro de Graumans, damos, em baixo, da esquerda para a direita: Peggy Ann Gardner assinando autógrafos para suas pequenas admiradoras; Gene Tierney pela primeira vez aparecendo em público pelo braço de seu marido, Oleg Carsini; e, finalmente, o capitão George Montgomery, ainda em seu uniforme, na companhia de Dinah Shore, também autografando os cadernos dos "fans". Nessas noites de "avant-première" é quando os visitantes de Los Angeles encontram a desejada oportunidade para ver, de perto, algumas destacadas figuras do cenário cinematográfico, e o alvoroço é enorme. Durante a guerra o movimento foi muito reduzido, porque muitos galãs estavam a serviço da causa militar, mas, com o regresso dos "astros" de primeira grandeza, o "Chinese" volta aos seus áureos tempos, recuperados a alegria e a iluminação dos velhos tempos.





Aqui temos Janet Blair, da Columbia, que nos apresenta um lindíssimo conjunto em branco-e-preto. Jaqueta singelamente bordada confeccionada em fustão branco, e a saia, ligeiramente em forma, em linho preto.



Para as banhistas de Copacabana nada mais encantador que um banho apresentado por Angela Greene, da Warner Bros. Copacabana e estarão graciosamente vestidas para um "sejour" areia

PARA OS DIAS QUENTES

Donna Reed apresenta-se-nos riosamente primaveril com êste modelinho delicioso e juvenil. Observem as nossas leitoras a originalidade do padrão e a simplicidade do talho cujo encanto reside no drapeado da blusa. Êste vestido de Donna Reed é uma sugestão encantadora.



ador que
Bros. Co
"sejour"
ndissimo traje de
as nossas gentis
reias das praias.

Um belo penteado, onde os louros caracóis de uma bela cabeleira como a de Adele Jergens, da Columbia, se harmonizam para emoldurar um rosto cheio de esplendor — é um dos requintes que mais encantam o senso estético dos apreciadores da beleza feminina. Pentear-se bem deve ser uma das preocupações da mulher elegante. Que os cabelos sejam arrumados com arte para que a cabeça esteja perfeitamente bela tanto de frente como de perfil. Aqui está, nestas duas gravuras, uma esplêndida sugestão para um penteado perfeito. Observemos os complementos: os lindos "clips" na concha da orelha, e o colar de pérolas com o fêcho em feição de laço.



LENTEADOS

MIRAGEM

NAS dobras das cortinas, sobre as mesas coloridas, nos arabescos do teto, no ângulo das paredes, nos vidros dos armários, em tudo aquela claridade pousava a sua asa sutil.

Era a alma vaporosa do sol que ali se abrigara e ali se debatia em convulsões de cor.

E dentro daquele ambiente suave, envoltos na mortalha encantada do crepúsculo que lá fora se estorcia em cambiantes róseas sobre o mar, os dois pela primeira vez se falavam, ali, no canto daquele bar.

No rosto moreno do homem havia um êxtase, uma ansiosa interrogação.

No rosto pálido da mulher havia a placidez de quem já nada mais quer saber.

Sobre a mesinha verde, entre os cálices de cristal onde sangrava um vinho qualquer, as mãos nervosas do homem tinham a expressão de quem vai officiar um sacrifício espantoso, enquanto as mãos longas e plácidas da mulher tinham a expressão desdenhosa das mãos de quem morreu. E ele, que era poeta e se jactava de ser um psicólogo, começou a falar:

— Há quanto tempo vivo eu palmilhando o teu rastro e que horas amargura, e que longa expectativa tu me tens feito viver! Mas alcanço enfim o meu prêmio, e aqui estou diante dos teus olhos, que são a causa do meu encanto e a curiosidade do meu amor.

"Da tua boca, dos teus cabelos, da tua graça, do teu corpo eu nada quero saber. Mas, diante do abismo destes olhos, eu me quero deter e te quero indagar: em tristes regiões tu te perdeste e que morticínios contemplaste para que ficasse chorando nas tuas pupilas essa melancolia que me confrange? Que lutas sangrentas, que combates de titãs, que cataclismos te deixaram esse pasmo que alarga e embeleza o teu olhar? Que terrível deserto te pôs nos olhos a angústia de uma sede sem fim? Em que campo de batalha teus olhos fotografaram essa perspectiva de dor?"

"Conta-me, responde, que meu amor nasceu da piedade pelos teus olhos sofredores!"

"Serás tu a evadida de alguma tragédia? Serás tu a rainha destronada de algum reino desgraçado? De onde trouxeste enfim esse reflexo que te abre um plenilúnio no olhar?"

.....
E a mulher, que jamais tinha visto nada a não ser o Rio de Janeiro com seu eterno sorriso de luz, nada respondeu. Mas, sorrindo um sorriso amargurado, fechou os seus olhos dramáticos e olhou para dentro de si.

E lá no fundo de sua alma crestavam-se os desertos, explodiam os cataclismos, sangravam as tragédias, estendiam-se os campos de batalha e gemia uma sede sem fim!...

Jesús Barbosa

MARIE McDONALD
(RKO-Radio)



DESAFIO

NOVELA DE
EDGAR WALLACE

Uma luz forte iluminava o rosto do rapaz.
— Estou inocente — repetiu.
O chefe de polícia recostou-se na poltrona.
— O senhor foi prêso em flagrante — observou um detective, sem levantar a voz.
— Entretanto estou inocente.
Sir Gerald sorriu.
— O senhor há de confessar, todavia, que há uma contradição no que diz.
O rapaz voltou-se, de repente, para o chefe de polícia e exclamou:
— Não se faça de inocente, Sir Gerald.
O outro não pareceu surpreender-se com aquelas palavras.

— Está insinuando que eu sei alguma coisa a respeito desse crime?

O jovem não respondeu. Novamente apareceu o sorriso nos lábios irônicos de Sir Gerald.

— Vê? Não tem a coragem de repetir sua acusação absurda.

Depois, voltando-se para os guardas, disse:

— Levem-no.

A sós com o chefe, o detective, que ouvira o fim do diálogo em silêncio, comentou:

— Ele parece louco.

— E' isto: louco — disse Sir Gerald. — Não há dúvida que está louco.

— O senhor vai mandá-lo para o manicômio?

— Por que? Ele não está tão louco assim... Será julgado. Bem, eu acho melhor você ir providenciar para que o vigiem bem. Ele pode querer fugir...

O detective obedeceu sem discutir, mas notava-se, na sua fisionomia, que estava perplexo. O caso era estranho...

Sir Gerald não perdeu tempo. Assim que o auxiliar se retirou tirou o fone do gancho e pediu um número.

— Alô? Ministério do Exterior? Quero falar com o ministro. E' Gerald Stainer, chefe de polícia.

O ministro veio ao telefone. Marcaram um encontro.

★

— Um excelente jantar.

Sir Gerald deixou-se cair numa poltrona, com um suspiro. O ministro, Sir Donald, não respondeu. Foi buscar uma caixa de charutos da melhor qualidade e ofereceu um ao convidado. Quando este tinha tirado algumas baforadas, evidentemente satisfeito, o anfitrião fez a pergunta:

— Escute, Gerald: você hoje à tarde telefonou para mim.

— E' verdade.

— Disse que tinha um assunto importante a discutir.

— E' verdade.

— O jantar está terminado. Os criados já se retiraram. Podemos falar.

Sir Gerald esperou um momento. Depois começou, com voz arrastada:

— Meu caro amigo, você é muito imprudente.

— Refere-se ao caso de Jerry?

— Exatamente.

— Aquilo não podia ser evitado. Dei ordens expressas a ele. Obtenha o documento ou mate.

Sir Gerald riu gostosamente.

— Imagine se a imprensa soubesse disso...

— Você está brincando com uma coisa séria.

— Meu caro Donald, você é quem está pensando que somente porque é ministro pode violar todas as leis do país...

— Você não compreende que a cultura da Inglaterra dependia daquele pequeno pedaço de papel?

— Escute, Donald: eu não entendo a sua política. Por isso não posso dar uma opinião sobre o assunto. Mas encaremos os fatos objetivamente. Um rapaz, que se recusa a falar, matou um cidadão. Foi prêso em flagrante. Você me pede que o solte. Eu não posso fazê-lo. O Ministério do Exterior usa que pode continuar dessa maneira: está muito enganado. Ou dá uma posição oficial aos seus espões, ou acaba com o departamento. Eu por mim, só digo uma coisa: toda vez que um de seus auxiliares cometer um crime, será prêso. Para soltá-lo, você terá que revelar a existência de um serviço de contra-espionagem. A decisão cabe a você. Além do que eu devia realmente fazer era prender você como cúmplice. Mas, infelizmente, não tenho provas.

— Eu acho que você tem uma noção muito errada do dever. Não se trata do fato de ter um serviço de espionagem, mas do fato de reconhecê-lo pública e, portanto, oficialmente. Isso é que não pode ser feito. Eu peço somente a intervenção da polícia para soltar esse rapaz que cometeu um único crime: cumprir o seu dever.

— Sinto muito, mas infelizmente isso não pode ser.

— Pois bem, Gerald. Já que você me força a isso, vou cometer outro crime.

— Tome cuidado para não deixar provas.

— Não há perigo, meu caro amigo. Posso até dizer a você o dia e a hora da fuga de Jerry.

— Como?!

— Esperarei que ele seja julgado. Com certeza virá a condenação. Irá para a penitenciária aguardar sua execução por homicídio.

— Sim. Até aí está tudo perfeito.

— Pois bem. Uma semana depois de chegar à penitenciária ele fugirá. Será auxiliado por mim. O plano será executado por auxiliares meus, mas serei eu o mandatário. Tente provar isso. Tente impedir a fuga.

— Sabe que, se o pegar, mandarei prender, sem dar importância ao escândalo?

— Sei.

— Meu caro Donald, invejo sua coragem. Você não tem a mínima oportunidade de êxito.

★

Apesar do que dissera, Sir Gerald tomou todas as precauções. Jerry estava muito guardado do que as jóias da coroa, no dia do julgamento, pois Sir Gerald temia um ardil. Pensava que antedatariam a fuga, marcando que ele só estivesse prevenido no dia marcado. Entretanto, o ministro do Exterior não cometeu esse erro. Deixou que levasse seu amigo e auxiliar para a penitenciária, mais famosa de toda a Inglaterra porque considerada inexpugnável. Era cercada por um pântano, e todos os criminosos que tinham logrado fugir não tinham passado por aquele pântano.

— Nunca ninguém conseguiu passar do pântano — disse Sir Gerald pelo telefone.

Sir Donald respondeu:

— Não é novidade isso. Mais alguma comunicação?

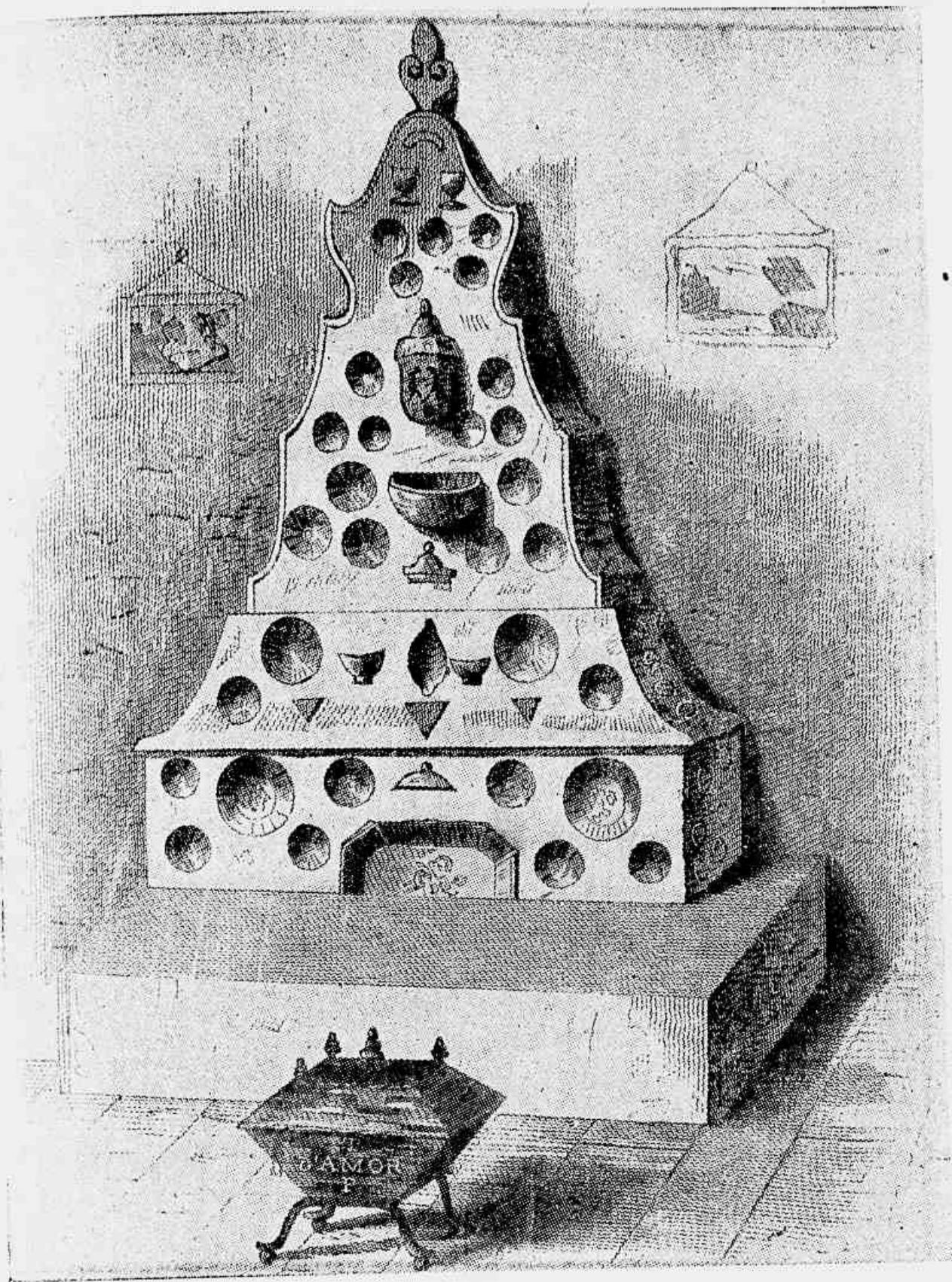
— Não.

— Então, passe bem.

— Espere, espere: eu preciso falar com você.

— Que há?

(Continua na pág. 36)



O LAVATORIO DA SACRISTIA DA IGREJA DA BOA VIAGEM EM NITEROI
(DESENHO DE TOMÁS EWBANK)

Recolhida a Família Imperial a seus aposentos, estava dado sinal de partida para volta a Botafogo em cuja praia os escaleres de *La Reine Blanche* esperavam o almirante e sua comitiva para reintegração a bordo.

Venha agora segundo quadro de perfeito contraste, o do *Mercado Velho do Rio de Janeiro*, pintado por Dabatie, viajante francês percorredor da America do Sul.

"Numa praça, proxima de fonte monumental em forma de piramide (o chafariz da atual Praça Quinze) abre-se a porta principal do Mercado. Encontra-se nele a mais variada especie de rostos e de mercadorias, ouvindo-se toda a especie de idiomas.

No recinto quadrado onde brancos, negros, mulatos, indios acotovelam-se, conversam animados, trocam sorrisos ou invectivas, e taponas algumas vezes, é possível comprar um carregamento inteiro de variedade infinita.

O apreciador de peixe acha no Mercado milhares de sardinhas frescas a dois vintens o cento, encontra camarões, garoupas, robalos, sardas incomparáveis, enxovas e montes de pequenos tubarões que os negros comem de modo alarmante.

Embora excelentes, as ostras no Rio de Janeiro não têm procura no Mercado, aqueles moluscos encontrados gratis, formando inexgotaveis rochedos a dois passos na rampa do Mercado.

Nem a este falta um jacaré a deleitar-se em bacia de chafariz. Quem gosta de macacos, papagaios, micos, lagartos monstruosos, cobras, tudo isto e mais encontra na parte do Mercado reservada aos animais.

Quem gosta de frutas dirija-se a negras muito bonitas, calçando chinelinhas fa-ceiras, de braços e côlo roliços, de pescoço cercado por contos de coral, turbante posto ufanamente, panos da costa de hombros indo ao chão.

Estas negras competem no oferecer ao comprador quanto lhes está nos taboleiros, laranjas enormes, tamarindos, bananas, mangas, abacates, cajús, abacaxis, frutas pão". Que de superfluos, em 1845!

Venha agora terceiro quadro, este bem oposto ao quadro do *Mercado Velho* descrito por Dabatie em 1859.

Eis como Tomás Ewbank pintou com entusiasmo *A Ilha e a Igreja da Boa Viagem*:

Dos lados de Niterói ergue-se montuosa a ilha onde outrora postas duas construçoes de natureza e fins antagonicos, um forte, uma igreja tendo a Virgem por protetora, ela muito venerada por gente do mar, sobretudo por aquela que afronta oceano em frageis embarcações, com temor de Deus em fé catolica.

No templo a imagem da Virgem ficava no altar-mór, as imagens de Santa Clara e Santa Rita postas em altares laterais.

Duas galerias ornavam a igreja de N. S. da Boa Viagem, uma galeria de pinturas, outra de promessas cumpridas. Na primeira galeria quadros e quadros representavam naufragios e milagrosas salvagões por graça da Virgem.

Na galeria das promessas, ex-voto a ex-voto, ostentava-se o reconhecimento de aflitos escapos à morte, nos mares, revoltos pelo bolar dos ventos no cavar ou amontanhar de ondas em sorvedouro.

As paredes da sacristia da igreja da Boa Viagem eram vestidas por velhas pinturas. Uma destas sobressaía, representando a Natividade da Virgem, ao pé de Santa Ana e São Joaquim, doze mulheres lavando a recém-nascida, pelo Ave a purificar q nome de Eva.

Os lavatorios das sacristias são em geral de marmore esculpado. O lavatorio da sacristia na igreja da Boa Viagem era de rara originalidade.

Formado de porcelana chinesa atestava a piedade e a oferta de antigos marujos em navegações para a India.

Uma das originalidades do curioso e talvez unico lavatorio, minuciosamente des-

QUADROS E CONTRASTES Por ESCRAGNOLLE D O R I A

Para compôr os quadros seguintes e oferecer-lhes os contrastes, vamos valer-nos do auxilio de escritores estrangeiros.

Venha em primeiro quadro: — *Um jantar no Palacio de S. Cristovão*

Em 1844, a 2 de Agosto, a bordo da fragata francesa *La Reine Blanche*, surta havia pouco no porto do Rio de Janeiro, reinava à tarde bastante animação, lam o almirante Dupetit Thouars, com a officialidade da fragata, baixar a terra. Cumpria corresponder a um desses convites quasi ordem pela qualidade alta de quem convida.

Figura de muita vista na marinha de sua nação, Dupetit Thouars comandava no momento forças navais francesas no Pacifico.

Seu elevado posto dava-lhe direito a estado-maior. Tinha-o e ajuntára-lhe um civil, como seu secretario. Chamava-se Max Radiguet e dar-nos-ia as informações necessarias à reconstituição imaginativa do jantar no palacio de São Cristovão ao qual concorriam Dupetit Thouars e os officiais de *La Reine Blanche*. O jantar era dado em honra do dia natalicio da princeza D. Francisca, irmã terceira de D. Pedro II e recém-desposada no Rio de Janeiro pelo principe de Joinville, filho de Luís Felipe, rei dos Francêses.

Escaleres da fragata transportaram o almirante, seus officiais, seu secretario, à praia de Botafogo. Nesta os esperava o conde Ney, encarregado de negocios da França, que puzéra varios carros ao dispôr dos convidados de São Cristovão.

Chegados ao palacio, apenas na sua esplanada, descobriram-se todos os francêses embora o sôl castigasse assaz. Forçoso obedecer à etiqueta.

Os convidados esperaram o imperador em sala ornada de telas, gravuras e litografias. Mal os curiosos lhes haviam lançado vista, D. Pedro II appareceu.

Achou-o Radiguet um tanto fatigado, attribuindo o fato a rapido crescimento. Nos olhos claros do joven e loiro soberano notou Radiguet singular expressão meditadora dada por olhos um pouco no fundo de arcadas superciliares.

Apresentou-se D. Pedro fardado de general, luzindo-lhe nos hombros dragonas pesadas de torsais flutuantes. Trazia algumas veneras, a tiracôlo a grã-cruz da Legião de Honra.

A apresentação de Dupetit Thouars e de sua officialidade foi singela. O imperador já conhecia o almirante. No momento interrogou-o com interesse sobre recente estadia nas Ilhas Marquezas, sobre successos de ordem colonial em Tahiti.

Retirando-se o imperador, logo após foi franqueada aos convidados uma sala grande onde resplandecia mesa magnificamente posta.

Enormes ramos de vistosas flôres enchiam vasos e cestas, ao redor de uns e de outras cintilante um grande luxo de cristais e ourivesarias, a porcelana de mostra às maravilhas de Sévres.

A mesa, sentou-se D. Pedro perto da imperatriz, da irmã D. Januaria, do cunhado, o conde d'Aquila.

O jantar foi servido à francesa e durante todo ele, sob as janelas do palacio, tocou excelente orquestra.

A sobremesa ergueu-se D. Pedro, imitado por todos. Brindou Luís Felipe, sogro de sua irmã D. Francisca em honra da qual oferecido o jantar.

Logo após o brinde levantar da mesa. Parte dos convidados ficou em liberdade em uma sala onde lhes era permitido estar a gosto, a etiqueta não consentindo sentar-se diante do imperador. Este e os seus, a imperatriz, a irmã D. Januaria e o cunhado o conde d'Aquila, passaram a outra sala a conversar com generais e altos funcionarios.

crito por Ewbank, era a incrustação na peça de não poucas peças de um serviço de chá.

Aos pés do lavatorio havia pequeno vaso cinerario contendo restos de uma criança e trazendo esta inscriçã

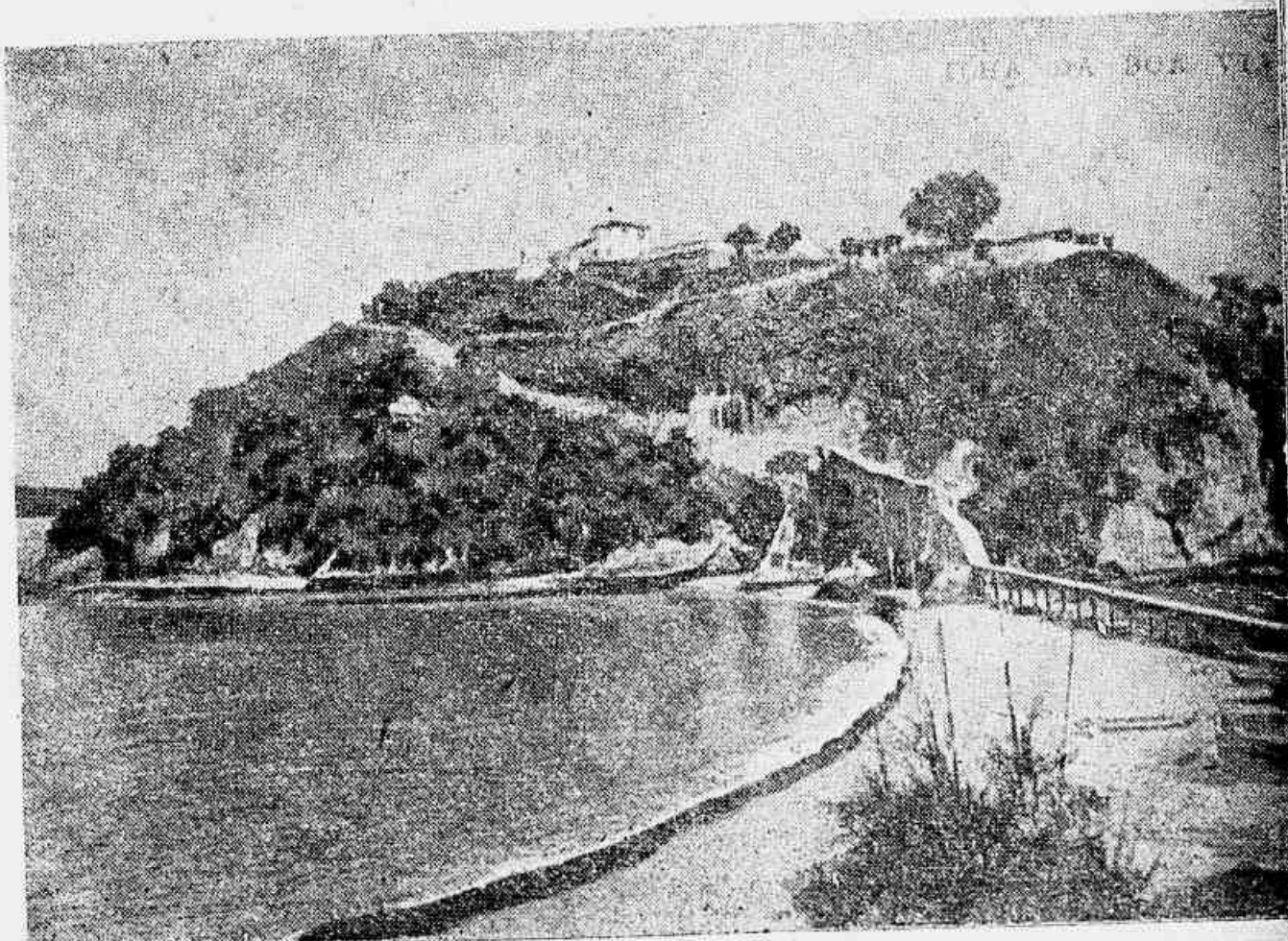
T. d'Amor P.
(Testemunho de Amor Paterno)

Tendo desenhado o lavatorio da igreja da Boa Viagem, desenhou tambem Ewbank o panorama descortinado do cimo da ilha, de onde se percebia nitidamente a posição das eminencias do Rio de Janeiro, o Pão de Assucar, os Dois Irmãos, a Gavea, o Corcovado, a Tijuca, em corôa de montes a uma cidade de praias.

A ilha e a igreja de N. S. da Boa Viagem colocadas longe do ancoradouro do Rio nem sempre podiam ser visitadas por agradecida gente do mar; sobretudo na pressa de chegar e partir logo.

Para agradecimento os devotos da Virgem levavam-lhe preces a altares das igrejas de Santa Luzia e da Candelaria, este templo levantado por salvos de naufragio.

Nos altares de N. S. dos Navegantes era possível agradecer ou pedir uma "Boa Viagem" que até por simples polidez se almeja a quem empreende jornada ou travessia.



SEU ESPÊLHO NÃO DESCOBRE O

"Inimigo Invisível"

Você tem um "inimigo invisível". Quase todos nós o temos: a acidez bucal de origem bacteriana que, não sendo neutralizada, pode causar a cárie dos dentes.

A limpeza comum dos dentes não elimina toda a acidez bucal de origem bacteriana. Para isso, você necessita do dentífrico adequado. O Creme Dental Squibb é esse dentífrico adequado, pois contém Leite de Magnésia Squibb — ingrediente especialmente destinado a combater e neutralizar a acidez bucal.

Seu dentista é a maior autoridade para julgar um dentífrico. Consulte-o sobre as qualidades do

COMBATA O SEU "INIMIGO INVISÍVEL" ASSIM:

- 1) Escove os dentes com Creme Dental Squibb, pelo menos duas vezes por dia. Isso garante uma limpeza eficiente e segura.
- 2) Depois, antes de enxaguar a boca, espalhe o Creme Dental Squibb, fazendo-o atingir todos os dentes. Isso proporciona-lhe o benefício completo da ação neutralizadora do Leite de Magnésia Squibb — combatendo assim seu "inimigo invisível" — a perniciosa acidez bucal de origem bacteriana. Além disso, você sentirá que o Creme Dental Squibb deixa na boca uma sensação agradável de limpeza e frescura.



CREME DENTAL
SQUIBB

Livros

EMOÇÃO, versos de Osório Dutra — Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1945.

O Sr. Osório Dutra, poeta magnífico de sentimento e virtuoso do verso, resolveu dar ao haikai variantes e modalidades suas. A entrada do livro, pergunta-nos altamente:

*As lavadeiras cantando...
O ribeirão soluçando...
Não será isto um haikai?*

Faz isso para nos experimentar, nos desafiar. Bem, ele sabe que, a rigor, não é um haikai aquilo. Se, porém, lh'o declararmos, tem autoridade e convicção, bastantes para nos replicar como Victor Hugo a um ator que lhe observava não ser bom francês certa expressão contida num verso de *Hernani*: "Pois fica sendo agora!" O comediante entendeu; e o mesmo nos sucederia, a nós.

Bem entendido, quando o Sr. Osório Dutra quer observar o padrão clássico do pequenino poema, certamente não faz obra inferior, na espontaneidade nem no apuro, aos modelos de Bashô, mestre supremo do gênero. Como, em português, tem cultivado o haikai, por exemplo, os Srs. Afrânio Peixoto e Guilherme de Almeida, pode o autor aqui presente realizá-lo com o preceito inalterável dos tres versos: o primeiro e o terceiro de cinco pés métricos e o segundo de sete. Assim, com efeito, compoz, e a primor, boa parte do volume. O título é, por via de regra, imprescindível no haikai, para a perfeita compreensão daquilo que, tão concisamente, dizem os versos. Adotando, porém, esse recurso geral, por outro lado o nosso poeta cria dificuldades para o goso estético de as vencer. As obrigatoriedades dos dois pentassílabos e da redondilha maior, acrescenta o problema da rima, a espécie de equação musical que ele sempre resolve aires, vitoriosamente. E às vezes faz ainda mais: rima dentro do próprio verso. Consideremos, alguns espécimes daquilo a que sem grande impropriedade chamaríamos super-haikais. Ou será melhor outra coisa; vejamos primeiramente algumas composições do molde consagrado:

OBSERVAÇÃO

*Córrego indolente...
Garças frívolas, dispersas,
estudando a gente.*

BORBOLETA

*Nascimento de azas!
Lagarta que se liberta
para ir ver as rosas*

Outras vezes, porém, destrói o artista essa simetria e faz tres setissílabos:

ALARME

*Agitação nos mundêus...
Vão chegando os caçadores...
Codornas! velas ao largo!*

TRISTEZA

*Sofrê da beira do rio!
Como é que, tão colorido,
encerras tanta tristeza?*

INSPIRAÇÃO

*Instante quase divino!
Gloria, às vezes, dum segundo!
Bênção suprema da luz!*

BELEZA

*Um botão de primavera...
Depois a flor... Depois frutos,
folhas secas pelo chão.*

Finalmente aqui temos, graças aos refinamentos técnicos do Sr. Osório Dutra, as desessete sílabas da tradição, mas enriquecidas de rimas não só nos versos extremos mas também dentro do segundo verso:

FANTASIA

*Estrelas eternas...
Nos campos, mil pirilampos
brincam de lanternas.*

CORRENTEZA

*Labor que não cessa!
Sombrios, profundos rios,
por que tanta pressa?*

SULTANATO

*Harém num canteiro:
Rosas, escravas cheirosas
do meu jardineiro.*

CAPOEIRA

*Suspiros de fontes.
Arapongas... Vozes longas
Martelando os montes.*

E dizer que, com todos esses requintes, esses extremados apuros de forma, não deixa o Sr. Osório Dutra de obedecer ao velho preceito castelhano, segundo o qual, entre a primeira palavra e a rima de cada verso, há que poner talento!



Novos

ENIGMAS DO CÉU E DA TERRA, poemas de Cid Corrêa Lopes — Rio de Janeiro, 1945.

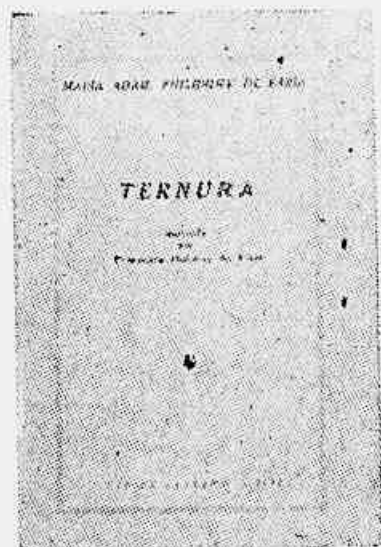
Poemas chama o Sr. Cid Corrêa Lopes aos trabalhos contidos neste volume e não seremos nós que lhe contestemos tal direito. Igualmente nos absteremos de discutir a propriedade do termo "enigmas" aplicado ao assunto com a forma das mesmas composições. Trata-se, ao que depreendemos da leitura — e não precisamos de muito tempo para o livro inteiro — dum poeta da classe batizada "modernista"; e é bem sabido que tais homens de letras gosam de liberdades, privilégios incontestáveis. De nossa parte, limitar-nos-emos a ponderar que nem os temas escolhidos pelo Sr. Corrêa Lopes nem a maneira como ele os trata se nos afiguram, em geral, enigmáticos; às vezes salva-se uma das coisas; outras vezes até as duas; e neste último caso, quer a nossa inteligência quer a nossa emotividade ficam satisfeitas como quem encontrou um motivo de gozo sem que nêlo houvesse qualquer problema a resolver ou charada a decifrar.

Algumas peças não excedem tres das linhas que os modernistas consideram versos. Nessa mesma exiguidade, porém, encontramos audácia e veemência, um sentido agudíssimo, um belo esforço para criar imagens inconfundivelmente próprias, maneiras verdadeiramente inéditas. E outras produções são maiorzinhas como a que se intitula *Travessuras* e é a seguinte:

O diabo comprou a minha infancia fiado,
E não me pagou e,
Do lago dos meus olhos brotou o arroio Chuy.
Mais tarde o demonio adquiriu a minha juventude
A boca do café,
E ri-me da Vida na cara da Vida.
De tanto gargalhar,
Os pés de galinha desenharam,
No meu semblante,
Um sistema rodoviario,
Capaz de fazer o tio Sam chorar de inveja.
A minha maturidade não vendo,
Nem mesmo a base do cambio negro.
Quanto á velhice,
Já fiz negocio com a Santa Casa.



TERNURA, paginas saudosas de Maria Adail Philidory de Faria — Rio de Janeiro, 1945.



Como Coelho Netto escreveu *Mano* e a Sra. Maria Eugênia Celso *Vicentinho*, pranteando cada qual seu filho morto, compoz a Sra. Maria Adail o presente livro, consagrado à memória pura e ao amor inesquecível de sua mãe.

E' sobretudo pela feição sentimental que se devem considerar e prezar estas páginas. Respiram um afecto sagrado. Estão impregnadas de respeito religioso. Definem alguma coisa semelhante à devoção que se tem por uma santa ou pelo próprio Deus. Através das quase duzentas páginas do volume, êsse culto filial se manifesta num estilo de lirismo carinhoso, às vezes dolorido, mas em outros capítulos ou passagens exprimindo antes enlevo e consolação. A fantasia que tem por título *Aria antiga* louva a morta sempre presente e cada vez mais viva no coração da filha, comparando-a à fada mais bondosa e mais milagrosa; ao perfumeado sopro da primavera; à ultima dádiva terrena duma roseira que ha de reflorir no Paraíso; ao pássaro que partiu, buscando a árvore da eternidade; ao floco da paineira, que, lindo e leve, se desprende, foi pelos ares para a infinita luz; ao astro que, vindo à escuridão do nosso mundo, voltou para a família rutilante das estrelas. ... E por todo o livro imagens destas se sucedem, nascidas do mesmo idealismo extremoso e da mesma acrisolada emoção.

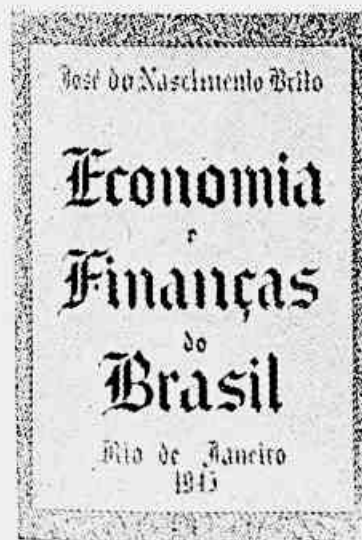
ECONOMIA E FINANÇAS DO BRASIL, pesquisas e comentários de José do Nascimento Brito. — Rio de Janeiro, 1945.

O autor desta obra não pretende passar por grande autoridade em economia ou finanças nem se arroga fóros de escritor perfeito. Mas o seu obbectivo está alcançado, como por quem devesse fosse uma e outra coisa.

Querendo dar-nos idéia da situação do paiz perante as suas riquezas e os esforços, os meios até hoje empregados para, utilizando-as, se lhes dar o real valor, usa o Sr. Nascimento Brito dum método de averiguação e uma forma de exposição que a qualquer profano, ao mais ignaro hão de esclarecer. Desde logo se sente o seu propósito de ir directamente às causas dos fenômenos a estudar. Procura a melhor maneira de ser explicito sem deixar de ser singelo. Pode, às vezes, suceder que, assim de mais depressa chegar ao ponto em mira, êle deixe de lado circunstâncias que, sem propriamente dar outro aspecto à questão, nela entrariam para melhor a elucidar. Assim, quando aborda o estado de penúria do paiz no momento da Independência, acentua a feição geral de dissipação e o episódio final, de rapacidade, do Governo de D. João VI, sem recordar que, durante esse período, alguma coisa se gastou, bem intencionadamente, em proveito da terra e da gente. Diversos historiadores, entre êles Oliveira Lima, o teriam induzido a deixar, de passagem, duas ou tres linhas de justiça ao soberano que não fez apenas obra de esbanjamento, ostentação e egoismo. ...

Não importa, porém, este reparo em condenar a orientação seguida, em conjunto, pelo autor do livro. O seu intuito certamente merece francos louvores. Animou-o a aspiração de provar que, se alguma coisa se tem feito, alguma coisa também se tem deixado de fazer pela prosperidade e, a bem dizer, pela dignidade do Brasil relativamente aos seus atuais bens de fortuna e ao que dêles se deve esperar no futuro. Para essa demonstração, fortalece

o Sr. J. N. Brito os seus argumentos com tabelas, mapas, relatórios, dados estatísticos de toda sorte; e assim compõe um volume de duzentas páginas trabalhadas com solicitude e hombridade exemplares. No prefácio: *Do leitor*, disse-nos êle que, acima de tudo, desejava servir o Brasil. E, se bem o disse, melhor o fez.



J. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Os metais dão brilho ao lar...



Agóra muitos usam

DENTADURA POSTIÇA com mais comodidade

FIXODENT, um pó alcalino (não ácido), de agradável sabor, mantém as dentaduras postizas firmes na boca. Para comer e falar o mais comodidade, experimente um pouco de FIXODENT sobre sua dentadura postiza. Não fica na boca nenhuma sensação pegajosa. Combate o "cheiro característico de dentadura" — perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para toda o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

87-B



NOIVAS

Aqui estão três encantadoras sugestões para o dia radioso de suas núpcias. Observem como é lindo o vestido rendado. Ao mesmo tempo reparem como é lindo o bordado com o laço e com as flores do outro modelo, e finalmente vejam a suntuosidade do último, recamado de contas. E escolham.



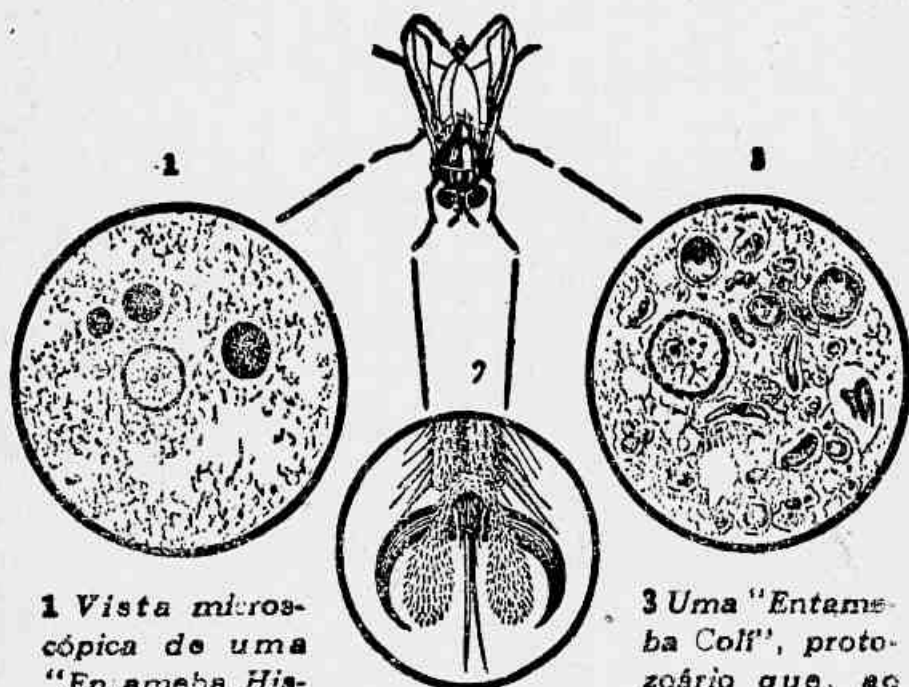
MOCINHAS

Aqui estão alguns modelos alegres e esportivos para as adolescentes. Observem a graciosidade do modelinho em fazenda quadriculada, cujo colete em fazenda lisa tem como adorno aplicações em forma de flôr, montadas no mesmo tecido da saia e das mangas. E' simplesmente encantador este vestido.

A DISENTERIA — e as moscas

Em medicina existem dois tipos bem definidos de disenteria: a amebiana e a bacilar. Ambos se caracterizam por frequentes evacuações, perda de peso, etc. A amebiana provoca o aparecimento de abscessos no fígado, que são fatais em alguns casos.

As moscas podem atuar como agentes transmissores destas enfermidades e depositar com suas patas ou suas fezes, os germes causadores da moléstia. Por isso, lutar contra as moscas, ajudando a destruir os focos onde estas se desenvolvem e multiplicam, é levar a cabo parte da profilaxia contra as referidas infecções. Complete esta ação, pulverizando em seu lar **SHELLTOX**, o inseticida científico que extermina moscas, mosquitos e outros insetos daninhos.



1 Vista microscópica de uma "Entamoeba Histolítica" com 3 glóbulos vermelhos. É um parasita e usador da disenteria amebiana.

2 Esta é a pata, muito ampliada, da mosca. Entre os pés os retém as matérias contaminadas que logo deposita sobre os objetos ou sobre a pele humana.

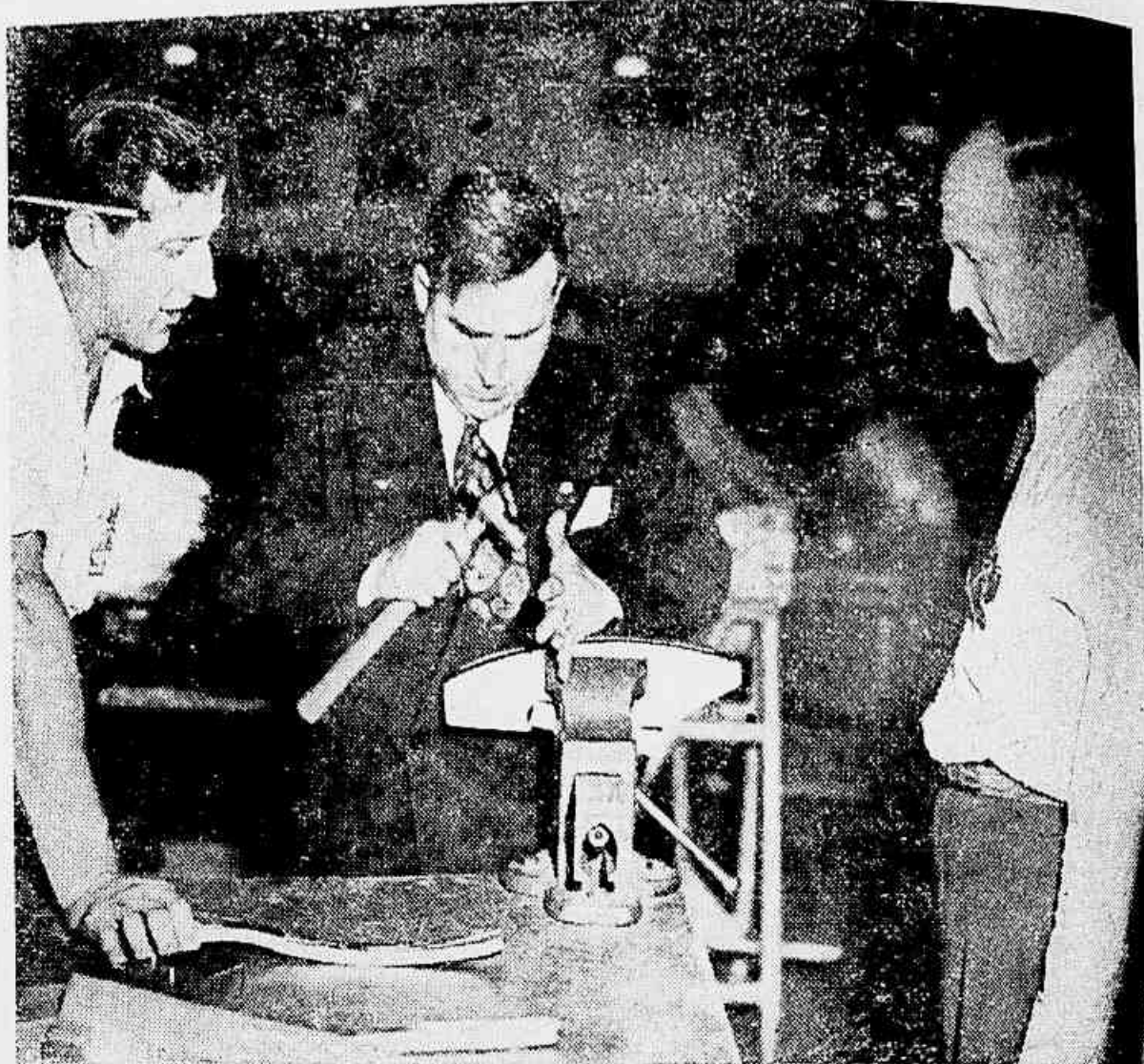
3 Uma "Entamoeba Coli", protozoário que, ao localizar-se no intestino, pode dar origem a várias enfermidades.



SHELLTOX

Não tenteia os insetos: MATA-OS!

ANGLO MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.
PRODUTOS DE PETRÓLEO



Por meio do tato, Anthony Septinelli, instrutor cego de operários cegos da Northrop Aircraft, demonstra como uma cunha pode ser moldada numa prensa. Septinelli molda metais usando os golpes de uma barra de chumbo. O metal, refrigerado a gelo seco, volta a endurecer ao recobrar a temperatura normal. "Se posso fazê-lo, você também pode", diz Septinelli a seus alunos cegos, que colaboram na construção da "Viúva Negra" (P-61) da Northrop, avião de combate noturno. O instrutor é, também, o representante do Departamento de Educação da Califórnia no campo de reabilitação profissional.

Mãos habilidosas abrem um novo caminho para os cegos da América, homens e mulheres, num experimento que já é um grande sucesso, na Northrop Aircraft, Inc.

Trabalhadores cegos da fábrica, onde a Viúva Negra P-61, famoso avião de combate noturno é construída, demonstraram, após um período de diversos meses, que dedos sensitivos podem realizar algumas das tarefas mais complicadas da indústria de guerra. Além disso, a média de peças rejeitadas dentre as fabricadas pelos cegos é menor que a mesma média dos trabalhadores fisicamente perfeitos.

Dez operários cegos, que se apelidaram "Combatentes Noturnos" em honra do avião que constroem, estão atualmente empregados na fábrica Northrop, em Hawthorne, Califórnia, operando prensas elétricas, montando travas de asa e aparelhos elétricos, limando delicadas peças e realizando uma grande variedade de outras tarefas.

Já completaram mais de 10.000 horas de produção sem qualquer perda de tempo devida a acidentes industriais e, quanto às rejeições — "Não tiveram nenhuma", diz o seu superintendente.

O pioneiro da colocação desses trabalhadores cegos nas indústrias de guerra é Anthony E. Septinelli, de quarenta e sete anos de idade, representante cego do Departamento de Reabilitação Profissional, Departamento de Educação da Califórnia.

Entrando em entendimento com a gerência da Northrop, Septinelli compareceu à fábrica e pessoalmente experimentou diversas tarefas, afim de verificar quais eram mais apropriadas às habilidades de seus companheiros. Seu sucesso abriu um novo caminho para as centenas de cegos de toda a América.

Antes de tornar-se um especialista em trabalhos para os cegos do Departamento da Califórnia, Septinelli trabalhou durante dezito anos para a Associação dos Cegos de Nova York.

UM INVENTOR

O primeiro trabalhador cego da indústria aeronáutica a receber um prêmio da Campanha de Produção de Guerra por uma idéia ori-

ginal de eficiência é Ben Helwig, de vinte e cinco anos de idade, empregado da Northrop Aircraft, Inc.

O prêmio foi conferido pela comissão da CPG por um dispositivo de detenção inventado por Helwig, que poupa tempo e material na produção aeronáutica. O operário cego não apenas teve a idéia, mas também fabricou o primeiro modelo, num trabalho que incluiu perfuração, incisão e limadura.

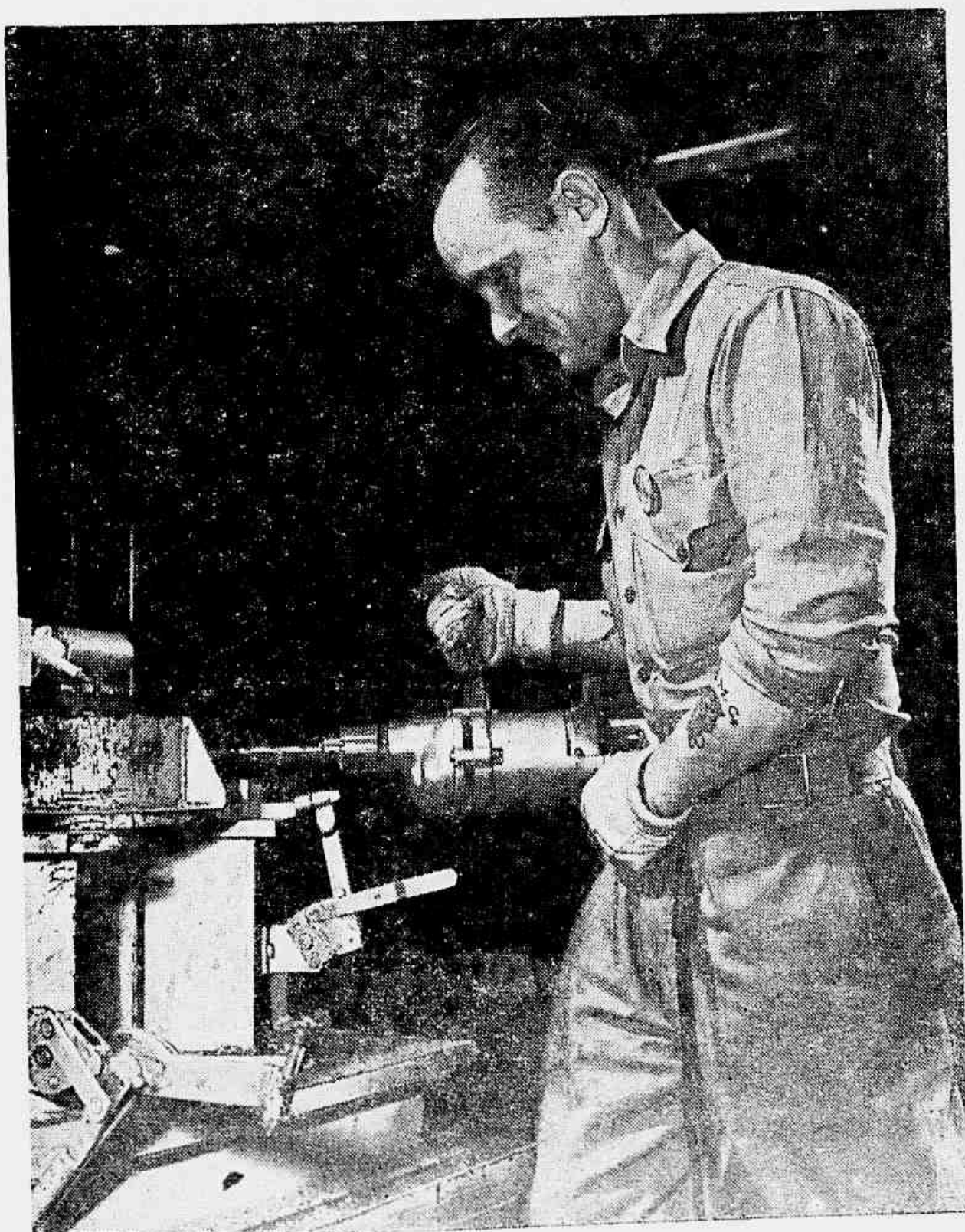
O dispositivo de Helwig é uma espécie de régua que segura preciosos manuais das formas mais estranhas, em posição afim de que o operário possa trabalhar com ambas as mãos e conseguir a pressão necessária sem estragar as peças. O invento passará a ser usado, também, por outras companhias aeronáuticas.

Helwig é um dos muitos trabalhadores cegos que cooperam na construção das "Viúvas Negras" (P-61), os mais famosos aviões de combate noturno. Há mais de um ano que trabalha para a companhia. Nasceu em San Jacinto, Califórnia, e mora atualmente em Los Angeles.

Helwig ficou cego aos quinze anos de idade, ao ser atingido no rosto por uma vara numa brincadeira. E' tratado como qualquer outro operário de seu departamento e não quer favores especiais por causa de sua desvantagem física.

Quando quiseram fotografá-lo, Helwig tirou um avental limpo de sua mesa de trabalho. O fotógrafo se adiantou para ajudá-lo a vestir o avental, mas foi impedido pelo capataz de Helwig. Em poucos instantes o inventor cego estava pronto para a fotografia — sem que ninguém o ajudasse.

Clarence Busby, ex-fuzileiro, aparece aqui operando um furador elétrico numa fábrica de aviões Northrop, em Hawthorne, Califórnia, onde foi concebida a famosa "Asa Volante" e é construída a "Viúva Negra" (P-61), o único aparelho especialmente designado para combate noturno. Busby é um veterano de Atú, vítima da "cegueira de clarão" causada pela explosão de um canhão. Ainda que cego, os médicos ainda têm esperanças de que volte a ver.



SEU CARRO ESTA'
EM CONDIÇÕES

DE
TRAFFEGAR?



AO REVISÁ-LO, EXIJA ARTIGOS DE
QUALIDADE E RODARÁ CONFIANTE

Nossas especialidades:

BATERIAS **PREST-O-LITE**
LONAS **RAYBESTOS** PARA FREIOS
BUSINAS ELÉTRICAS **KLAXON**
PEÇAS LEGÍTIMAS **CHEVROLET**
PEÇAS **FORD** LEGÍTIMAS
CARBURADORES **CARTER**
VELAS **CHAMPION** E **A C**
TINTAS **DUPONT**
PRODUTO **DUPONT N.º 7**



Peçam um exemplar do
CÓDIGO DE TRANSITO que
estamos distribuindo gratuita-
mente, em nossos balcões.

Rua do Passeio, 48 a 56

MESBLA

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — B. HORIZONTE
NITEROI — PORTO ALEGRE — PELOTAS — RECIFE

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal afirmando sentir nova juventude, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social cujo nome é **PANSEXOL**.

Um tônico estimulante indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima, dando-lhes nova vida e vigor. **PANSEXOL** existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Droguarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. **AUSTREGÉSILO**
Remetemos, pelo reembolso postal — Cr\$ 25,00 e visto
Produtos Pansexual — Rua da Estrela n.º 8 — RIO DE JANEIRO

JOCKEY CLUB MUNDANO



Domingo último mais uma brilhante reunião realizou-se no Hipódromo da Gávea, com um programa de sensacionais carreiras, que se desenrolaram no mais vivo entusiasmo. Nesta página estampamos alguns flagrantes colhidos pela nossa objetiva durante os intervalos.



...E assim é America

(Continuação da pág. 14)

cia de que realizei alguma coisa durante minha estadia na América. Isto porque não me satisfizeram os jantares de cerimônia nem os teatros. Em minhas próprias conferências procurei, através das perguntas que me foram feitas, obter conhecimentos maiores do que se fazia de fato no seio de todas as classes da sociedade estadunidense. Certa vez, por exemplo, uma pequena me perguntou o significado da palavra "namôro", inteiramente desconhecida nos Estados Unidos. E quando lhe expliquei o que era o namôro de uma mo-

cinha do interior com o rapaz da vizinhança, o queixo da garota caiu de assombro.

— Mas lá a técnica do "namôro" é diferente?

— Os "yankees" têm uma concepção muito mais liberal e realista do amor. Se um rapaz se interessa por uma moça, dirige-se logo a ela. "Alô, alô", e a coisa pega. Cinema, teatro, sorvete, whisky, segundo o gosto e o regime de cada um. O segundo ato é o beijo, que não tem lá essa significação medonha de tabu que lhe atribuem aqui. Assim, através de uma pergunta, conheci um hábito americano. E o que fiquei conhecendo a respeito dos Estados Unidos não o devo às bibliotecas ou aos guias turísticos. Devo aos pescadores de San Francisco, com quem ia conversar nos botequins, metido num blusão de trabalhador e coberto por um chapéu velho. Era ali que colhia as minhas impressões mais fiéis dos costumes e das tendências americanas.

— E o senhor não pensa em escrever um livro passado na América?

— Já tenho elaborado um romance com ambientes americanos. Os personagens são entretanto brasileiros. Apesar de conhecer alguma coisa dos Estados Unidos, sinto que se escrevesse um livro com personagens ame-

ricanos, nada produziria além de um romance falso.

— Mas a sua obra? — perguntámos — não o encoraja a escrever um romance desse feitio?

O escritor responde de pronto:

— O meu sentimento em relação à minha obra é de insatisfação. Não consegui até hoje produzir o que desejava. Assim, continuo a escrever, visando algo maior do que tenho feito até agora. Mas sei que não poderei fazer mais sobre os Estados Unidos do que um romance com ambientes americanos e personagens brasileiros. O resto seria falso. E eu não me contentaria com uma história falsa.

Foram estas as últimas palavras de Erico Verissimo à nossa reportagem. Deixámos o escritório da Livraria do Globo, onde o escritor ficou, cercado de amigos, contando ainda passagens de sua viagem à terra de Lincoln.

Aí estão suas impressões. Conhecimentos colhidos no seio do povo, nas salas das universidades, nos botequins dos portos. Elas são um relato fiel do que viu um escritor brasileiro na América do Norte. Que as suas impressões não agradem aos demais, pouco importa. Elas representam a verdade, e a verdade não deve ser enfeitada.



Não despreze a terrível

PIORRÉIA

De cada 5 pessoas — 4
(também V.S.) estão
ameaçadas

Com o abominável encolhimento das gengivas e o execrável afrouxamento dos dentes, a Piorréia ameaça hoje milhares de pessoas. Se V. S. notar que suas gengivas estão sensíveis... que sangram facilmente ao escovar os dentes... acautele-se — pode ser Piorréia!

Proteja-se imediatamente com o método experimentado Forhan, que consiste em escovar os dentes duas vezes ao dia (fazendo-se ao mesmo tempo massagem nas gengivas) com Forhan's para as gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial antipiorrético do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram notável melhora num mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para a saúde e vigor das gengivas e beleza e proteção dos dentes, comece hoje mesmo a usar o famoso dentífrico FORHAN'S para as gengivas.

Escove os dentes com

Forhan's



Poesia e carvão em South Wales

(Continuação da página 22)

Plynlimmon domina a paisagem, com seu aspecto majestoso. De seus flancos nascem dois grandes rios. O Severn é o rio mais longo da Inglaterra, com um curso de 354 quilômetros. Depois de cruzar o País de Gales, o rio se desvia para a campina inglesa, passando pela antiga cidade de Shrewsbury, mudando depois o curso para o sul, através das ricas planícies de Gloucester e Worcester, até entrar no estuário do Severn, que por sua vez se transforma no canal de Bristol — uma das principais rotas britânicas para os oceanos do mundo.

O outro rio notável que nasce no Plynlimmon é o Wye. Famoso pela pesca de salmão, o Wye atravessa uma planície de esquisita beleza, e no coração de South Wales atravessa uma grande caverna entre as montanhas, aproveitada como um grande balneário. As fontes de águas sulfúreas são a principal atração, e cidades como Llandrinded Wells rapidamente se desenvolveram como centros de grande popularidade.

No entanto, por mais variadas que sejam as atrações dessas fontes, colhe-se uma melhor impressão da verdadeira atmosfera de Gales na velha cidade-mercado de Camarthen. A cidade se desenvolveu através dos séculos em torno das margens do rio Towy, um dos menores rios galeses que vão desaguar no canal de Bristol. Camarthen é uma cidade muito apegada às suas tradições. Não será difícil encontrar nas feiras mulheres galesas vestidas com seus trajes tradicionais, com saias volumosas e um pequeno avental, cheio de rendas. No rio vemos barcos cobertos de lona, cujo estilo é o mesmo de há vários séculos, e são usados pelos pescadores de salmão.

Assim como a paisagem do sul difere da do norte, também são diferentes os temperamentos dos habitantes das duas regiões. Os norteístas são mais econômicos, ao passo que os sulistas têm mais imaginação. Mas todos têm orgulho de sua nacionalidade — de suas características raciais. Têm um espírito independente e gostam de venerar suas tradições em festivais anuais de poesia e canções. São grandes narradores de histórias e, uma vez quebrada a sua reserva natural, o galês sabe 'er espírito e contar as coisas com um vocabulário brilhante e poético.

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto? O que lhe falta é um bom Tônico reconstituinte.

Tome NUTROFOSFAN e ficará satisfeito. NUTROFOSFAN nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAÚDE

Buenos Aires às pressas

(Continuação da pág. 5)

orientação firme e inteligente. No material humano Elas são melhores do que Eles, já que num ou noutro filme se notam alguns bigodes lustrosos como aqueles que víamos, há tempos, no mau cinema europeu... O mais é de qualidade, decididamente já não é uma experiência:

é toda uma respeitável máquina em ação. E' de um cinema que merece consideração um filme como "24 Horas da Vida de Uma Mulher" — a novela de Zweig tão bem vivida por Amelia Ben- ce. E descansem: não situaram o filme em Buenos Aires, não. Lá estão Monte Carlo com seu casino e outros ambientes, mui-

(Continua na página 49)

Hidrex

ELEGANTE,
PRÁTICO E
ECONÔMICO

★
FUNCIONAMENTO
GARANTIDO
POR CINCO ANOS

★
O CHUVEIRO
"HIDREX" É O
COMPLEMENTO
DO BANHEIRO
MODERNO

PAN-LUX

O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA
"SERVE" Ltda.
LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ
FORNECER TODOS OS
APARELHOS ELÉTRICOS
INDISPENSÁVEIS NUMA
RESIDÊNCIA MODERNA



Ele

BRILHA SEMPRE! ***

Nos esportes, na vida social, no trabalho ou em casa, ele brilha sempre. E dá provas de sobrejo bom gosto pois completa seu apuro usando Brylcreem que torna os cabelos sadios e juvenis e os mantém sempre penteados. Brylcreem dá brilho, fixa sem emplastar, permite repentejar, tonifica a raiz do cabelo, evitando a caspa e a queda do cabelo. É produto científico e positivo. Sua colocação nos barbeiros de 1.ª e suas 5 embalagens diferentes, põem-no ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM
O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!



Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmoniosos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.

Zande

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA



DIAGNÓSTICO PRECOCE DA GRAVIDEZ PELO EXAME DE URINA
Exames de sangue, escrete e leite. Vacinas antígenas
Laboratório CURVELLO DE OLIVEIRA
Rua São José, 85, 4.º andar Salas 405-406
(Edifício Candelária) — Fone 22-2717

O GRANDE SUSTO DE PACÍFICO

(Continuação da pág. 26)

tremar o velho casarão. A lâmpada vacila e se apaga. Fica o nosso Pacífico, só, no meio de sua trágica dúvida, envolvido pelo súbito escurecimento das luzes. Apenas o relampaguear o ilumina em rápidos instantes. Aparece então uma figura como que fantástica. Olhos profundamente abertos, olhando fixos na parede em frente, Pacífico pergunta: "A alma, a alma, que será a alma?"

E os relâmpagos parecem brincar com o nosso herói. Atravessando a janela aberta, explodem contra a parede branca, e rápidos se dissolvem no negro da noite. A íris dos olhos de Pacífico se abrem e se fecham co-

mo as peças sensíveis de um diafragma fotográfico. Espiçam-se e se retraem, no vaivém dos relâmpagos.

Então, inesperadamente, dá-se o milagre. Pacífico estremece como se fôra todo ele um pedaço de fibra nervosa, abre mais os olhos, pisca aflito, engole tremulo a saliva que se acumula na garganta e, mais uma vez, pergunta: "A alma, a alma, que será a alma?"

Um vulto escuro, colado na parede branca, move-se de maneira estranha. Pacífico não distingue bem o que seja, mas vê nitidamente que o vulto se agita, ora iluminado, ora se apagando; ora aparecendo no negro da parede inteiramente às escuras, ora no branco da mesma parede iluminada pelos relâmpagos. Pacífico estremece como



A mulher de Paris e de Londres

Paris — (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (Fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 15 anos pelos conhecidos Laboratórios Hemo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada,

é o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá. Peça a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

Hemorroidas e Varizes

Tratamento sem operação

Para varizes (nas pernas) e hemorroidas internas, use via bucal. Para hemorroidas externas, use a pomada e tome juntamente o líquido.

Não encontrando em Farmácias e Drogarias, peça para a Caixa Postal 1874 — São Paulo.

Hemo-Virtus

BETINATI



um histórico. Que horror, que horror! Será a alma, será a alma, Deus dos céus?

E o vulto negro continua se movendo lentamente, de um lado para outro, como se estivesse indeciso do que fazer, para onde ir, o que falar.

Pacífico atento, mudo, empedrado na cadeira como um bloco de granito, é agora uma estátua. Perdeu a voz, perdeu o ar, perdeu os sentidos. Todo êle é dois grandes olhos esbugalhados de medo, fixando a enigmática sombra que se agita diante dêle na parede branca do aposento, que treme e range com tôda a casa velha sacudida pela trovoadas. Grossas bagas de suor principiam a inevitável queda pela testa luzidia de Pacífico. Ele

está tenso, todo entregue à confusão de uma infinidade de pensamentos que passam por seu atormentado cérebro; que passam e se perdem: "Será a alma?" — repete mentalmente. — "Será a alma?"

Mas — aqui chegamos ao fim — Pacífico, num movimento instintivo, quebra a paralisia que lhe tolhe os movimentos, voltando-se na cadeira e fitando os olhos no buraco negro da janela, agora fechada pelo próprio vento que rondara o aposento. E que vê Pacífico? Ah, a grande resposta! Ele ainda murmura a torturante pergunta, mas um relâmpago mais forte o desperta do grande pesadelo: o vulto na janela é... um bichano. E' o gato do dono da casa, que a todo



INTOXICADO!

Todo o seu organismo envenena-se com as toxinas produzidas pela

PRISÃO de VENTRE

Qualquer médico lhe confirmará que a prisão de ventre é a causa de uma infinidade de distúrbios, porque o homem ou mulher, vítima da Prisão de Ventre é uma pessoa intoxicada. Os resíduos alimentares, privados de uma eliminação normal e diária, entopem os intestinos e intoxicam o organismo, roubando ao corpo sua vitalidade e resistência. As Pilulas Aloicas, na prisão de ventre, mesmo nos casos rebeldes, proporcionam resultados satisfatórios.

A Prisão de Ventre

Mina e Destroi sua Vitalidade
Arruína sua Força e Saúde
Rouba sua Personalidade
Antecipa a Velhice

PILULAS

ALOICAS



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - Set. Rio
Nome
Rua
Cidade Estado RS

custo quer fugir da chuva e entrar no quarto. Pacífico quase desmaia de satisfação.

— Uf, que quase eu tive medo — disse, ainda, antes de recolher o gato.

Feliz descoberta ANTISARDINA o creme miraculoso

LABORATORIO
ANTISARDINA

Caixa Postal, 80
CURITIBA - PARANÁ



Senhores:

Em signal de gratidão pelos benefícios que obtive com o uso de ANTISARDINA, — o creme miraculoso para o tratamento da pele, unico que produz os efeitos que anuncia; ofereço-vos uma fotografia em homenagem a ANTISARDINA que é a mais feliz descoberta para o embelezamento da cutis.

Respeitosos cumprimentos

(a.) Ivopete Jacyra Nascimento
(Firma reconhecida)

DESAFIO

(Continuação da pág. 34)

- Sabe que o prazo está se esgotando?
- Citei o dia. Ele ainda não passou.
- E a hora?
- Na parte da tarde. Está satisfeito?
- Donald, você não sabe como eu vou rir quando o tiver prêso...
- Jerry?
- Não, meu amigo: você. Como cúmplice.
- Francamente, eu acho isso um pouco difícil.
- Veremos, veremos.
- Muito bem. E agora você vai me des-

culpar, que estou muito ocupado. Preparativos, compreende?

- Compreendo.
- E' isso. Até logo.



No dia marcado, mais da metade da força policial do distrito estava cercando o pântano conhecido.

— Tem coragem de deixar a penitenciária livre, sem guardas especiais? — perguntou Sir Donald a Gerald, pelo telefone, quando soube que somente o pântano seria vigiado.

— Daquele pântano nunca saiu um prêso livre.



Irresistível!

Irresistível

será a sua cutis, se a sra.

usar VAN ESS porque estes pós

e "rouges" - atomizados - dão à

pele uma suavidade de pétalas, frescor

de orvalho, fragrancia de flores...

VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...

pó de arroz e "rouge"

Van Ess

"atomizados"



★ Use também o baton VAN ESS, em diversas tonalidades de moda e à base de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

ANEL ZODIAICO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inquecível. Com o Signo Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Man-de medida do dedo, o dia e mês do nascimento. Pagando no ato de recebê-lo na Agência de seu Correo pelo Reembolso Postal. Peçam catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

— Muito bem.

— Além disso, mesmo com a força regular de guardas da penitenciária, duvido que seu engenho descubra uma maneira para fazer com que Jerry saia dela.

— E' a minha vez de dizer: veremos, veremos... Lembra-se?

As duas horas da tarde o cordão de isolamento foi reforçado. Era um cordão de isolamento de uma espécie particular. Era composto de guardas que davam as mãos, como numa sessão espírita.

As duas e meia chegou Sir Donald num carro oficial.

— Boa tarde, Gerald. Você por aqui?

Sir Gerald fôra inspecionar pessoalmente a vigilância.

— E' isso. E você, que faz por essas bandas?

Havia testemunhas e a conversa não podia ser livre.

— Ora, eu ouvi dizer que um prêso desafiou sua argúcia e disse que ia evadir-se hoje. Quis ver isso de perto.

— Você está ficando muito curioso...

— E' a idade, meu velho; como estou ficando velho e já não posso me meter em proezas dessa espécie...

— Hum...

Continua na pág. 56.

50 anos de proteção à Família Brasileira

— Uma cidade de 14.000 casas poderia ser construída com os seguros já pagos pela SUL AMERICA em seus 50 anos de existência

★

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Cajazeira Postal 971 - Rio de Janeiro

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

O CACHECOL

(Continuação da pág. 23)

— Que significa isso?

Ninguém, entretanto, dignou-se a responder-lhe. Foi levado para a chefatura de polícia.

— Prendemo-lo!

— Ótimo — disse o delegado ao ver José. — Deve ser este mesmo. Pasta, cache-col, barba. E sobretudo. Magnífico!

Ninguém quis ouvir as explicações de José. Meteram-no numa cela escura, onde ele passou a noite xingando, de todos os nomes que sabia, a polícia daquela cidade. Evidentemente fôra um engano. Mas que bandido! Então...

No dia seguinte pela manhã vieram buscá-lo para novo interrogatório.

— Sou José Montel, industrial. Várias pessoas podem identificar-me. Queira ter a bondade de telefonar para o Banco de França, por exemplo.

Na primeira oportunidade provou sua identidade.

— O senhor queira desculpar — disse logo o delegado, assim que ficou de fato apurado que não se tratava do conhecido ladrão, Jacques, mas do industrial José Montel. — Como poderíamos saber que se tratava de uma personalidade ilustre? O senhor tinha todos os sinais...

— Quer dizer que eu me pareço com o criminoso?

— Não é isso, precisamente. É que nós não podemos nunca

ver o rosto de Jacques. Ele sempre anda disfarçado. Só tínhamos como dados o fato dele ter fugido de Lyon com um sobretudo, barba crescida e um cache-col igual ao que o senhor trazia. Portanto, quando o senhor desceu, trazendo ainda a pasta com o dinheiro roubado no Banco de Lyon...

José percebeu que o ladrão, sem esperanças de fugir com o

que roubara, resolvera tentar um ardil. E conseguira passar despercebido. O que a polícia não sabia, porém, era que ele vira o rosto do famoso Jacques.

— Conseguiu, então, reaver o dinheiro roubado?

— Estava na pasta que o senhor trouxe. Lacrámo-la e mandámo-la de volta para Lyon.

— Muito bem.

Dias mais tarde, José veio a

saber que a pasta enviada a Lyon continha: duas camisas de seda, dois pares de meias e — para usar o termo empregado pelo puritano que redigira o relatório — outras peças de vestuário íntimo masculino.

Lembrando-se da noite que passara na cadeia, Montel deu uma risada.

— O bandido ainda levou o dinheiro...

Loções
GALLY
Perfumam os mais belos penteados!

Orygam
Rêve Rose.
Narciso Azul
Paris
Harpa

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



Conserve o seu otimismo! Mantenha o seu bom humor! Animo tristonho quase sempre é sinal de fígado doente. Lembre-se das "Pílulas de Reuter" quando a insuficiência hepática lhe estiver afetando a saúde e a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter

PARA O FÍGADO

RUGÔL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTÍFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

Vestidinho estampado, simplesmente adornado com pregui-nhas do mesmo tecido e um pequenino laço na cintura. O segundo, mais "habillé", tem um talho elegantíssimo, as mangas em corte "japonês", e traz como adorno apenas pequeninos botões de cristal em feitiço de flôr.

BRONZISOL
ANTISOLAR

De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBÚ**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS
VOLTAM A SUA COR NATURAL
ELIMINA A CASPA - ÊXITO GARANTIDO

CUTIS CANSADA

e sem viço



As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traidores inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá fiar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

**CREME
RUGOL**

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

PREFIRA
AGUA DE COLÔNIA LEGÍTIMA
MARCA
RION
UMA COLÔNIA CLÁSSICA



AGUA DE LAVANDA
RION

TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVANDER



sombras daqueles mistérios que foram a "mantequilla" e aquela carne malvada, quebra-dentes, que andaram por aqui fazendo a gente endereçar umas pragas para além do Rio Grande do Sul...

★

Por que motivo "Buenos Aires às pressas"? Porque tudo isto — e muito mais que não seria possível esmiuçar aqui — foi visto em 12 dias muito bem aproveitados. E porque também estas linhas foram datilografadas às pressas.

Mas ainda há um tempinho para esta curiosidade: dois empregados de balcão me disseram que conheciam os brasileiros pela elegância dos sapatos. É verdade que quase pediram água de flôr de laranjeira quan-



do eu lhes disse os preços que estamos pagando pelos sapatos sem parentesco com a Coordenação — mas assim mesmo repetiram, com inveja: "Son elegantísimos!". Um aviso para que se proíba o sr. Calixto Cordeiro de ir a Buenos Aires...

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho

compostas impecáveis

LIC. 3.518

14-3-925-D.N.S.P.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO?

Use AURIS-SEDINA

Buenos Aires às pressas

Continuação da pag 48

to bem reproduzidos, sem propósitos de economia. E viva Nini Marshall! Que comediantete! A sátira "Carmen", dirigida por Luis Cesar Amadori (que nestes últimos meses esteve trabalhando nos estúdios da R.K.O., em Hollywood), é uma delícia em tudo por tudo. Para dar uma idéia: num certo momento, ouvindo de Don José uma declaração de amor, na qual êle lhe diz que tem tonturas, Carmen recomenda-lhe vitaminas... E em outro se vê que os companheiros de Carmen são contrabandistas... de pneumáticos, o que faz com que Carmen os chame de tolos, perguntando-lhes para que tanto trabalho se os automóveis ainda nem foram inventados! A graça maior está em que tudo tem o ambiente, o cenário e a época da obra de Merimée e da ópera de Bizet, cuja partitura acompanha o filme. Notável, ainda com a esplêndida Nini Marshall, "Madame Sans Gene", de Sardou, um filme bem para ela. Mas Nini toma conta da gente, e fui vê-la ainda, longe, num bairro, em outro filme: "Santa Candida". O resultado é que acho que os filmes de Nini deviam vir aqui. Como deviam vir os de Zully Moreno, talvez a mais bonita e elegante figura do cinema argentino, que já tem figurinistas caros trabalhando especialmente para êle, sim, senhores...

Estão muito bons os jornais argentinos, exibidos também obrigatoriamente. Variados, inteligentes, bem feitos em tudo. Vi um natural que merecia um prêmio da Academia a de Hollywood, é claro — se fôsse possível: "Tempestade na Patagônia", que não tinha, de resto, nada a ver com o propalado desembarque ali de nazistas... Fazia sucesso no momento um filme com ambiente brasileiro (São Paulo no início deste século), adaptado honestamente do romance da sra. Maria Dupré: "Éramos Seis".

★

Caro, o café. 20 centavos (um cruzeiro) a xícara, bem maior que a nossa xícara e de louça fina... Barata a comida — e que fartura! No famoso Gath & Chaves um almôço do melhor — o desfile de frios e saladas é todo um préstito em homenagem à fartura de uma terra onde os "técnicos" disto e daquilo não conseguiram dificultar as necessidades do estômago de nin-

guém — no Gath & Chaves, dizíamos, um almôço e tanto, com orquestra e até um crooner, custa apenas 3 pesos e 50 centavos — menos, bem menos, de 20 cruzeiros! Mirai-vos nesse espêlho, ó "Pastoras", "Parreiras" e "Minhotas"!

E, senhores, lá a manteiga é manteiga mesmo, e a carne é uma delícia, o que quer dizer que aumentaram em mim as

Uma carícia perfumada!

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Nas cores:

- ★ Branco
- ★ Rosa
- ★ Raquel
- ★ Ocre-claro
- ★ Ocre-escuro

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. FERRAZ

REGINA — Para lhe dizer que eu... Não, Luiz. Eu não lhe digo nada. Eu vou-me embora... adeus... adeus!

(Passos)

LUÍZ (grita) — Heloisa!... Heloisa!...

(Música para encerramento)

CAPÍTULO XXXII

LOCUTOR — Na iminência da completa solução deste drama, Luízinha, Josefa e Zé Pedro já estão em S. Paulo aguardando as ordens de Regina para a grande revelação. Geraldo também já se encontra na capital bandeirante, assim como André e tia Alzira, todos em hotéis diferentes. No dia que estava fixado para Luízinha conhecer seu pai, houve um contratempo que afastou Luiz. Surgiu uma pequena cena de ciúmes que logo foi esclarecida, não havendo mais dúvidas. Chegou finalmente o momento em que Regina teve oportunidade de se revelar, o que não fez por motivos que vamos conhecer agora neste último capítulo de "Ressurreição".

(Sobe música)

REGINA — Não, Luiz. Por piedade. Não me beije outra vez. Eu preciso estar serena para lhe dizer tudo...

LUÍZ — Dizer o que, Heloisa?

REGINA — Para lhe dizer que eu... Não, Luiz. Eu não lhe digo nada. Eu vou-me embora... adeus... adeus!

(Passos)

LUÍZ (grita) — Heloisa!... Heloisa!...

(Passos e pausa)

LUÍZ — Por que teria fugido? Que mistério será este? Mas eu não a quero perder. Custe o que custar, eu não posso perder Heloisa. Há um determinismo qualquer que me prende a essa criatura. A despeito de tudo e contra todos eu a quero e eu a terei para mim.

(Música)

(Salão de jantar em hotel)

TIA ALZIRA — Qual. Eu já não me acostumo a estes lugares de alvoroço e de luxo. Eu já conheci tudo isto, André, mas hoje eu prefiro aquela praia silenciosa. Já me acostumei àquela simplicidade. Ali é tudo tão puro e tão calmo.

ANDRÉ — O que eu acho delicioso em S. Vicente é justamente a variedade de aspectos. Quem quer alegria bulhosa vai ao casino, ao cinema; enfim, mete-se na cidade. Quem precisa ou gosta de silêncio, de repouso, encontra, bem de perto, aqueles recantos de que a senhora tanto gosta e onde eu fui tão feliz.

ALZIRA — Escute, André. Eu queria ir para o meu quarto. Estou acostumada a dormir cedo.

ANDRÉ — Não quer uma sobremesa? A senhora quase não jantou.

ALZIRA — Não. Não quero mais nada. Só quero um cafexinho e você me levará para cima, sim?

ANDRÉ — Está bem. Tome o seu café e eu a levarei até o seu quarto.

GARÇON — Com licença. Aquela senhora naquela mesa deseja falar-lhe.

ANDRÉ — Ah!... sim... é meu pai. Mas que surpresa!

ALZIRA — Seu pai, André? Oh, André!... Leve-me depressa para cima. Eu não quero ver esse homem.

ANDRÉ — Mas que é isto? A senhora, que se arrepende tanto do rigor passado, quer voltar ao sistema antigo? Peço-lhe em nome de minha mãe: seja condescendente para com meu pai. Ele já está castigado. A vida já o castigou de maneira cruel. Eu próprio já lhe fiz amargar bastante o seu erro. Agora vamos perdoar. Venha comigo. E' o seu neto quem lhe pede. Continue a ser a tia Alzira humana e compassiva lá de S. Vicente.

ALZIRA — Está bem. Parece-me que você tem razão. Vamos, André!

(Transição musical)

GERALDO — Que belo encontro, André. Sente-se aqui. Tenha a bondade, minha senhora.

ANDRÉ — Esta senhora é uma pessoa que eu tive o prazer de conhecer naquele recanto de S. Vicente, lá aonde fui veranejar.

GERALDO — Ah, sim. Muito prazer, minha senhora.

ALZIRA — Igualmente, doutor.

GERALDO (para André) — Então? Como foi de viagem? Realizou o que pretendia? Já está mais calmo?

ANDRÉ — Meu pai. Eu tenho tais coisas para lhe dizer e é tão espantoso tudo o que eu tenho para lhe contar, que eu gostaria de levá-lo até meu quarto. Esta senhora também virá conosco, pois, também ela, terá alguma coisa que lhe revelar.

GERALDO — Pois não, André. Eu tencionava me recolher imediatamente. Estou cansado da viagem. Estas viagens de automóvel me fatigam muito. Mas irei com você.

ANDRÉ — Então vamos subir.

(Música)

ANDRÉ — Calcule, pois, a minha emoção quando descobri na tia Alzira a minha segunda mãe, eu que a vida inteira vivi lamentando a falta de minha família.

GERALDO — Minha emoção é maior que a sua, porque você a encontrou e pôde encará-la de cabeça erguida e eu a encontro e não tenho nem coragem de lhe pedir perdão.

(Alzira chora baixinho)

ANDRÉ — Seu perdão já eu o solicitara, meu pai. Eu estou certo de que tudo será esquecido.

(Alzira continua chorando)

GERALDO — Será mesmo, minha senhora? Eu merecerei do seu coração uma tamanha generosidade? Creia

JOÃO — Ah, é verdade, doutor! O choler quando chegou hoje de S. Paulo deixou aqui este envelope, que o doutor André esqueceu no automóvel.

GERALDO — Deixe-me ver. Eu vou guardar. Está aberto, não é? Mas o que é isto? Meu Deus, que coisa impressionante! É uma fotografia. Será da tal pequena de S. Vicente? Como se parece com a Regina! Mas é incrível! Então... Não... não é possível... seria um conto de fadas. Mas a questão é que a semelhança é assombrosa. (Chamando) João...

JOÃO — Que há, doutor?

GERALDO — Veja. Veja com quem se parece esta moça.

JOÃO — Deixe-me ver. (Pausa) Doutor Geraldo. Esta moça? Mas isto não é um retrato da dona Regina?

GERALDO — Não. Não é. Mas a semelhança é impressionante. Será possível? Bem, João. Eu vou correndo ver o meu cliente. Não deixe de telefonar ao Luiz. Diga-lhe que eu sigo hoje à noite de automóvel, e que amanhã, sem falta, estarei em S. Paulo.

(Música)

TIA ALZIRA — Já vou. Já vou. Deixe eu fechar as gavetas, rapaz. Que pressa! Que afobação! O mundo não vai acabar.

ANDRÉ — Então a senhora acha que já esperarei pouco? Dois dias. Uma eternidade.

ALZIRA — Vocês homens são assim: no princípio, acham que dois dias é uma eternidade. Mais tarde, dois meses de folga ainda parece pouco para vocês... Quando a Luízinha for uma matrona assim como eu, você vai achar que uma semana longe dela é uma semana de férias.

ANDRÉ — Bem. Vamos deixar a filosofia para mais tarde. Agora, eu só sei que a Luízinha é a mulher mais bonita do mundo, e que eu estou doido para chegar a S. Paulo.

(Música)

GERALDO — Então João? Telefonou ao Luiz?

JOÃO — Sim, doutor. Ele disse que está à sua espera. Ele ficou muito satisfeito.

GERALDO — E você fez a minha mala?

JOÃO — Está tudo pronto, doutor. Ah, é verdade. Telefonaram da casa do desembargador Sampaio, perguntando se o senhor não podia dar um pulo até lá. Parece que a vista do menino piorou.

GERALDO — Não. Não posso. Telefone para lá e diga que o meu assistente irá ver o garoto. E responda a todos os que telefonarem que deixei meu assistente incumbido de atendê-los. Não atendo a mais ninguém. Eu estou ansioso para chegar em S. Paulo.

(Música)

REGINA — Então, você acha que ele é o filho de Geraldo?

JOSEFA — Se acho, hein? Se você visse a tal fotografia que veio no jornal... Eu nunca vi coisa tão parecida...

REGINA — E por que você não me contou que a Luízinha esteve tão desquiosada? Eu teria abandonado tudo, para ficar ao lado da minha filha.

JOSEFA — Pois foi por isso mesmo que a gente não disse nada. Eu sabia que ia atrapalhar sua vida. Como você está vendo, o pior já passou. Luízinha já está mais unimada e, desde que chegou aqui, só pensa na hora de abraçar o pai. E eu não sei o que é que você está esperando.

REGINA — Até ontem não era conveniente. Luízinha estava cansada, estava muito nervosa. E hoje eu não sei o que houve, mas desde a hora do almoço que o Luiz não aparece no hotel. Já telefonei uma porção de vezes para o seu apartamento e ele não aparece. Não sei o que foi feito dele.

JOSEFA — Mas você não esteve com ele na hora do almoço? Por que não deu um jeito para ele não sair? Você agora não faz dele o que quer? Ou... já vai deixar que ele tome conta de você como antigamente?

REGINA — Não é isso, Josefa. Você bem sabe que eu agora sou outra mulher, e que o Luiz também está mudado.

JOSEFA — Graças a Deus.

REGINA — Eu o deixei sair porque ele me explicou que ia tratar de qualquer coisa referente ao seu invento. Mas eu vou lhe dizer uma coisa: a verdade, Josefa, é que quanto mais se aproxima a hora de me revelar, mais eu me sinto apavorada. Não sei o que se passa em mim.

JOSEFA — E' esquisito mesmo. Você devia até estar ansiosa por esse momento.

REGINA — Mas não estou. Eu tenho medo de mim mesma, da Heloisa, da mulher que ele ama agora e pela qual ele esqueceu a Regina.

JOSEFA — Mas que trapalhada. Então você está com ciúmes da Heloisa? Mas a Heloisa não é você mesma?

REGINA — Sim, Josefa, eu tenho ciúmes de mim mesma. A Regina é apenas o passado, é apenas a saudade; ao passo que a Heloisa é a esfinge, é o problema inquietante, é a dúvida. E os homens preferem sempre as mulheres que perturbam.

JOSEFA — Ora! Deixe de bobagens. Você precisa pensar é na sua filha. E eu acho que, ao invés de estar se preocupando em ser esfinge, você deve se lembrar, antes de tudo, que é mãe.

REGINA — E' isso mesmo, Josefa. Você tem toda razão. Que grande lição você acaba de me dar. Eu preciso, antes de tudo, pensar na minha filha.

(Música)

(Batidas na porta)

LUÍZINHA (fora) — Posso entrar?

REGINA — Entre, Luízinha.

LUÍZINHA — Então, mãezinha? Vai ser hoje mesmo?

REGINA — Não sei, minha filha. Seu pai, logo hoje, anda escondido. Não sei aonde ele se meteu o dia todo.

LUÍZINHA (brejeira) — Que é isto? Está com ciúmes, mamãe?

JOSEFA — Eu estou achando muito jeito, é isso mesmo... sua mãe está com dor de cabeça.

LUÍZINHA — Está vendo, mamãe? A Josefa coçando

da senhora, ela se esquece de que é a catalã das lembranças.

JOSEFA — Eu, ciumenta? Vem aí. Se eu fosse ciumenta seria um barulho com o Zé Pedro, mas como só chego de madrugada.

LUZINHA — Mas ela estava mal-humorada, Zefinha.

JOSEFA — Trabalhando, hein? Eu sei disso. Não é ainda que ele vive com aquelas pretensões de ser moço a vida inteira. E ele pensa que eu não vejo as olhadelas que ele bota nas arrumadeiras aqui do hotel? Aquilo é um prato, Luizinha.

REGINA — E você diz que não é ciumento, hein, Josefa?

LUZINHA — Isto não é ciúme. Isto é zelo, não é, Zefinha?

REGINA — Ciúme... O ciúme é um sentimento egoístico e o mais inútil que a gente pode ter.

JOSEFA — E' isto mesmo. E' uma bobagem esse negócio de ter ciúmes, não é?

LUZINHA — Pois eu sou mais sincera. Eu confesso que tenho um ciúme louco do meu André... (Entristecendo) E quando penso que ele vai conviver com tantas mulheres encantadoras, bonitas e espertas, eu... eu só tenho vontade de chorar. (Chora)

REGINA — Que é isto, minha filha? Não se desespere. Sua mãe e seu pai farão tudo para reconciliar o André com você. Vamos! Enxugue essas lágrimas. Olhe, eu vou perguntar ao gerente pelo Luiz. Vou ver se seu pai não está por aí. Depois voltarei para combinar o que vamos fazer. E quero achar a minha filha com uma carinha bem alegre, sim?

LUZINHA — Está bem, mamãe. Está bem. Pode ir.

REGINA — Então, Luizinha, até já.

(Passos e porta que abre o fechou)

(Ruído de automóvel)

TIA ALZIRA — Já estamos perto, hein, André?

ANDRÉ — Qual nada. Esse motorista parece que nem sabe guiar um carro. A senhora não vê como vai devagar?

ALZIRA — Devagar? Eu estou quase sufocada com essa correria. Parece até que a gente vai voando pela estrada.

ANDRÉ — Voando? Voar queria eu. Fazer esta viagem na ansiedade em que fiz para ainda esperar tanto!

ALZIRA — Você é ingrato, André. A sorte foi tão generosa com você! De sua boca não devia sair uma queixa. Um homem que sai de casa à procura da namorada e no lugar da namorada encontra uma avó, ainda tem coragem de se maldizer...

ANDRÉ (sorrindo) — Eu estou satisfeito, a senhora bem sabe disso. Mas agora eu estou ansioso por fazer as pazes com a Luizinha. Com a minha prima... A Sereia e o Netuno! Mas é isso mesmo, o Netuno e a Sereia só podem ser da mesma família...

ALZIRA — Eu estou brincando, meu filho. Eu compreendo perfeitamente o seu desejo de chegar a S. Paulo o mais depressa possível. Mas você vai hoje mesmo procurar a Luizinha?

ANDRÉ — Depois do que a senhora me contou, eu

acho melhor esperar um pouco. Ela deve estar cansada de tantas perguntas. Não nos hospedaremos em um outro hotel.

ALZIRA — E' isto mesmo, André. Vem e deixa o menino descansar um pouco. Intende-se, hein? Não ando mais pensando, eu e a Luizinha... Eu descobri um auto enquanto ela achava o pai!

(Ruído de automóvel)

(Música)

GERENTE — O doutor Vilela ainda não chegou. Ele saiu logo depois que a senhora o deixou; logo depois do almoço. Ele estava muito apressado. Mesmo assim, antes de sair, ele tentou lhe telefonar aqui da minha mesa, mas o seu telefone estava ocupado.

REGINA — Está bem. Muito obrigada.

GERENTE — As suas ordens, minha senhora. Mas olhe — ali vem o doutor Vilela. Vem subindo as escadas. Vem com aquela moça. Vou chamá-lo.

REGINA — Não. Oh, não. Não o chame. Por favor, não o chame. Eu vou subir. Eu voltarei depois.

GERENTE — Mas que tem a senhora? Está sentindo alguma coisa? Madame Casa Branca... que tem a senhora?

REGINA (distendendo-se) — Não foi nada. Foi um mal estar ligeiro. Já passou. Até já. (Passos ligeiros)

(Intervalo)

(Pronto de Regina)

JOSEFA — Mas o que é isto, criatura? Por que é que está chorando assim?

LUZINHA — Fale, mamãe. A senhora não vê que está afligindo a gente?

JOSEFA — Entra pelo quarto como um furacão, mete-se na poltrona chorando como uma criança e não tem ao menos a consideração de nos dizer o que tem. Fale, criatura! Ao menos por sua filha, que está assistindo a tudo isto e sem a menor explicação.

(Campainha de telefone)

REGINA — Se for o Luiz diga, diga que eu não quero lhe falar.

JOSEFA — Ah, então esse choro é por causa dele?

(Campainha de telefone)

REGINA — Atenda, Josefa. Depressa. Atenda!

(Campainha novamente)

JOSEFA — Ué... se você não quer falar, para que tanta pressa?

(Campainha)

REGINA — Eu vou atender. Ele pode conhecer sua voz, não é?

JOSEFA — Ele não reconheceu a sua, a minha é que há de reconhecer?

REGINA (atendendo com voz chorosa) — Alô!... Sim, sou eu. Não tenho medo. Não. Eu não estou chorando. Eu estou resmungando. Não sou deuses, não. Eu vou lá fora agora mesmo no meu apartamento. Zefinha? Absolutamente. Tu não tá lá? Onde? Mas eu não a vi, Luiz. Ah, enquanto que não o vi. Você estava com uma moça? Quem? Então era ela? Mas que veio fazer aqui? Ah... ah... pobrezinha. (Risonha) — Está bem. Já que você tem tanta coisa para contar, eu vou descer. Espero-o no mirante, depois do jantar. Até já. (Desliga) Depressa, Josefa. Dê-me o vestido que veio hoje da costureira. Depressa.

JOSEFA (rindo) — Puxa! Isto é que se chama atulhos de namorados. E eu é que sou ciumenta. Oh, Heloisa! Você não tem vergonha de fazer uma cena dessas diante da Luizinha?

LUZINHA — Oh, Josefa. Deixe de ser rabugenta. A mamãe leva toda a razão. Mas quem é a moça que está com ele, hein, mamãe?

REGINA — Era a Suzete. Ande, Josefa. Ajude-me a esfilar o vestido.

JOSEFA — Pronto, pronto. Mas então era a tal que fugiu do Levy?

REGINA — Justamente, Josefa. Ela veio porque ainda a ama apesar de tudo. Ela quer ver se casa com ele, mesmo na prisão. E o Luiz esteve tratando desse caso o resto do dia.

LUZINHA — E será possível conseguir este casamento?

REGINA — Não sei, Luizinha. Eu não entendo as leis dos homens. Eu só conheço as leis do coração.

LUZINHA — E se fosse pelo código do nosso coração hoje mesmo eles estariam casados, não é, mãezinha?

JOSEFA — Mas não pelo meu. Eu acho que homem nenhum merece um sacrifício desses.

LUZINHA — Nenhum, não é, Josefa? Menos... o Zé Pedro, não é?

(Música)

(Campainha de telefone)

LUZ (atendendo) — Alô!... Sim, pode ligar, senhora. (Pausa) Alô!... Quem é? Ah... é você, Geraldo?... Mas onde está você? Por que não veio aqui para o hotel? Eu já tinha reservado aposento. Sim... está bem... qual... você é sempre o mesmo esquisitão. Não quer jantar comigo? Bem, é natural. Então respouse e prepare-se para conhecer amanhã a fada de S. Vicente. Boa noite. Até amanhã.

(Desliga)

(Música)

REGINA — Veja você a que confusão de sentimentos nos leva o amor! A Suzete primeiro teve ódio, e esse ódio fez-lhe rebaixar-se até à delação. Denunciou o Levy a você. Depois atirou o Levy contra o Walter. E agora, quando vê o Levy metido numa prisão, apieda-se dele e descobre que, disfarçado nesse conflito, o que havia era amor, sempre amor. Que caos e que profundidade!

LUZ — Mas é isto mesmo. Não foi do caos que surgiu o mundo? Pois é do caos que surge ou ressurge o amor.

REGINA — E você acredita na ressurreição do amor? LUZ — Acredito. Como não? O amor, às vezes, parece que morre, mas é apenas o fogo sob a cinza, como diz a velha base... (Pausa) Mas que tem você, Heloisa? Está com uma fisionomia tão estranha! Há uma expressão estranha em seu olhar!

REGINA — Você acha estranho o meu olhar?

LUZ — Sim. O seu rosto, o seu olhar, a sua expressão...

REGINA — E' o reflexo, Luiz...

LUZ — Reflexo? De que?

REGINA — Do caos... (Chorando) Oh, Luiz, que tremenda e que martirizante confusão!

LUZ — Por que está chorando, minha querida? Diga-me: o que se passa com você? Fale-me com franqueza. Por que não me entrega a sua alma de uma vez? Heloisa! Eu lhe quero tanto bem, eu a amo tanto, meu amor!

REGINA — Você diz que me ama, que me quer tanto bem, mas agora mesmo garantiu que o amor pode renascer. Por isso eu exijo que me responda: você tem certeza de que o seu amor pela Regina morreu para sempre? Você não acha que esse amor um dia pode voltar?

LUZ — Heloisa. O sentimento que você me inspira é tão completo que nem mesmo a Regina, se reaparecesse, o poderia destruir. Eu amo em você todas as mulheres que passaram pela minha vida. O afeto que eu lhe tenho é como que a essência de todos os amores deste mundo. Por isso eu lhe asseguro: nem mesmo a Regina a poderia suplantir. Você para mim é a própria Regina porque você é o meu passado, é o meu presente e é o meu futuro. Você é a minha vida e é o meu amor definitivo e fatal!

REGINA (chora) — Oh, Luiz! Que tristeza, Luiz! E que tremenda confusão!

LUZ — Mas eu não estou entendendo, Heloisa! Você continua chorando? Então o fato de eu lhe querer tanto bem a entristece e preocupa? Que mistério é esse, meu amor? Que é isto, minha querida? Deixe-me beijar esses olhos chorosos! Assim. Repouse a cabeceira em meu peito. Ouça como palpita o meu coração!

REGINA (continua a chorar baixo) — Oh, Luiz... como é esquisito o que se passa em mim!

LUZ — Não chore mais. Vamos. Veja as estrelas como estão olhando espantadas o seu desespero. Elas não entendem como eu não entendo também. Heloisa. Fale de uma vez. O que há? Que se passa com você? Estamos tão sozinhos aqui neste recanto, no nosso refúgio de todas as noites, sob a proteção das estrelas, que estão sempre conosco e que têm sempre velado os nossos momentos de enlêvo. Fale-me, pois, com a máxima franqueza. Apenas eu e Deus a ouviremos, minha querida. Eu, que estou disposto a tudo ouvir e a tudo perdoar. E Deus, que tudo sabe e tudo perdoa. Deixe-me abraçá-la melhor. Assim. Bem juntinho de meu coração. (Regina continua chorando baixo) Não tem coragem, Heloisa? Eu vou lhe dar um beijo. Dê-me os seus lábios. E' a minha alma que vai ao encontro da sua!

(Beijos)

REGINA — Não, Luiz. Por piedade. Não me beije outra vez. Eu preciso estar serena para lhe dizer tudo...

LUZ — Dizer o que, Heloisa?

SÃO LUIZ

FONES 25.7679 • 25.7459



RIAN

FONE: 47.1144



VITÓRIA

FONE: 42.9020



AMERICA

FONE: 48.4519

DIA 25



Quando os nossos
avós eram jovens...
os impagáveis reis
da alegria faziam
coisas do
ARCO da VELHA



BUD LOW
ABBOTT & COSTELLO

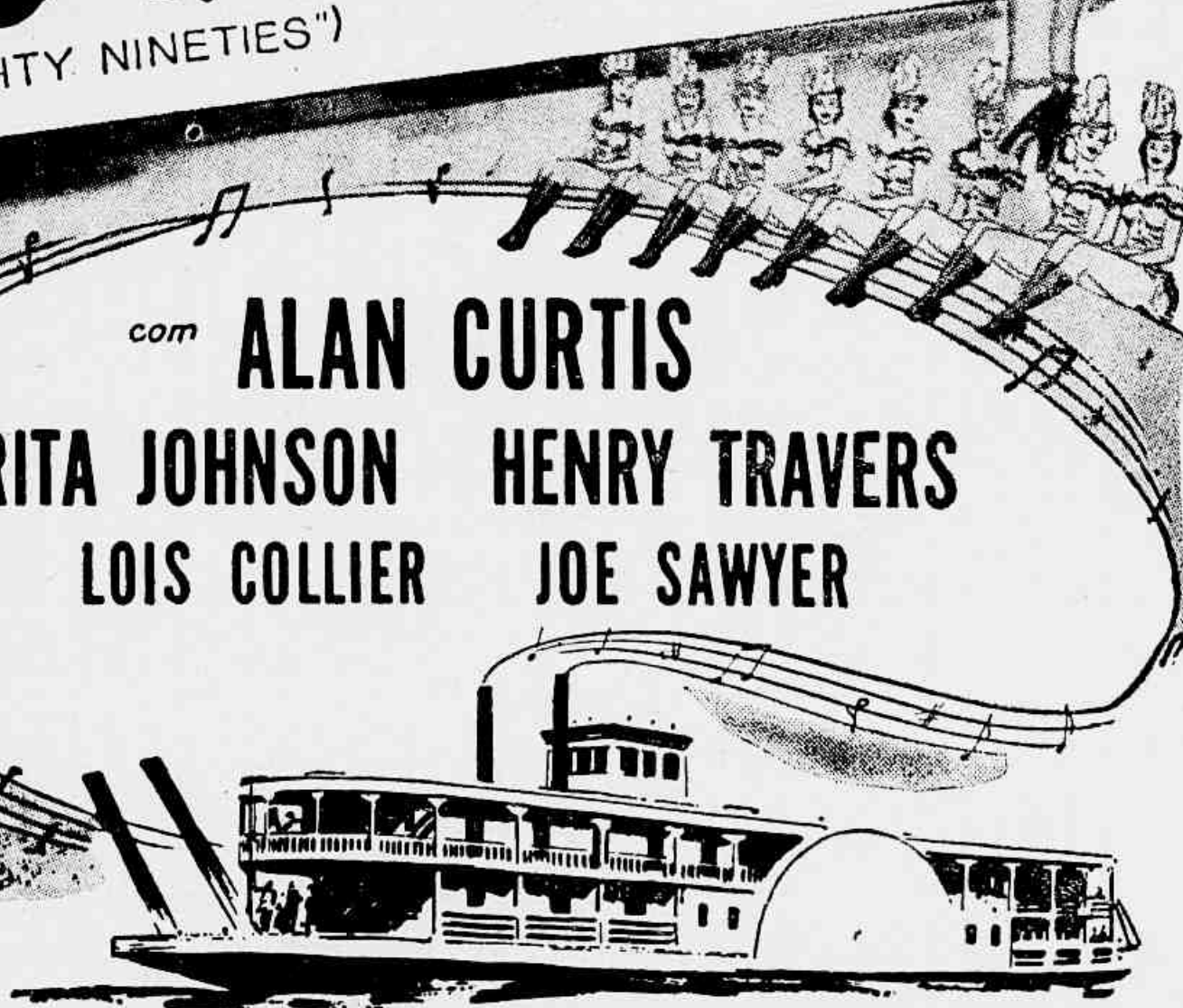


Os AMIGOS da ONÇA
("THE NAUGHTY NINETIES")



com **ALAN CURTIS**
RITA JOHNSON HENRY TRAVERS
LOIS COLLIER JOE SAWYER

A comédia mais
engraçada do ano!



Acompanham COMPLEMENTOS NACIONAIS

Aguardem
"CAPRICHOS DO DESTINO"
"UNCLE HARRY"

com **GEORGE SANDERS • ELLA RAINES • GERALDINE FITZGERALD**



Em cima — No throno a Rainha da Primavera de 1945, sta. Maria da Penha Guimarães, precedida pelas princesas do séquito real e pela Rainha de 1944, sta. Anésia Nogueira e suas princesas. A esquerda — A sta. Anésia Nogueira dançando a valsa "Vozes da Primavera" com o sr. Alencastro Guimarães. Em baixo — A cerimônia da coroação da Rainha da Primavera de 1945. O comandante Abelardo Matta coloca a coroa simbólica à cabeça da sta. Maria da Penha Guimarães. Este foi um dos momentos culminantes da bela festa do C. S. O. F.

O "BAILE DA PRIMAVERA"

No Clube Social Olimpico Ferroviario

O Clube Social Olimpico Ferroviario, associação dos funcionários da Central do Brasil, abriu pela primeira vez os seus salões com a realização do "Baile da Primavera", que contou com a presença do

representante do Presidente da República, do coronel Alencastro Guimarães, chefes de serviço e altos funcionários da Central, além de grande número de ferroviários e suas famílias. Teve início a sessão





A festa do C. S. O. F. teve início com a solenidade inaugural do novo salão. No flagrante acima vemos discursando sobre o ato o sr. José Moacyr de Andrade Sobrinho. Estão presentes os srs. comandante Abelardo Matta, representante do sr. Presidente da República; coronel Alencastro Guimarães, diretor da Central do Brasil; diretores de serviço da Central; convidados especiais, jornalistas, ferroviários e suas famílias.

festa, realizada no primeiro sábado do mês, com a inauguração do novo salão do Clube, falando no ato o sr. José Moacyr de Andrade Sobrinho e, logo a seguir, discursando o coronel Alencastro Guimarães sobre a homenagem que foi prestada ao sr. Getúlio Vargas, que teve o seu busto inaugurado naquela ocasião, como patrono que é do Clube. Ocorreu ainda significativa manifestação ao coronel Alencastro Guimarães, cuja efigie foi inaugurada. Observaram-se a seguir as solenidades do "Baile da Primavera", com a coroação da Rainha da Primavera de 1945, previamente eleita pela numerosa classe, tendo recaído a escolha na sta. Maria da Penha Guimarães. Ocupado o trono pela Rainha de 1944, sta. Anesia Nogueira, cujo reinado expirava, logo dava entrada no salão a nova soberana, conduzida por luzida côrte de príncipes e princesas, recebendo o cetro das mãos da sua antecessora. Nesse momento o comandante Abelardo Matta, representante do Presidente da República, colocou na augusta fronte a corôa simbólica, sob palmas da assistência. Ouviram-se, então, os acordes da valsa "Vozes da Primavera", de Strauss, que foi dançada em primeiro lugar pela Rainha de 1945, tendo por par o comandante Abelardo Matta, pela Rainha de 1944, com o coronel Alencastro Guimarães, pelos príncipes e princesas. Generalizaram-se, então, as danças num ambiente de grande animação, prolongando-se até a madrugada. Foi, enfim, uma festa encantadora o "Baile da Primavera" do C. S. O. F., acontecimento social de grande brilho, que marcou auspiciosamente o início de uma nova fase na vida dessa pujante agremiação.

Os sócios do Clube Social Olímpico Ferroviário manifestaram sua simpatia e aprêgo ao coronel Napoleão de Alencastro Guimarães, inaugurando a sua efigie. A fotografia de baixo representa o momento em que, depois do representante do sr. Getúlio Vargas desterrar a bandeira que a cobria, os presentes fazem reboar pela sala o seu aplauso a essa iniciativa dos ferroviários, que encontrou em todos franca adesão.



Em cima — O busto do Presidente Getúlio Vargas foi inaugurado no salão do Clube Social Olímpico Ferroviário, do qual o primeiro magistrado do País é patrono. Discursando na ocasião, o coronel Alencastro Guimarães referiu-se àquela homenagem como um preito de gratidão da grande classe ao Chefe do Governo, do qual vem recebendo eficiente amparo e assistência. Esta cerimônia foi muito aplaudida pelos presentes.



Vê-se em baixo um belo aspecto das danças num dos ângulos do salão do Clube Social Olímpico Ferroviário. A encantadora "Festa da Primavera" teve um transcurso magnífico, reunindo a grande família ferroviária num dia de grande gala para a numerosa classe. A animação, que se observa no flagrante fixado pela objetiva da REVISTA DA SEMANA, foi a nota destacada daquela festa prestigiada pelo diretor da Central.



GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
 OFICINA COMPLETA
 RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

DESAFIO

Continuação da pág. 46

— Diga-me: que precauções tomou?
 — Muito simples. O pântano está cercado por uma cadeia de policiais. Não há nem uma fresta. Como sairá o criminoso?
 — Sei lá!
 — Além disso, eles têm uma descrição de Jerry Matthews.
 — Eficiente, muito eficiente. Esperemos os resultados, entretanto, para podermos julgar.
 — Muito bem.
 A espera começou. Era longa e tediosa.

— Um joguinho de cartas?
 A sugestão partiu de Donald.
 — Trouxe baralho?
 — Trouxe — comentou o ministro. — Eu esperava uma coisa mais ou menos assim. Longa espera...

De dez em dez minutos vinha um relatório dos diversos postos. Sir Gerald ouvia, êle mesmo.

— Já é a quinta vez que interrompem o jogo — protestou Donald, certa vez.

— Ora, meu amigo: com certeza quer que eu não me informe a respeito do que se está passando...

— Longe de mim esse pensamento. Vá. Vá informar-se. E, por curiosidade, eu queria ouvir também o relatório dessa vez.

— Vamos.

— Um telefone de campanha colocado perto foi ligado.

— Pôsto 1?

— Nada.

— Pôsto 2?

— Nada.



NUNCA É TARDE PARA ENSINAR
 À SUA FILHA QUE O "OLEO DE
 PEROBA" LUSTRA, LIMPA E
 RENOVA MÓVEIS...



SOFRE DO FÍGADO?
 TOME
BIO-HEPAX
 PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMITINA

— Pôsto 3?

— Nada.

Sir Donald sorria abertamente. Nove postos. O nono informou:

— Saíram, agora mesmo, dois homens. Um guarda e um prêso.

— Um sentenciado? — Sir Gerald agitou-se.

— Sim. Muito mais baixo do que o homem que esperamos. Nenhum sinal igual.

— Bem. Mais alguma coisa?

— Mais nada.

— Para onde ia o sentenciado?

— Para a prisão provisória, aguardar o fim de sua sentença. Só faltava para êle uma semana.

— Muito bem. Mais alguma coisa?

— Não. Somente êsse prisioneiro, quando passou, olhou para mim e disse: "Tudo pronto". Acho que êle se referia à sentença que vai acabar, porque logo depois piscou os olhos...

Sir Donald disse, subitamente, com a voz mais calma dêsse mundo:

— Acho que já podemos ir para casa.

Sir Gerald assaltou-se:

— Como?

— Seu homem fugiu.

— Ora!

— Vale uma aposta?

— Lógico!

— Vinte libras?

— Cem libras.

— Combinado!

Sir Gerald puxou o livro de cheques assinou um no valor de cem libras e disse:

— Vamos ver.

Ligou o telefone para a penitenciária.

— O homem ainda está aí?

— Não, senhor. Desapareceu. Mas o senhor disse que êle seria prêso no pântano... Não demos o alarme por êsse motivo.

— Imbecis!

Mandou procurar Jerry no pântano.

— Inútil!

Sir Donald estava rindo.

— Eu já disse que era melhor irmos para casa.



O outro voltou-se, furioso.

— Mas antes — completou o ministro — com licença! — E embolsou o cheque de cem libras.

★

— Como? Como? Como?

— Agora que ele está salvo eu lhe digo.

O caso era tirá-lo do pântano que você estava

vigiando. Ele nunca atravessaria a rede de policiais. Mande, uma semana antes, um agente meu para o pântano, com papéis falsos para passar como um prisioneiro que estava terminando a sentença. Ele passou e os guardas nem notaram. Foi o homem que disse que estava tudo pronto. Era um sinal para mim de que tudo estava terminado.

— Mas o homem eu sei que passou! E Jerry?

— Estavam procurando um prisioneiro, não é verdade? Ou um prisioneiro disfarçado, não

é isso? Mas estavam procurando um guarda acompanhando um prisioneiro? Não. Jerry era o guarda que acompanhava meu agente.

— Mas como fugiu da penitenciária?

— Bem, o chefe dos guardas...

Sir Gerald ia pegar o telefone, mas Sir Donald impediu-o.

— Não adianta. O chefe dos guardas também está a salvo no estrangeiro, junto de

Jerry. São os meus melhores agentes. E, por falar nisso, eu tenho um encontro marcado. Mas uma vez, meu amigo, vou cometer um crime, ou, melhor, vou mandar que cometam um crime, mas desta vez não o avisarei, porque seria perigoso...

Sir Gerald mandou segui-lo. Nada aconteceu. O ministro do Exterior gostava muito de uma boa pilhéria...

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

DE HOMEM PARA HOMEM

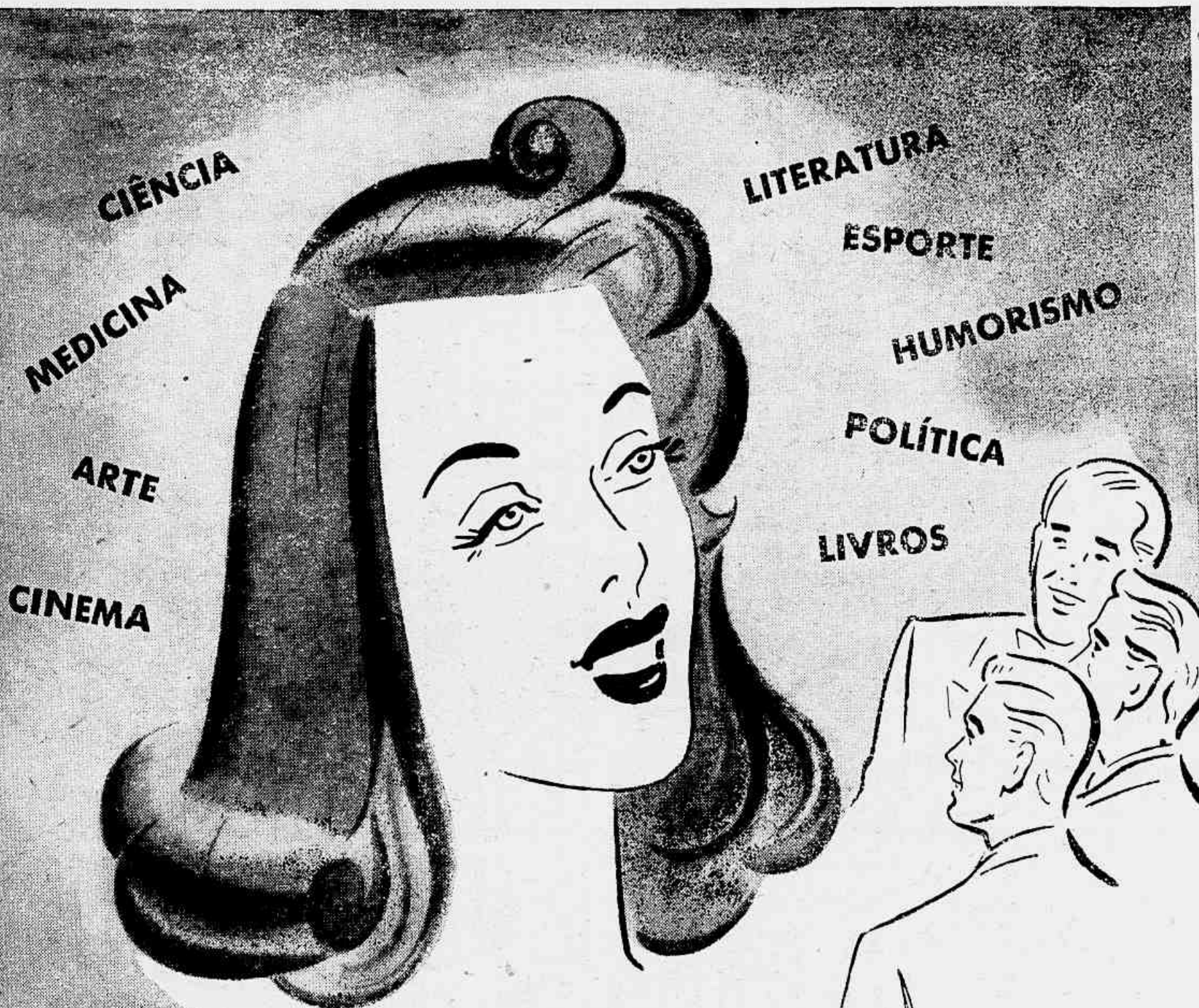
DEIXE DE PESSIMISMO
RAPAZ, FAÇA COMO EU.



Tenho mais de 60 anos e desde que comecei a usar as Pilulas Maratú, sinto-me cada vez mais jovem. Este poderoso tônico nervino é composto de duas plantas brasileiras: a Catuaba e a Marapuama (Acanthos viridis). Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos indígenas que usavam-nas como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Elas lhe restituirão o entusiasmo perdido, proporcionando-lhe uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Experimente-as e verá. As Pilulas Maratú são licenciadas pela Saúde Pública como tônico nervino, no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações.

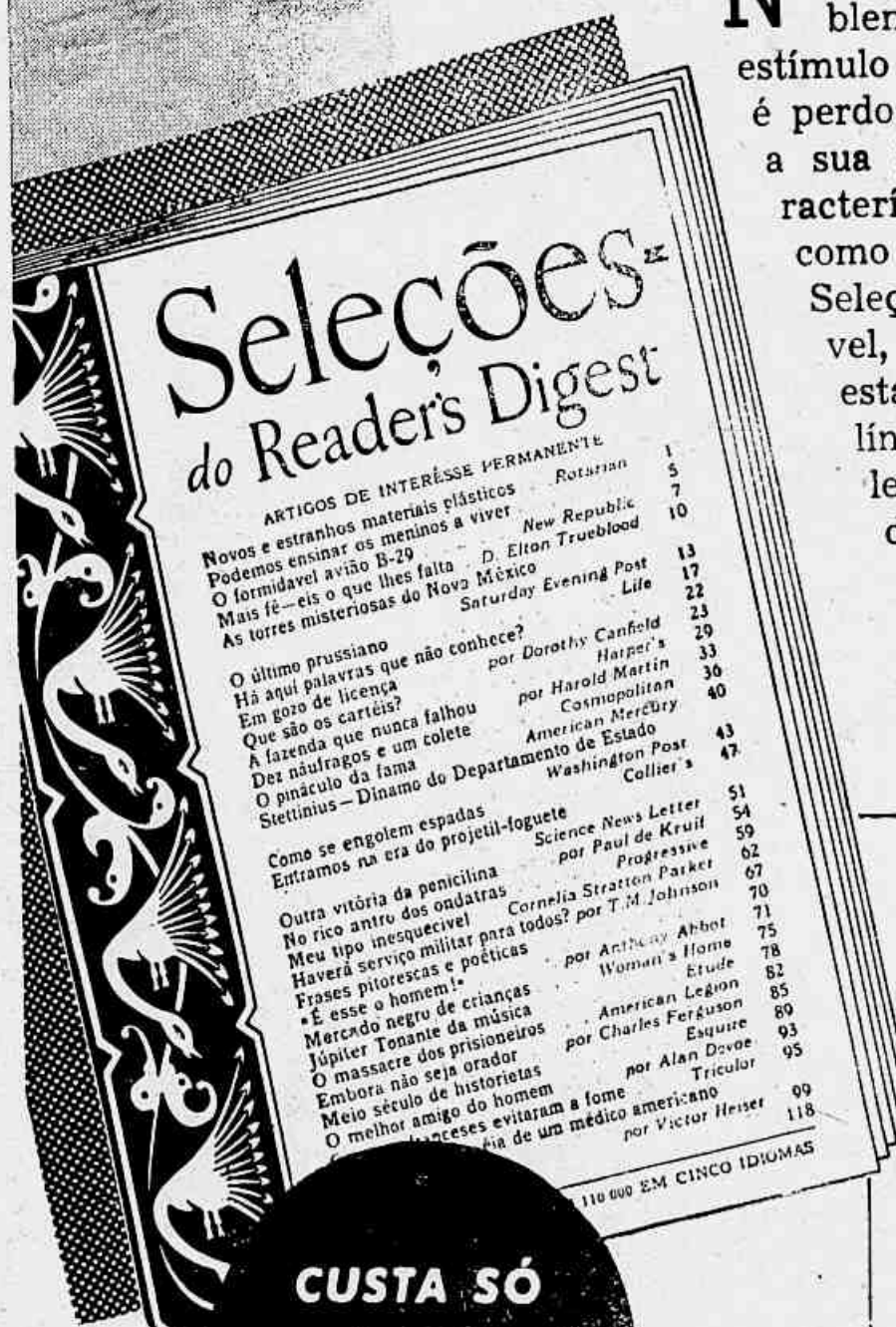
**PILULAS
MARATÚ**

O SEGREDO DA MOCIDADE



No MUNDO moderno, onde são tantos os problemas e tantos os motivos de debate e estímulo mental, a uma pessoa inteligente não é perdoada a falta de assunto. Para dar, pois, a sua palestra, o encanto e a vivacidade característicos das pessoas bem informadas, faça como milhões, em todo o mundo — leia Seleções. Seleções apresenta, em estilo conciso e agradável, matéria abundante que, de outro modo, só estaria ao alcance de quem conhecesse várias línguas e dispusesse de tempo e dinheiro para ler centenas de revistas mensalmente. Esteja em dia com o mundo e com os mais importantes acontecimentos da vida universal, lendo Seleções.

SELEÇÕES é lida pelas pessoas bem informadas em todo o mundo!



CUSTA SÓ
CR\$ 3,00



DOROTHY THOMPSON — famosa articulista e comentarista: "Muitos dos problemas mundiais poderiam ser evitados se os cidadãos de um país tivessem tido a oportunidade de conversar livre e freqüentemente com os cidadãos de outros. E é por isto que dou boas vindas a cada nova edição em língua estrangeira do Reader's Digest".



SRA. MARIA MARTINS PEREIRA DE SOUZA — esposa do nosso embaixador nos EE. UU., diz: "Sempre encontro estímulo e inspiração nos artigos de Seleções. Eles capacitam-me a compenetrar-me de que homens e mulheres de todo o mundo continuam perseverando na procura de solução para os muitos e vitais problemas que tocam a todos nós".

Pés doridos?

Este sofrimento se reflete nas rugas de seu rosto!



Obtenha alívio imediato com um Remédio ou Aplicação do Dr. Scholl! Custo reduzido.

Faces sulcadas pela dor; indisposição; nervos cansados; fadiga; falta de energia; menor capacidade de trabalho — estes são apenas alguns dos resultados nocivos que pode causar um mal nos pés.

Liberte-se deste sofrimento! O Dr. Wm. M. Scholl, famoso cientista e autoridade em males dos pés, criou um remédio, uma aplicação ou um Suporte de Arco para o alívio de cada mal-estar nos pés. À venda nas drogarias, sapatarias, perfumarias e várias outras lojas em todo o mundo. Seu custo é reduzido. Procure a marca Dr. Scholl.

ARCOS DÉBEIS

Foot-Easer Dr. Scholl e exercícios apropriados aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nos pés e nas pernas, quando devidos aos arcos fracos ou caídos.



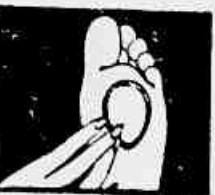
CALOS DORES NOS DEDOS

Os Zino-pads Dr. Scholl aliviam imediatamente os calos, eliminando a pressão do calçado. Macios e acolchoados, impedem a formação de calos e bolhas d'água.



CALOSIDADES

Os Zino-pads Dr. Scholl, em tamanho especial para calosidades, aliviam a dor, suavizam a pressão sobre o ponto dolorido. Despreendem, rapidamente, e estirpam as calosidades.



JOANETES

Os Zino-pads Dr. Scholl, tamanho especial para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas, eliminando a pressão do calçado.



PÉS QUENTES E CANSADOS

O Balsamo Pélico Dr. Scholl dá alívio imediato, eliminando a ardência e o cansaço dos pés muito doloridos.



JOANETES

O Redutor de Joanetes Dr. Scholl, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do calçado, corrigindo-lhe a deformação e mantendo sua forma.



UNHAS ENCRAVADAS

O Onixol Dr. Scholl é excelente contra o sofrimento causado pelas unhas encravadas. Suave emoliente, permite que as partes inflamadas sejam removidas.



Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

SUPORTES DE ARCO-REMÉDIOS-CALÇADOS

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS

RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO
RUA AROUCHE, 71 - SÃO PAULO

DIABETE -- OBESIDADE -- MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas de secreção interna.

METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

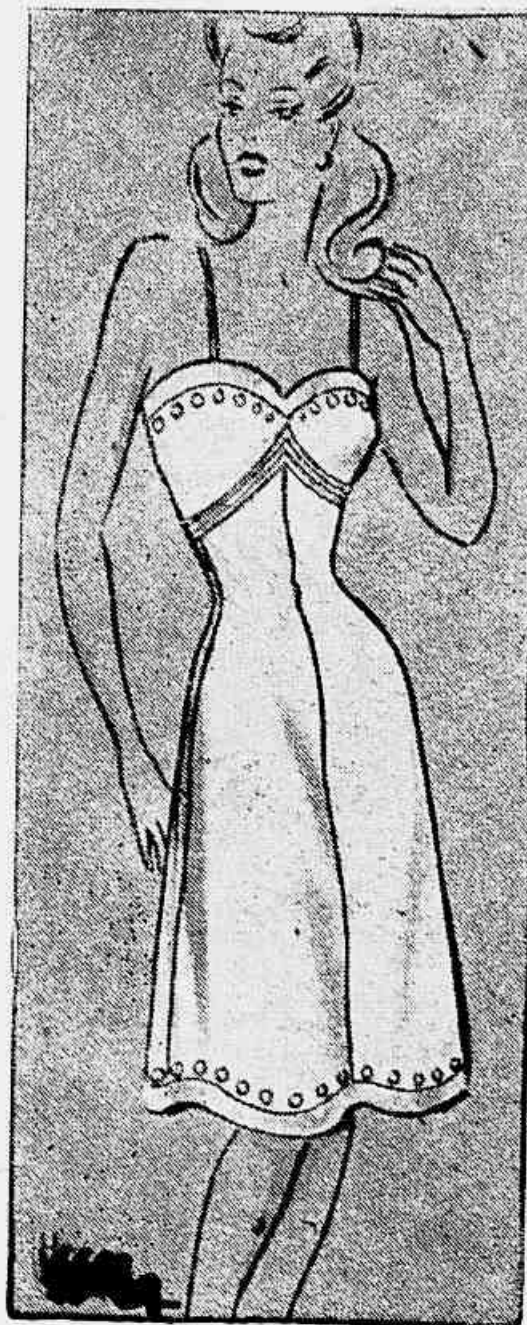
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

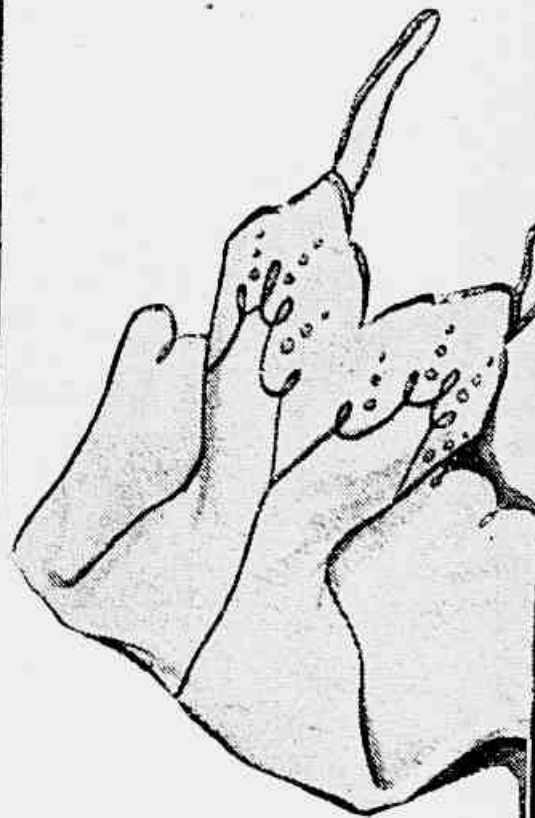
Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edifício Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 hs.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
À VENDA EM TODA A PARTE

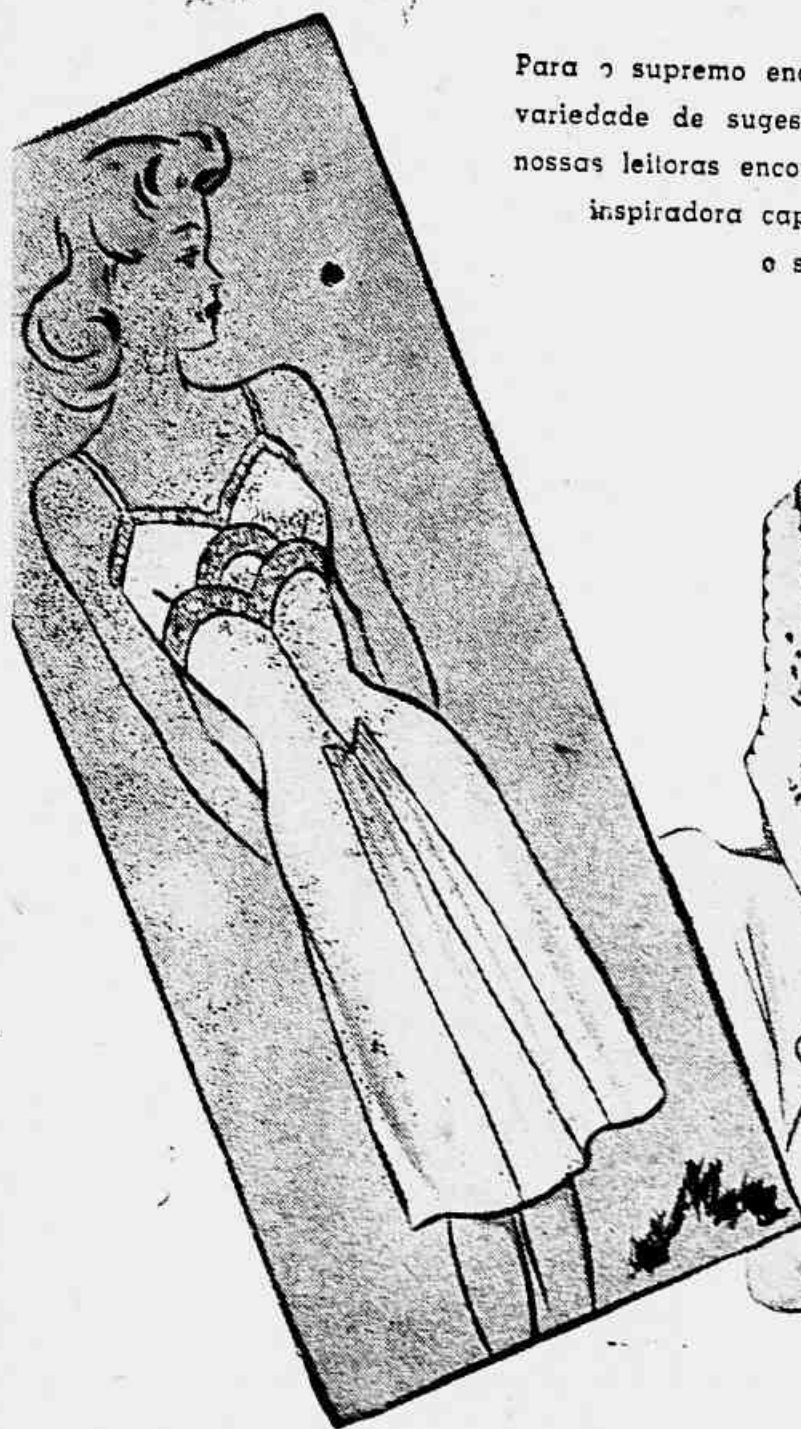
CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



INTIMIDADE



Para o supremo encanto da sua intimidade, aqui está uma variedade de sugestões cada qual mais sedutora. Que as nossas leitoras encontrem neste série de modelos uma fonte inspiradora capaz de tornar ainda mais sugestivo o seu enxoval de interior.



O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECENTAS
MÉTODAS COM EXATIDÃO

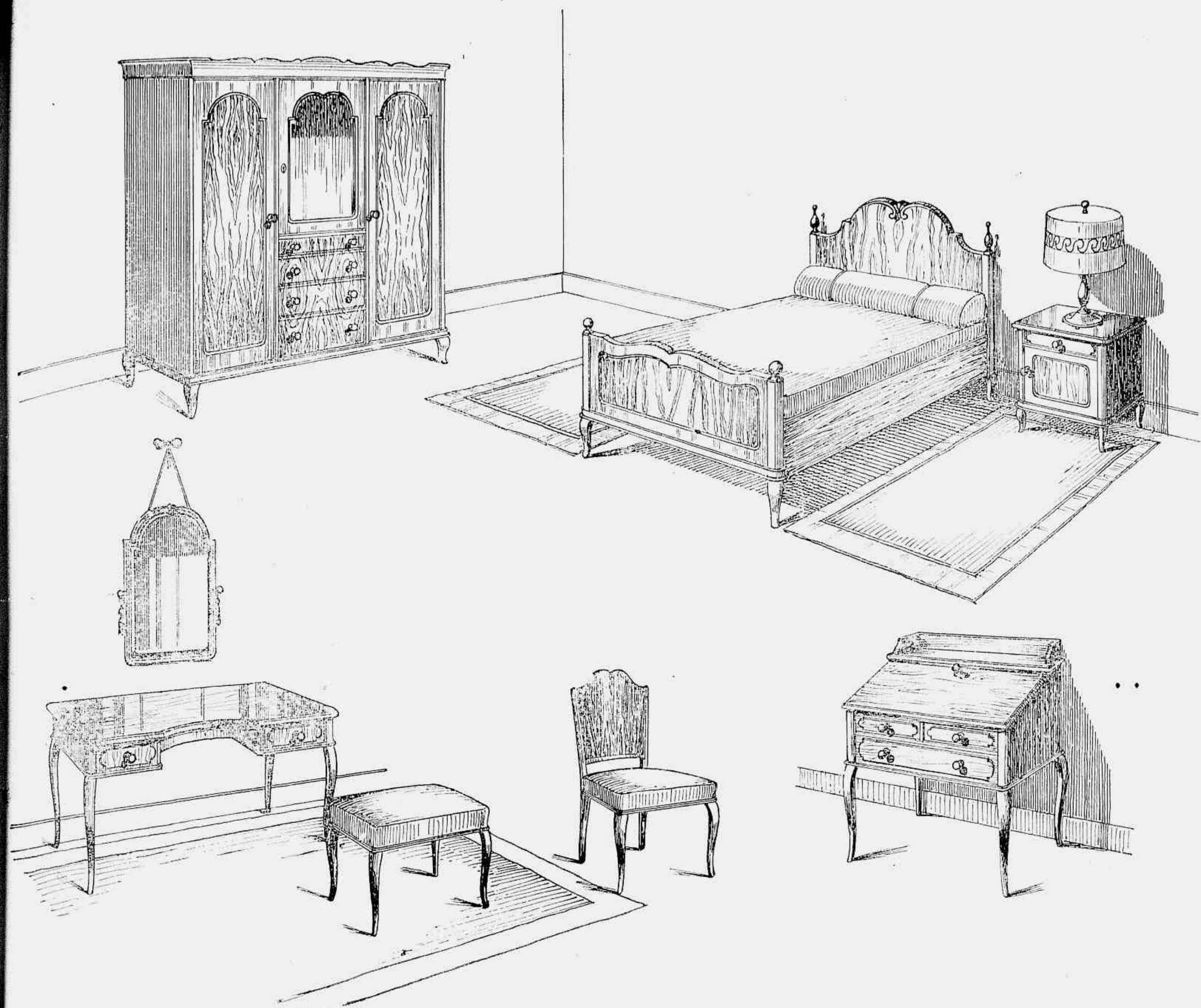
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

Joaalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



MOVEIS RUSTICOS

Estes móveis coloniais estilizados, muito em voga atualmente, oferecem a quem os possui, além da economia representada pelo custo reduzido, o encanto da singeleza e a beleza da simplicidade. Trabalhados em madeira clara, primam pela sobriedade dos contornos e pela simplicidade das linhas. A pintura não é feita a verniz, de modo que os móveis apresentam a superfície fôska, que lhes da maior encanto e empresta ao dormitório um tom alegre e sadio. Não tendo penteadeira, a mobília se compõe de toucador, mesa inclinada, guarda-vestido e criado-mudo. A mesa inclinada pode fazer de escrivaninha, o que representa uma ótima solução para a falta de espaço, contra a qual lutam os moradores de apartamentos.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

